

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

Stôr ou Professor, eis a questão

A importância das emoções na sala de aula

João Paulo Ribeiro de Sousa

M

2020



João Paulo Ribeiro de Sousa

Stôr ou Professor, eis a questão.

A importância das emoções na sala de aula

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino

Básico e no Ensino Secundário,

orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Orientadora de Estágio, Professora Maria de Fátima Mota

Supervisor de Estágio: Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020

João Paulo Ribeiro de Sousa

Stôr ou Professor, eis a questão.

A importância das emoções na sala de aula

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História do 3.º ciclo do Ensino
Básico e Ensino Secundário

orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Orientadora de Estágio, Professora Maria de Fátima Mota

Supervisor de Estágio, Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Dedicatória

*À minha filha Constança por entrar na minha vida, isto é também por ti.
À minha esposa, amiga e companheira Liliana por participar em todas as minhas
conquistas, e ajudar-me nas dificuldades e, sobretudo, por toda a caminhada que
vamos fazendo juntos.*

*Aos meus pais João e Graça, pelo amor, educação e valores que me transmitiram e ao
meu irmão, Joaquim sempre presentes e importantes na minha vida.*

*Aos meus professores Luís Alberto Marques Alves e Maria de Fátima Mota por toda a
ajuda e dedicação para comigo.*

*Aos meus alunos da Escola Secundária de Penafiel, por toda a disponibilidade e forma
como se dedicaram aos meus desafios. Eles são a demonstração clara que devemos dar
voz aos alunos.*

Sumário

Declaração de honra.....	4
Agradecimentos	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Índice de Figuras.....	8
Índice de Gráficos.....	9
Lista de abreviaturas e siglas	10
Introdução.....	11
1. Enquadramento Teórico.....	15
1.1. Emoções e Sentimentos.....	15
1.1.1. Emoções na Aprendizagem	18
1.1.2. Estados Emocionais.....	20
1.2. Inteligência Emocional.....	23
1.2.1. Cérebro, Sistema Límbico e Amígdala	27
1.2.2. Testes ou Atitudes?	30
1.3. Educação Emocional.....	33
1.3.1. Vantagens e Objectivos da Educação Emocional	34
1.3.2. Os Docentes e a Educação Emocional	37
2. Contexto.....	40
2.1. A Escola.....	40
2.2. A Disciplina: História A.....	41
2.3. Os alunos	43
3. No interior da sala de aula	46
3.1. Cartões de Aprendizagem.....	46
3.2. Diários de Bordo	50
4. No exterior da sala de aula.....	69
4.1. Conferência sobre a importância das emoções na escola	69
4.2. Visita de Estudo à Rota “Porto Liberal”.....	83
5. A opinião dos alunos na partida e na chegada	109
5.1. Questionários	110
5.2. Análise de resultados.....	112

...Afinal em que ficamos?.....	133
6. Bibliografia	136

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2 de setembro de 2020

João Paulo Ribeiro de Sousa

Agradecimentos

Foi uma viagem longa, trabalhosa e vivida com o máximo de responsabilidade e dedicação, contudo, não posso esquecer todas as ajudas e conselhos recebidos, reconhecendo uma profunda gratidão a todos aqueles que me ajudaram a ser bem sucedido neste processo.

À Escola Secundária de Penafiel por me receber de braços abertos, os funcionários e docentes que conheci neste ano de estágio. Foi um ano de confirmações, de objetivamente dizer que quero ser professor de História e que me revejo neste trabalho, e que para isso também foi essencial o papel da comunidade educativa que pude conhecer.

A todos os alunos com quem trabalhei ao longo do ano, foi com as suas ideias, pensamentos e opiniões que confirmaram o caminho que quero seguir como professor, e que sinto ser o apropriado aos dias que vivemos. Obrigado por toda a dedicação e por todos os momentos que vivemos.

Por último mas não menos importante, tenho de ressaltar duas pessoas fundamentais neste ano letivo e que sem elas o resultado não seria tão positivo como foi.

A minha orientadora, a professora Maria de Fátima Mota, a humildade, experiência, conselhos, compreensão e ajuda foram fulcrais e ficará para sempre guardada na minha memória como uma excelente professora e uma extraordinária pessoa.

O meu supervisor, o professor doutor Luís Alberto Marques Alves, (curiosamente a primeira pessoa que conheci na Faculdade de Letras, foi quem me fez a entrevista de acesso ao mestrado). Foram dois anos de experiências e vivências irrepetíveis, do qual absorvi todos os ensinamentos possíveis. Foi e continua a ser uma ajuda indispensável para o meu percurso neste mestrado, sempre com observações pertinentes e corretas, sempre disponível para me ouvir, para me facultar livros, incentivando-me numa fase de incertezas e dando-me a força necessária para seguir o caminho que tinha idealizado. Parafraseando Antoine de Saint Exupéry, em o príncipezinho, *“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”*, e eu do professor Luís Alberto, levo muito comigo. Muito, muito obrigado.

Resumo

Este relatório, coloca em foco a importância das emoções, inteligência emocional e educação emocional no contexto de sala de aula e de que forma o professor as pode potenciar como ferramentas agregadoras e potenciadoras para a aprendizagem.

No meu estágio de iniciação à prática profissional constatei a relevância e pertinência das emoções no seio escolar, este que é atualmente incapaz de oferecer aos alunos algo fundamental: aprender a sentir, envolvendo os alunos na aprendizagem dos conteúdos programáticos, demonstrando-lhes que a escola e mais concretamente os professores se preocupam com eles. É essencial uma escola de qualificação, interessada na qualidade do seu ensino e na formação de cidadãos, mais do que uma escola quantificadora, castrada por rankings, em que os números são vitais, e tudo gira em torno deles.

Acredito que o professor pode ser preponderante na forma como aborda os alunos, mostrando-lhes que estes têm voz e que podem e devem ser ouvidos. Por muito bom professor que se possa ser, por muito boa aula que se tenha preparado, se o aluno não estiver bem emocionalmente, não aprenderá. Assim, fui ao encontro desta perspetiva e utilizei os cartões de aprendizagem, através dos quais os alunos demonstravam a sua opinião sobre a aula e seu estado emocional.

Demonstro também por intermédio de trabalhos efectuados pelos alunos durante o meu estágio, que podemos rentabilizar a disciplina de História, através das emoções. Como alcancei resultados muito positivos, e por entender os estudantes com um dos principais elementos na apreciação do trabalho docente, parte das minhas conclusões serão alicerçadas e fundamentadas nas considerações escritas dos estudantes inseridos neste relatório.

Palavras-chave: Emoções, Educação Emocional, Inteligência Emocional, Professor.

Abstract

This report focuses on the importance of emotions, emotional intelligence and emotional education in the context of the classroom and how the teacher can enhance them as aggregating and enhancing tools for learning.

In my internship in professional practice, I noticed the relevance and relevance of emotions in the school, which is currently unable to offer students something fundamental: learning to feel, involving students in the learning of the syllabus, showing them that the school and more specifically, teachers care about them. A qualification school, interested in the quality of its teaching and in the formation of citizens, is essential more than a quantifying school, castrated by rankings, in which numbers are vital, and everything revolves around them.

I believe that the teacher can be preponderant in the way he approaches students, showing them that they have a voice and that they can and should be heard. However good a teacher you may be, however good a lesson you have prepared, if the student is not well emotionally, he will not learn. So, I went to meet this perspective and used the learning cards, through which the students demonstrated their opinion about the class and their emotional state.

I also demonstrate through works done by students during my internship, that we can profit from the History subject, through emotions. As I achieved very positive results, and because I understand the students as one of the main elements in the appreciation of the teaching work, part of my conclusions will be based on and based on the written considerations of the students included in this report.

Key-words: Emotions, Emotional Education, Emotional Intelligence, Teacher.

Índice de Figuras

FIGURA 1 - RELAÇÃO ENTRE EMOÇÃO E SENTIMENTO..	166
FIGURA 2 - DIFERENÇAS ENTRE EMOÇÕES E SENTIMENTOS.	177
FIGURA 3 - DIFERENTES TIPOS DE EMOÇÕES NA APRENDIZAGEM..	19
FIGURA 4 - ESTADO EMOCIONAL POSITIVO..	190
FIGURA 5 - ESTADO EMOCIONAL NEGATIVO..	21
FIGURA 6 - ÁREAS DE IE (GOLEMAN, 2017).....	24
FIGURA 7 - CONCEPTUALIZAÇÃO DA IE (MAYER & SALOVEY, 1989).....	25
FIGURA 8 - CONCEPTUALIZAÇÃO DA IE (GOLEMAN, 1997)..	26
FIGURA 9 - O CÉREBRO HUMANO.....	27
FIGURA 10 - O SISTEMA LÍMBICO.....	28
FIGURA 11 - A AMÍGDALA.....	29
FIGURA 12 - QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA E QUOCIENTE EMOCIONAL..	31
FIGURA 13 - PIRÂMIDE DE CONTROLO EMOCIONAL..	35
FIGURA 14 - CARTÕES DE APRENDIZAGEM UTILIZADOS NAS AULAS.....	47
FIGURA 15 - FLYER DA CONFERÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES NA ESCOLA.....	70
FIGURA 16 - CARTAZ DA CONFERÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES NA ESCOLA....	71
FIGURA 17 - MAPA DA ROTA “PORTO LIBERAL”.....	83

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE ALUNOS TOTAIS POR GÉNERO.....	44
GRÁFICO 2 – NOTA MÉDIA HISTÓRIA A 10º ANO.....	44
GRÁFICO 3 – PERGUNTA 1 DO QUESTIONÁRIO Nº 1.....	112
GRÁFICO 4 – PERGUNTA 2 DO QUESTIONÁRIO Nº 1.....	114
GRÁFICO 5 – PERGUNTA 4 DO QUESTIONÁRIO Nº 1.....	116
GRÁFICO 6 – PERGUNTA 5 DO QUESTIONÁRIO Nº 1.....	117
GRÁFICO 7 – PERGUNTA 2 DO QUESTIONÁRIO Nº 2.....	120
GRÁFICO 8 – PERGUNTA 6 DO QUESTIONÁRIO Nº 2.....	129
GRÁFICO 9 – PERGUNTA 6 DO QUESTIONÁRIO Nº 2.....	129

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
UP.....	UNIVERSIDADE DO PORTO
PASEO	PERFIL DOS ALUNOS À SAÍDA DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA
ENSHIST	ENSINO DE QUALIDADE NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI
IE	INTELIGÊNCIA EMOCIONAL
QI.....	QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA
QE	QUOCIENTE EMOCIONAL
EE	EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Introdução

A escolha do título “Stôr ou professor, eis a questão” é inspirada na frase “Ser ou não ser, eis a questão” de William Shakespeare¹. A razão da minha opção, prende-se com o facto de esta frase retratar na perfeição a reflexão contínua que realizei durante a minha iniciação à prática profissional e possibilita a distinção entre dois tipos de professores.

O professor, será o docente tradicional, arreigado a um *modus operandi* inalterável, que é inquestionável, fiável, em que a maior experiência de ensino é o seu maior aliado, comprovando-a com um vastíssimo currículo de vários anos de lecionação. É distante no relacionamento com os alunos, supondo que isso será um entrave ao bom funcionamento das aulas e que pode até colocar em causa a figura de autoridade do docente. Com este professor é o aluno que se tem de moldar, adaptar e ir ao encontro da metodologia do docente. Aqui os sentimentos, pouco ou nada interessam, todavia, importam sim os resultados que os alunos irão obter; importante é o que o aluno sabe. Na generalidade dos casos, a resistência à mudança é elevada e impede várias mudanças e reformas.

O Stôr, forma de tratamento usada pelos estudantes para designar os professores, será o docente do futuro. Perfeitamente adaptado aos alunos e às suas necessidades, consegue compensar a sua menor experiência com a adaptabilidade e variabilidade aos conteúdos, à comunidade educativa, às aulas e aos alunos. Aqui é o docente que vai ao encontro dos estudantes, tentando encontrar a metodologia certa para cada um, colocando-se no lugar deles. É alguém que se preocupa com os sentimentos dos alunos, e que extravasa em muito o raio de ação da sua disciplina, tentando ir mais além.

“Na escola pergunta-se de forma obsessiva: Quanto sabes? Poucas vezes se ouve perguntar: Como te sentes? Há uma riquíssima jazida de emoções e de sentimentos no subsolo de uma escola. Uma jazida pouco explorada. Podemos até dizer que foi apenas descoberta. E não me refiro apenas aos sentimentos dos alunos e alunas, penso também nos sentimentos do professorado” (Guerra, 2006, p. 8).

¹ “*To be, or not to be, that is the question*” de A Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare.

Mas é na relação com os alunos que encontramos o cerne da questão, onde englobamos a componente afetiva. A importância de um docente empenhado em ouvir os dilemas dos alunos, tratando-os como pessoas e demonstrando que as suas opiniões contam, promovendo uma relação afetiva e estimuladora, essencial a uma boa aprendizagem e compreendendo a parte emocional como um pilar da felicidade e bem-estar.

“Na escola aprende-se história, geografia, matemática, línguas, desenho, ginástica... mas o que é que se aprende no âmbito da afetividade? Nada. Absolutamente nada sobre o modo de intervir em caso de conflito. Absolutamente nada sobre tristeza, o controlo dos medos, as expressões de cólera” (Filliozat, 2003, p. 34).

Estes laços de afetividade não são trabalhados no seio escolar e são muitas vezes pouco valorizados. Os sentimentos e emoções pertencem ao foro íntimo de cada um e a escola não está direcionada para os incluir, pois está habituada a um padrão de estudante e é para este que encaminha o seu trabalho.

“Pouco importa a forma de pensar e de sentir dos alunos. O esquema é claro e simples: todos têm de aprender as mesmas coisas, todos têm de aprendê-las do mesmo modo e ao mesmo tempo, todos serão interrogados da mesma forma sobre aquilo que aprenderam.” (Guerra, 2006, p. 15)

É nesta estrutura escolar rígida, que emerge o impacto da figura do Stôr, e que representa as características que reconheço num autêntico e bom docente em linha com Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória², ostentando como valores a “cidadania e participação, demonstrando respeito pela diversidade” (PASEO, 2017, p. 17), isto é, que se preocupa com a formação de cidadania ativa, olhando para os alunos como futuros cidadãos e não somente como meros estudantes; potenciando “a curiosidade, reflexão e inovação, desenvolvendo o pensamento reflexivo, crítico e criativo” (PASEO, 2017, p.17), espicaçando os seus juízos ao dar várias perspetivas do mesmo tema. Também de acordo com as linhas orientadoras do Ensino de Qualidade na Disciplina de História no Século XXI (ENSHIST)³, cria laços de afetividade com os

² Disponível em: https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

³ Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/teaching-history/7755-ensino-de-qualidade-na-disciplina-de-historia-no-seculo-xxi-linhas-orientadoras.html>

alunos gerando empatia, instrumento fundamental ao docente de História, e que possibilita a participação dos alunos, “permitindo experiências de aprendizagem aplicáveis às aspirações, interesses ou experiências pessoais dos alunos, a relevância pessoal, ou que estão ligadas a questões e contextos do mundo real, a relevância para a vida”(ENSHIST, 2018, p. 24).

Assim, o assunto principal deste relatório de estágio será a importância das emoções na sala de aula, colocando o foco na classe docente, refletindo sobre as características essenciais do professor ideal, a pertinência da utilização ou não das emoções em contexto escolar, e mais precisamente na disciplina de História, e a inclusão de diferentes abordagens de aprendizagem, englobando sempre o lado emocional como potenciador e agregador de conhecimento histórico. No final deste relatório, com base nas minhas reflexões, trabalhos e opiniões dos alunos pretendo estar mais capacitado para responder a algumas questões, que considero vitais para o bom funcionamento de uma comunidade escolar. São elas:

- Será que os alunos consideram importante os sentimentos dos outros?
- É relevante um professor preocupar-se com o que os alunos sentem?
- O aluno valoriza mais a competência ou a afetividade do professor?
- Que características deverá ter o professor ideal?
- Podemos utilizar as emoções e rentabilizá-las no ensino da História?

Organizei o meu relatório em quatro grandes partes.

Na primeira parte, estabeleço um enquadramento teórico sobre este tema. Começo por falar em emoções e sentimentos, por elaborar a sua definição, as suas diferenças e a relação próxima, tentando demonstrar a simbiose que existe entre ambos os conceitos. Posteriormente incido sobre a inteligência emocional, e sua importância para a aprendizagem, através de autores como Daniel Goleman e Oliver James, mostrando a relação entre emoção e sistema cognitivo. Em seguida, apresento uma perspetiva reflexiva sobre o interesse e pertinência de uma educação emocional nas escolas, explicando o valor que terá uma educação das emoções em contexto escolar.

Numa segunda parte, evidencio todas as minhas experiências e impressões dentro da sala de aula, durante a minha iniciação à prática profissional. Demonstro a importância

de um docente ter o que eu denomino de diário de bordo, uma espécie de diário que lhe permite registar qualquer tipo de incidência ou particularidade que acontece na sala de aula. Mostro que a utilização de cartões de aprendizagem facilitam, potenciam e vão ao encontro das dúvidas dos alunos, colocando um selo de novidade e que despertou nos alunos uma enorme motivação, sem nunca esquecer o que sentem.

A terceira parte, é dedicada a todas as atividades elaboradas fora do contexto de sala de aula, onde tentei envolver os alunos na aprendizagem, exponenciando uma citação de Benjamin Franklin, “Tell me and I forget. Teach me and I remember. Involve me and I learn”⁴. Foi pensada e organizada uma conferência que incidiria sobre o impacto das emoções no ensino, que infelizmente não se realizou fisicamente devido à pandemia que nos assola atualmente, mas cujos trabalhos, contributos e reflexões dos alunos me permitiu obter pertinentes conclusões. Também foi planificada uma visita de estudo à Rota “Porto Liberal”, em que os alunos escolheram um local histórico da cidade do Porto e relacionaram-no com uma ou várias emoções, que também acabou por não se realizar, contudo os trabalhos elaborados possibilitou-me obter importantes considerações.

Finalmente é minha vontade que, através deste Relatório de Estágio, possa responder às perguntas efetuadas, percebendo o ponto de partida e o ponto de chegada, não ficando obcecado com a obtenção de conclusões irrefutáveis, mas evidenciando aspetos que deverão ser discutidos com premência e percebendo as implicações ao nível da proximidade. Utilizei declarações de vários alunos, envolvidos neste relatório, que consistiram num recurso avaliativo sobre o trabalho e pesquisa efectuados por mim. Estas declarações foram alcançadas através de dois questionários, em fases distintas, divulgando desde já, a obtenção de um feedback extraordinariamente positivo para o meu progresso como pessoa e particularmente como futuro docente de História.

⁴ “Diz-me e eu esqueço. Ensina-me e eu lembro-me. Envolve-me e eu aprendo” (tradução livre)

1. Enquadramento Teórico

1.1. Emoções e Sentimentos

Começando na antiguidade e percorrendo a idade média, o conhecimento sobre sentimentos começou por ser exclusivo de filósofos, teólogos e médicos, para emergir no século XVIII, destacando a percepção sensorial e a observação empírica como fontes de conhecimento. Em contraposição ao pensamento cartesiano penso, logo existo, surge o sinto, logo existo (Frevert, 2014). Já no final do século XIX, a psicologia colocou os sentimentos como um tópico fundamental do discurso coletivo e pessoal, enriquecido no século XX, procurando a melhoria da situação dos trabalhadores e das relações no seio das famílias com a incorporação de preocupações relacionais e emocionais nos espaços de trabalho ou no ambiente familiar. Assim, o conhecimento emocional não é algo finito e estático, ele evoluiu de forma contínua e constante, o que acaba por se evidenciar na própria origem da palavra, emoção.

Emoção resulta do termo em latim *emovere*, em que o prefixo *e*, designa externo e *movere*, expressa movimento, ou seja, todas as emoções existem para nos auxiliar a mover, a criar movimento na nossa vida e alterar o que está desequilibrado, seja interno ou externo. Se eventualmente não existir movimento para o exterior, podemos originar doenças, parafraseando Antoine Lavoisier, “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

“A emoção é uma experiência subjetiva que envolve a pessoa toda, a mente e o corpo. É uma reação complexa desencadeada por um estímulo ou pensamento e envolve reações orgânicas e sensações pessoais. É uma resposta que envolve diferentes componentes, nomeadamente uma reação observável, uma excitação fisiológica, uma interpretação cognitiva e uma experiência subjetiva” (Pinto, 2001, p. 243)

Emoção é algo natural do nosso corpo, ou seja, é muito difícil controlar uma emoção. Por exemplo, se estamos a fazer um passeio a pé, e repentinamente surge uma cobra, a reação é medo, não se consegue controlar a emoção do medo nem a reação quando ela naturalmente surge, pois quando vemos a cobra prontamente gritamos ou fugimos, isto é, temos uma reação instintiva que não é consciente. É o nosso cérebro por

intermédio da amígdala que reage com a presença da cobra, enviando um sinal para nossa proteção.

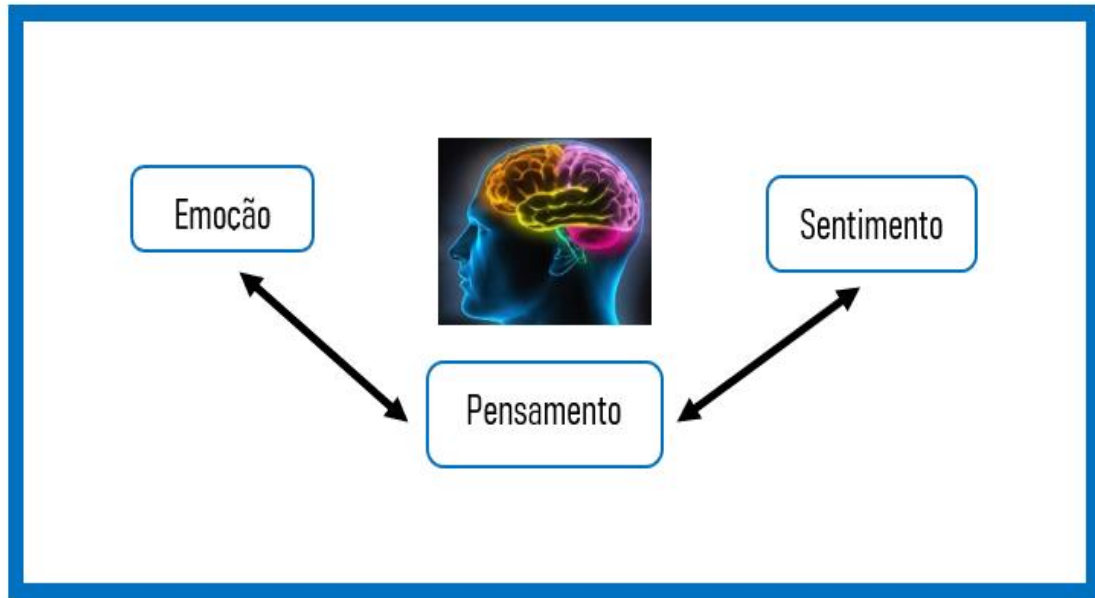


Figura 1 - Relação entre Emoção e Sentimento. Elaboração Própria.

Segundo Damásio, o que diferencia sentimento de emoção é que o sentimento é direcionado para o interior, e a emoção é dirigida para o exterior; isto é, o sujeito testa a emoção, da qual emerge uma consequência interna, o sentimento. Os sentimentos são produzidos por emoções, logo, sentir emoções denota ter sentimentos. Na conexão entre emoção e sentimento, e “apesar de alguns sentimentos estarem relacionados com as emoções, existem muitos que não estão: todas as emoções originam sentimentos, se se estiver desperto e atento, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções” (Damásio, 2000, p. 159).

As emoções originam sentimentos, e estas duas reações estão interligadas entre si. Da mesma forma, que uma emoção espolata um sentimento, um sentimento pode criar várias emoções idênticas, como se fosse um género de autoestrada com dois sentidos.

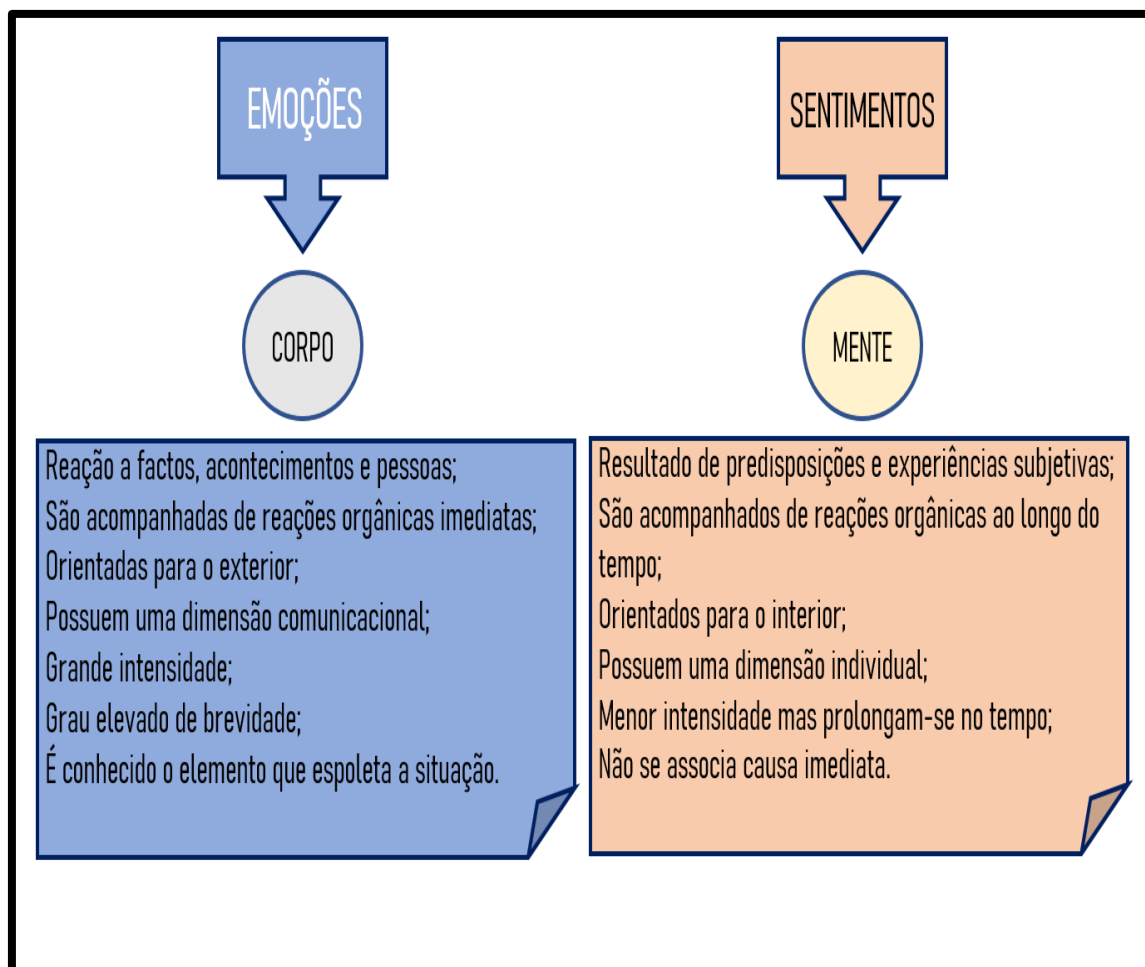


Figura 2 – Diferenças entre Emoções e Sentimentos. Elaboração Própria.

Se temos medo com uma emoção, não conseguimos disfarçar as nossas expressões faciais. A partir do momento que surge o medo, a face adota uma expressividade de receio. No sentimento, com o medo a ser construído através das nossas crenças ou pensamentos, podemos esconder esse receio, ou seja, estamos num estado emocional de medo, mas quem está ao nosso redor não entende porque não é uma emoção natural, é sim, um sentimento construído, é um sentimento que decorre das nossas convicções e não de uma emoção natural do corpo.

Depois de abordar o conceito de emoções, sentimentos, sua relação e diferenças, passo agora a uma outra perspetiva: de que forma podemos utilizar as emoções na aprendizagem e quais os diferentes tipos de emoções que existem?

A aprendizagem é um processo emocional, “The classroom is an emotional place. Students frequently experience emotions in classroom settings” (Pekrun, 2014, p. 6), e o processo de aprendizagem de cada pessoa é único, isto quer dizer que o modo como uma pessoa aprende é distinto de outra, pode ser similar, mas é sempre diferente, da mesma forma que todas as pessoas são únicas e diferentes. É essencial que os professores percebam qual é o melhor método de aprendizagem de cada um dos seus alunos, sendo que aqui, o número de alunos por turma tem impacto, pois a adaptação da aula a cada um deles será mais trabalhosa quanto maior for o número de alunos.

1.1.1. Emoções na Aprendizagem

No momento de aprendizagem, e de acordo com Pekrun (2014), as emoções “afetam intimamente a aprendizagem e o desempenho escolar, sendo que algumas são mais significativas para a aprendizagem dos alunos e podemos encontrar quatro tipos de emoções: de conquista, epistémicas, de tema e sociais.” (Pekrun, 2014, p. 8).

- a) Emoções de conquista: referentes a atividades nas quais o resultado é relacionado ao sucesso ou fracasso, por exemplo, regozijo, esperança e orgulho associados ao sucesso ou aflição e vergonha quando ligadas ao fracasso. No ensino subsiste uma importância excessiva naquilo que são os resultados e isso produz muita perturbação e ansiedade nos alunos, pois esta obrigatoriedade na obtenção de bons resultados afeta negativamente a aprendizagem;
- b) Emoções epistémicas: relativas a atividades ligadas à resolução de dilemas cognitivos, por exemplo, quando surge um problema novo, pode levar à curiosidade, confusão e desilusão perante os constrangimentos que aparecem ou com contentamento porque se solucionou o dilema proposto;
- c) Emoções de tema: quando associadas ao tema abordado, por exemplo, empatia relativamente a uma personagem ou assunto da História que está a ser contado, ou agonia ou antipatia quando o tema está catalogado com assuntos que não vão ao encontro dos seus pensamentos ou crenças;
- d) Emoções sociais: quando falamos da relação entre docentes, e destes com os alunos e entre estes, que podem potenciar surpresa, admiração, compaixão, amor, raiva, inveja ou ansiedade social.

“The emotions listed above can have a strong influence on learning and achievement. Therefore, it is important for teachers to understand, and to deal with the emotions experienced by students. You can use your own emotional experiences to understand what kinds of emotions your students may undergo—remember the memories of the emotions you experienced yourself as a student. Alternatively, you can try to talk to your students about the emotions they experience.” (Pekrun, 2014, p. 8-9)

Em suma, é fundamental nos docentes a alteridade, isto é, a capacidade de se colocarem no lugar dos estudantes, pois todos eles já o foram no passado. Que emoções sentiram? Que dificuldades experimentaram? Como as resolveram? Tudo isto torna o docente mais perto daquilo que eu considero como um stôr, alguém próximo dos alunos e que se preocupa não só com o que sabem, mas com aquilo que sentem, pois não podemos dissociar o lado emocional na aprendizagem, especialmente quando eles aprendem de maneiras muito distintas, devido à complexidade existente entre as emoções e a forma como estas incidem nos estudantes.



Figura 3 – Diferentes Tipos de Emoções na Aprendizagem. Elaboração Própria.

1.1.2. Estados Emocionais

Podemos encontrar dois parâmetros avaliativos sobre as emoções, e de acordo com Pekrun, é feita uma distinção entre emoções positivas e negativas, na qual as primeiras são entendidas como “agradáveis e podem diferir na ativação fisiológica e cognitiva; já as segundas são experimentadas como desagradáveis” (Pekrun, 2014, p. 12 a 15).

Refletindo sobre a questão, prefiro distinguir aquilo que são estados emocionais positivos ou negativos. Não menciono emoções positivas ou negativas pois na minha apreciação, as emoções são todas positivas, têm sempre um propósito positivo, pois estas subsistem para nos auxiliar e defender, são algo inato ao nosso corpo, como por exemplo quando estamos a realizar um trabalho manual e usamos um qualquer instrumento de corte, e porventura cortamos o dedo, nós iremos sentir dor, e esta serve para nos proteger. A dor é desagradável, mas não é negativa, serve como meio de defesa, pois se não doesse nós iríamos cortar mais profundamente o dedo da mão porque não reparávamos.



Figura 4 - Estado Emocional Positivo. Elaboração Própria.

Num estado emocional positivo, são positivos os momentos emotivos relativos às tarefas de aprendizagem, como é o caso do estudante que está empolgado e motivado com algo que está a ser desenvolvido pelo docente na sala de aula e está direcionado para essa tarefa. No entanto, podem existir momentos negativos, quando não estão relacionados com as tarefas de aprendizagem, pois não são produtivos para a aprendizagem, por exemplo, um aluno que está apaixonado, em que a sua atenção não está interligada com os assuntos da aula, mas sim na pessoa pela qual nutre paixão, o que redundará num estado emocional negativo, na perspetiva do processo de ensino e aprendizagem.



Figura 5 – Estado Emocional Negativo. Elaboração Própria.

Por seu lado, num estado emocional negativo, são positivos os momentos que decorrem de algumas emoções que podem ser orientadas para resultados positivos quando os estudantes confiam no seu sucesso. Muitas vezes, estados emocionais negativos propiciam uma motivação extra, uma competição que estava adormecida, porque alguém coloca em causa a capacidade de outrem: “tu não és capaz, tu não tens perfil, duvido que

tu possas fazer, entre outras...”, mas a tal motivação extra, só resulta quando o estudante tem confiança em si próprio e acredita que vai verdadeiramente ter sucesso, e faz com que a ansiedade e irritação provocada pelo colega possa funcionar a seu favor. A negatividade acontece quando a atenção do aluno é desviada da aprendizagem, porque por exemplo, quando um aluno que possui muitas dificuldades numa determinada disciplina, fruto de sucessivas más notas e incapacidade de acompanhar os conteúdos lecionados, tem um pensamento recorrente de reprovação à disciplina, o que reduz a sua capacidade de superação.

“Los profesores somos máquinas de enseñar y los alumnos máquinas de aprender. Que los docentes somos máquinas de evaluar y los aprendices máquinas que son evaluadas. Pero no personas con sentimientos y emociones. Lo cierto es que lo somos. Y ese hecho condiciona toda la vida y todo el quehacer. Para bien o para mal. Un estudiante angustiado, difícilmente alcanzará buenos resultados. Un estudiante desanimado ante el fracaso, tendrá dificultades para estudiar.”⁵ (Guerra, 2015)

E é perante estes estados emocionais, que um docente surge mediante os seus alunos e lhes transmite muitas e variadas lições de sensibilidade, respeito ou da falta dele, de incentivo ou desalento, dos bons ou maus exemplos, e ensina muito mais do que os conteúdos relacionados com a sua disciplina (Guerra, 2006, p. 69). Desta forma, se o docente conseguir compreender a influência destes estados emocionais na capacidade do aluno em entender e reter os conteúdos dados, a sua tarefa será realizada com mais exatidão e qualidade.

⁵ Disponível em: <https://polipapers.upv.es/index.php/REDU/article/view/5441>

1.2. Inteligência Emocional

Em primeiro lugar, será pertinente definir o que é, e o que significa Inteligência Emocional (IE).

A definição é conferida a Peter Salovey e John Mayer, professores nas Universidades de Yale e New Hampshire que no final da década de oitenta descrevem-na como a capacidade de um sujeito entender os seus próprios sentimentos e emoções, tal como os dos outros, diferenciando e utilizando-as como guias orientadores das suas ações “Emotional intelligence as the subset of social intelligence that involves the ability to monitor one’s and others feelings and emotions, to discriminate among them and cause this information to guide one’s thinking and actions” (Mayer & Salovey, 1989, p.189)

Na opinião de Daniel Goleman, conotado como um dos grandes especialistas internacionais ao nível da IE, é a capacidade de reconhecer e orientar as nossas emoções e a dos outros, motivar e organizar de forma positiva as nossas relações (Goleman, 1997).

Para Oliver James, “a IE é a noção do que está a acontecer agora, de sentir o mundo em primeira mão, de forma imediata, em vez de apenas se saber o que foi sentido quando se reflete sobre o assunto mais tarde [...] sabe o que está a pensar e a sentir, mesmo que por vezes isso apenas signifique que não sabe” (James, 2019, p. 9).

Poderíamos acrescentar a estas noções, a aptidão para perceber a mensagem que cada emoção envia, agindo posteriormente em benefício próprio e para todas as outras pessoas que estão à nossa volta, pois “todas las emociones son, en esencia, impulsos que nos llevan a actuar” (Goleman, 1997, p.14). Ter a capacidade de refletir sobre as próprias ações, poderá possibilitar o reconhecimento antecipado de um erro que se iria cometer, ou ter a perceção de uma reação irracional a um acontecimento e corrigir o comportamento.

As principais áreas da IE, são a relação individual e a coletiva. A primeira é sobre a relação com o eu, a autoconsciência emocional e a gestão das próprias emoções, a segunda é o momento interpessoal, na relação com os outros, identificando emoções e gerindo relações (Goleman, 1997).

No entanto, se estivermos a falar de aprendizagem e em contexto de sala de aula, o relacionamento com os outros é ainda muito mais importante. A capacidade de gestão da nossa própria comunicação e com os que nos rodeiam é essencial.

“Possuir IE não tem nada a ver com o quão inteligente, atraente, ambicioso ou rico se é [...] é quando as crianças vão para a escola, especialmente entre os sete e os nove anos, que os desafios da inteligência emocional surgem de modo mais visível. À medida que a pressão para se integrar e se comparar com os outros aumenta, vai-se tornando cada vez mais normal não ser emocionalmente inteligente” (James, 2019, p. 11).

ÁREAS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL		
	EU	OUTROS
CONSCIÊNCIA	AUTOCONSCIÊNCIA	RECONHECER EMOÇÕES NOS OUTROS
GESTÃO	GERIR AS PROPRIAS EMOÇÕES	GERIR RELACIONAMENTOS

Daniel Goleman, Inteligência Emocional (1997)

Figura 6 – Áreas de IE (Goleman, 2017). Elaboração Própria.

A IE está profundamente arraigada ao controlo da nossa própria pessoa, da forma como gerimos as nossas relações, nunca esquecendo a relação íntima entre emoção e aprendizagem. “Ter uma identidade fraca – uma frágil noção do eu – dificulta muito mais viver em primeira mão, no presente. Quando uma pessoa não sabe quem é, fica mais suscetível a fingimentos, a viver “como se” fosse ela mesma, bem como a desenvolver maneiras de lidar com as situações que podem ser autodestrutivas” (James, 2019, p. 43).

Existem várias abordagens na sua esquematização. Neste relatório irei abordar duas que me parecem ser as mais adequadas e realistas: o modelo de acordo com Mayer e Salovey e o de Goleman.

Para Mayer e Solovey (1989), a IE está distribuída em três aptidões periféricas:

- a) Apreciação e expressão das emoções, que é a aptidão em entender corretamente as próprias emoções e as manifestadas pelas outras pessoas, conseguindo por vezes distinguir expressões verdadeiras ou falsas nos outros;
- b) Regulação das emoções, a capacidade de denominar e reconhecer as mudanças emocionais, isto acontece quando por exemplo, uma notícia aborrecida e imprevista leva à desilusão, e instantes depois, pode criar raiva por não receber a notícia esperada;
- c) Utilização das emoções, a habilidade de usar as informações prévias de forma integrada, com o intuito de se adequar melhor às próprias emoções e relações com quem o rodeia.

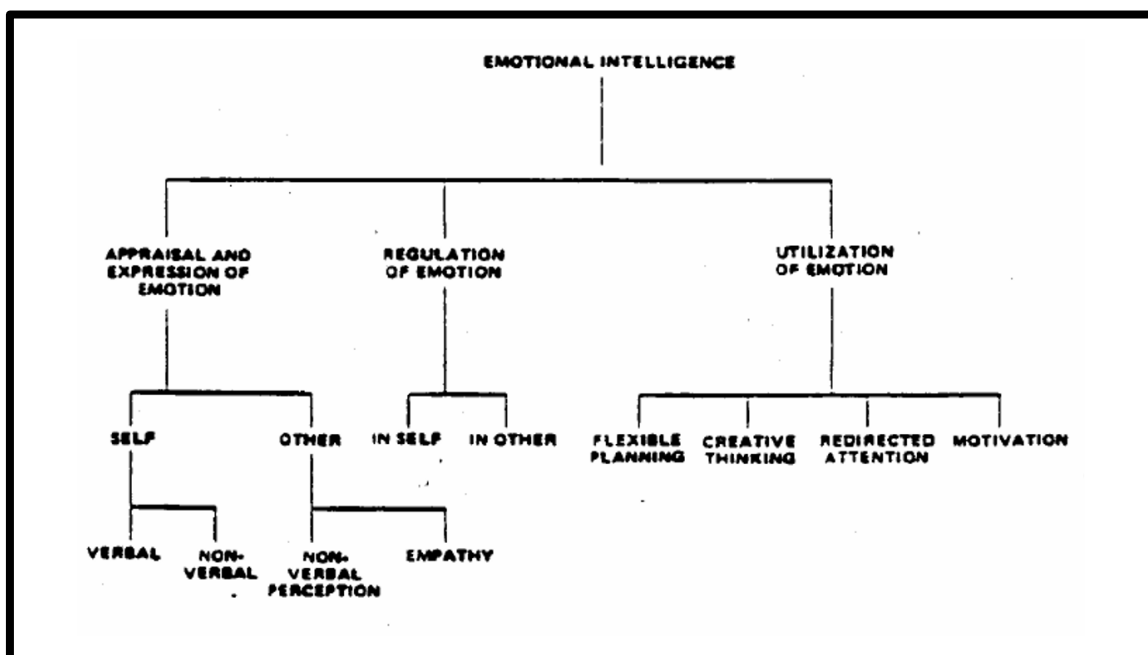


Figura 7 – Conceptualização da IE (Mayer & Salovey, 1989, p.190)

Para Goleman (1997), a IE está distribuída em cinco domínios:

- a) Autoconsciência, o sujeito que tem o controlo das próprias emoções, reconhecendo o que sente e porque o sente, um género de bússola moral. Alguém que tem autonomia sobre si;

- b) Autogestão, a capacidade de lidar com as suas emoções e sentimentos, fortalecendo e libertando-se das emoções negativas;
- c) Empatia, a habilidade para entender o que a outra pessoa está a sentir, de perceber ténues sinais que revelam o que os outros pretendem;
- d) Motivação, em que utiliza as emoções como um meio para atingir um fim, potenciando a auto motivação, usando o autocontrolo emocional, sustendo os impulsos e retardando a satisfação para obter uma retribuição maior;
- e) Habilidade social, que acaba por englobar todas estes domínios. A competência de lidar com relacionamentos, de trabalhar em equipa, sendo esta a capacidade que pode potenciar liderança.

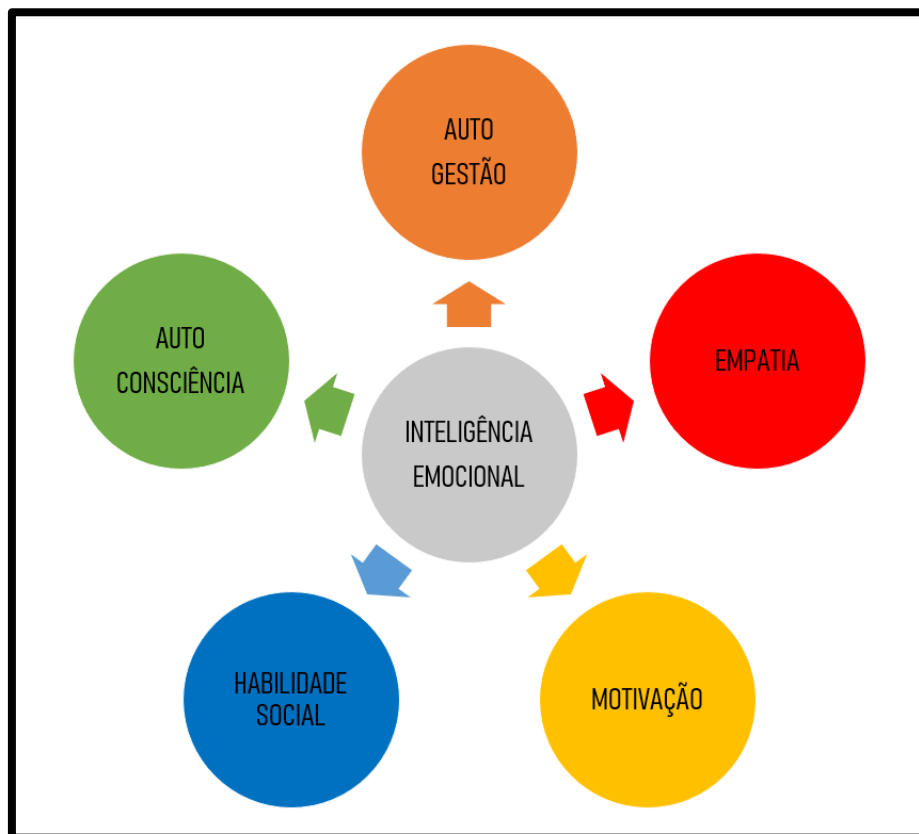


Figura 8 – Conceptualização da IE (Goleman, 1997). Elaboração Própria.

Em suma, a conceção de Mayer e Salovey sugere a IE como uma aptidão cognitiva, o que no caso de Goleman será visto como uma associação de aptidões cognitivas com aspetos de carácter e motivação. O modelo de Mayer e Salovey tem maior adesão da comunidade científica, por ser mais moderado e ter formatos avaliativos mais

explícitos, enquanto que o de Goleman possui asserções que nem sempre são comprovadas em investigações.

1.2.1. Cérebro, Sistema Límbico e Amígdala

Este subcapítulo surge como uma necessidade e com o intuito de explicar de forma simples, o funcionamento do cérebro humano e de que forma a IE é influenciada pelo sistema límbico e amígdala.

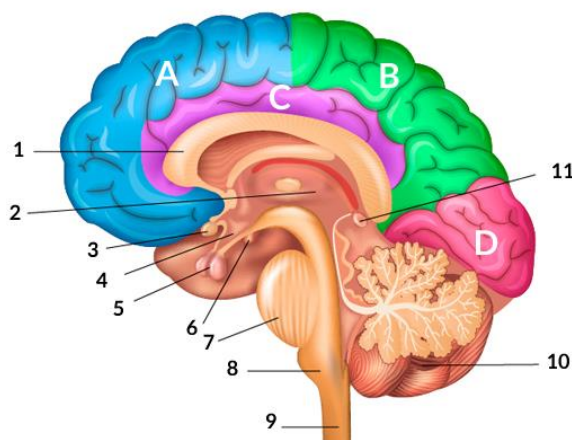


Figura 9 – Cérebro Humano.

Fonte: <https://www.cognifit.com/pt/cerebro> Acedido a 9 de agosto de 2020

O cérebro é a estrutura, que com a medula espinhal, constitui o sistema nervoso central e controla quase todos os nossos comportamentos e processos mentais. De acordo com as figuras 9 e 10, passarei a explicar as partes do cérebro e suas funções:

1. Corpo Caloso, responsável pela deslocação de informações entre os hemisférios;
2. Gânglios Basais, garantem a realização de atividades como fazer trabalhos manuais, subir escadas;
3. Quiasma Ótico, recebe informações sobre o campo ótico
4. Hipotálamo, regula funções homeostáticas como a temperatura do corpo, a fome e sede. Controla a circulação sanguínea, está ligado a emoções básicas como o medo e agressividade;
5. Hipófise, regula a atividade de outras glândulas, e é responsável pelo crescimento;

6. Amígdala, é o centro da agressividade. Emoções como o medo e ansiedade são por ela influenciadas;
7. Protuberância ou ponte cerebral;
8. Bolbo Raquidiano, centro de atividades reflexas, controla os ritmos cardíaco e respiratório;
9. Medula Espinhal, conduz a informação de e para o cérebro e assegura as respostas automáticas;
10. Cerebelo, responsável pela coordenação da atividade motora e da manutenção e equilíbrio do corpo;
11. Glândula Pineal.

No cérebro, temos o sistema límbico, com a responsabilidade sobre as emoções e condutas sociais. “O sistema límbico participa também no estabelecimento de impulsos e instintos e tem uma função especialmente importante nas emoções e nos sentimentos” (Damásio, 2000, p. 136).



Figura 10 – Sistema Límbico.

Fonte: https://mundodapsi.com/wp-content/uploads/2018/03/sistema_limbico-6482047.jpg

Acedido a 9 de agosto de 2020

No entanto, é a partir das amígdalas que surgem os avisos numa situação de perigosidade. A amígdala está situada na parte interna do lóbulo temporal, parece uma espécie de amêndoa, e além de incitar reações emocionais, também possibilita o impedimento de procedimentos ou ações. De acordo com Goleman, o hipocampo e a amígdala são responsáveis pela maior parte da aprendizagem, sendo que a amígdala está

intimamente relacionada com os assuntos emocionais, e se esta não existir ou não funcionar corretamente, surge uma inaptidão avaliativa do sentido emocional dos acontecimentos, a denominada "ceguera afetiva" (Goleman, 1997).

Desta forma, a amígdala é significação emocional, e partindo da investigação do neurocientista Joseph Le Doux do Centro de Ciência Neural da Universidade de Nova Iorque, descobre-se a função primordial da amígdala: as questões emocionais “explica la forma en que la amígdala assume el control cuando el cerebro pensante, el neocórtex [...] el funcionamiento de la amígdala y su interrelación com el neocórtex constituyen el núcleo mismo de la inteligencia emocional” (Goleman, 1997, p. 22)

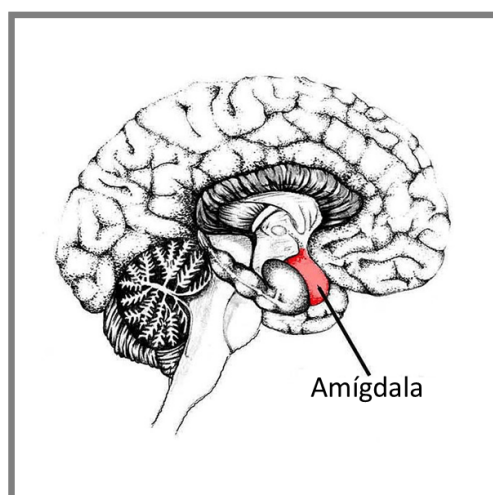


Figura 11 – Amígdala.

Fonte: <https://revistamedicinaintegrativa.com/wp-content/uploads/2019/11/Estruturas-cerebrais-ligadas-%C3%A0-respira%C3%A7%C3%A3o-Revista-Medicina-Integrativa-1.png> Acedido a 9 de agosto de 2020

“En la arquitectura cerebral, la amígdala constituye una especie de servicio de vigilancia dispuesto a alertar a los bomberos, la policía y los vecinos ante cualquier señal de alarma” (Goleman, 1997, p. 22-23). Ou seja, a amígdala é uma espécie de alerta podendo esboçar uma resposta emocional. A amígdala é o momento, o neocórtex mais moroso, mas totalmente informado projeta uma reação. O hipocampo recorda as

ocorrências e a amígdala mantém o teor emocional que os acompanha: “el hipocampo es una estructura fundamental para reconocer un rostro como el de su prima, pero es la amígdala la que le agrega el clima emocional de que no parece tenerla en mucha estima” (Goleman, 1997, p. 25).

É usual, considerar duas dinâmicas nos reptos emocionais: a ativação da amígdala e o não acionamento dos processos neocorticais que sustentam a coerência da resposta emocional, e nesses instantes a racionalidade é submersa pela emocional. Para ser um eficaz gestor da emoção, o neocórtex deverá abrandar os sinais de ativação enviados pela amígdala (Goleman, 1997), por exemplo, quando alguém impede outro de passar à frente numa fila de supermercado, mas pode deixar passar, se a outra pessoa tiver a sua permissão ou se pedir educadamente.

1.2.2. Testes ou Atitudes?

Para avaliar e perceber se alguém é emocionalmente inteligente, o que é mais importante? Serão os testes de Quociente de Inteligência (QI) ou um conjunto de comportamentos? Goleman admite que na melhor das hipóteses, os testes de QI contribuem com cerca de vinte por cento para os fatores que determinam o sucesso na vida, o que deixa oitenta por cento para outros domínios (Goleman, 1997). Também poderá dizer-se que os testes de QI representam vinte por cento e a IE oitenta por cento de um caminho para o sucesso.

“As pessoas emocionalmente inteligentes [...] são capazes de escutar, bem como de expressar os seus pontos de vista, conseguem manter uma fachada para o mundo que amplamente reflete os seus verdadeiros sentimentos e geralmente não são paranoicas nem estão deprimidas” (James, 2019, p. 65).

Acontece por vezes naquelas reuniões de turma, onde nos encontramos com os nossos colegas de escola passados uns anos, vulgarmente o que se espera é que os alunos que haviam tido excelentes notas, sejam atualmente as pessoas com mais sucesso, mas, no entanto o que acontece na generalidade das vezes é que isto não sucede de facto. Os bem-sucedidos hoje, são os que no passado, obtiveram notas medianas, e de acordo com Goleman não quer dizer que a inteligência avaliada pelos testes de QI, não seja importante, trata-se sim de evidenciar que para chegar ao sucesso o QI não é assim tão

preponderante quanto o fomos levados a acreditar. O controle de si próprio e a empatia são mais relevantes do que saber resolver um exercício matemático, ter uma boa relação com as nossas emoções poderá ser a nossa rampa de lançamento para o sucesso (Goleman, 1997).

“A grande maioria das pessoas emocionalmente inteligentes não tem carreiras de topo [...] apenas têm empregos, trabalham para viver em vez de viver para trabalhar [...] na escola, estes indivíduos não aprendiam para receber elogios e, a longo prazo, um salário alto. Encaravam a educação como um meio para adquirir competências e conhecimentos, o que lhes interessava e beneficiava. Não era uma forma de derrotar os outros, provar a sua superioridade e permitir-lhes obter riqueza, poder ou estatutos invejáveis. Permitiu-lhes manter a sua autenticidade na educação e na carreira [...] a forma como as abordamos é uma parte vital de sermos autênticos” (James, 2019, p. 85).

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA VS EMOCIONAL	
QI 	QE 
ESTÁVEL E FIXO	PODE SER TRABALHADO
IMUTÁVEL	MUTÁVEL

Figura 12 – Quociente de Inteligência e Quociente Emocional. Elaboração Própria

A diferença entre quociente de inteligência e quociente emocional (QE) é que o primeiro é estável e fixo, portanto imutável nas pessoas, ou seja, uma pessoa de QI baixo será sempre uma pessoa de QI baixo. Já o QE pode ser trabalhado e melhorado, portanto mutável, o que se apelida de amadurecimento não é mais do que desenvolvimento emocional.

Então será pertinente colocar uma questão. Como se poderá desenvolver ou melhorar a IE? O que deverá ser trabalhado são as nossas emoções e a forma como interagimos com elas. A maioria das pessoas não consegue reconhecer com clarividência os próprios sentimentos e emoções. Isto acontece, porque centralizamos a atenção nos pensamentos conscientes, possibilitando que os sentimentos e emoções atuem em segundo plano, e por esta razão, normalmente os ignoramos, até ao momento em que eles sejam tão destruidores e evoquem a nossa atenção através de uma perturbação emocional ou uma crise nervosa.

“Qual é a finalidade da nossa existência? [...] é para podermos melhorar a nossa inteligência emocional: para viver mais no presente, com mais autenticidade e introspeção; ter relações mais fluidas e francas com os outros [...] Ninguém chega ao topo da árvore da inteligência emocional, mas poderá ter esperança de alcançar pequenos passos graduais ao longo do seu ramo” (James, 2019, p. 137).

As nossas emoções estão relacionadas com os nossos valores e objetivos, e se as nossas decisões forem inversas aos nossos valores, iremo-nos sentir lesados e a desilusão será inevitável.

1.3. Educação Emocional

Com todas as alterações que foram emergindo no ambiente e seio familiar, a comunidade escolar tem uma função ainda mais preeminente quando o assunto é a educação. É na escola que se começam a criar laços de afetividade com outros, que não pertencem ao grupo familiar, o que ressalva a importância para uma educação das emoções. É uma questão central, e por isso este relatório incide naquilo que considero ser o maior desafio educacional neste momento, as emoções em contexto educativo.

Partindo da expressão de Platão de que “*Toda a aprendizagem tem um lado emocional*”, a Educação Emocional (EE) é essencial para vencer o desafio que se coloca atualmente às comunidades educativas. Para combater a falta de diálogo, o desinteresse pela escola e o bullying, pois o impacto destes fatores na qualidade do ensino é incalculável, e por isso aprender a lidar com as emoções é fundamental para um pleno desenvolvimento.

Para Rafael Alzina, a educação deve ser orientada para o pleno desenvolvimento da personalidade do aluno, ou seja, o desenvolvimento cognitivo deve ser complementado pelo desenvolvimento emocional, através da EE, cujo objetivo se traduz numa melhor compreensão dos atos emocionais, no desenvolvimento da consciência emocional, na aptidão de controlar emoções e na promoção de uma atitude positiva face ao dia-a-dia. Tudo isto seria educar para a vida, pois a EE melhora as relações interpessoais, o ambiente de sala de aula, promove disciplina e potencia melhor desempenho académico, além de ter efeitos positivos na prevenção da violência, no consumo de drogas e estados depressivos (Alzina, 2005).

Na opinião de Jair Santos, EE é

“viver em paz consigo mesmo, no nível mental, através da sabedoria; no nível emocional, através do amor, alegria, compaixão e equilíbrio; no nível corporal, cuidando de sua saúde. Viver em paz com os outros na sociedade, na economia, na vida social, na cultura e com a natureza, procurando conhecer suas leis para viver em harmonia com ela” (Santos, 2000, p. 45).

Na adolescência, conjuntamente com as modificações físicas e emocionais é provável que os alunos desloquem os seus interesses para um campo mais afetivo e menos intelectual, desta forma a escola é relegada a um patamar inferior, as aprendizagens

perdem interesse e o efeito é que os conhecimentos reduzem. São muitas as sensações contraditórias e, ocasionalmente, o ensino é sentido com vontade de aprender num momento, para noutro surgir a ideia de abandono escolar.

O aluno tem consciência de que estudar é essencial, mas também reflete e sente que o que lhe é ensinado não será útil na vida fora do ambiente escolar. Quanto mais firmes e constantes forem estas opiniões que se contradizem, mais numerosas serão as atitudes negativas para com os estudos e tudo o que estiver relacionado. As demonstrações mais claras são o aborrecimento, o inconformismo, a ausência de domínio emocional, o desagrado e relações familiares conflituosas.

Desta forma, o desenvolvimento destes estados emocionais influenciam as relações familiares e a aprendizagem escolar. A vontade de ser adulto opõe-se às obrigações de estudante, levando a negligenciar ou até abandonar os estudos, devido à crença de que o trabalho assalariado será a ponte para a emancipação e independência familiar.

Para Ana Costa e Luísa Faria, para além da família, a escola e sociedade terão de ser mais inclusivos na valorização e formação dos jovens,

“não incidindo apenas no seu desenvolvimento cognitivo, mas também no seu desenvolvimento social e emocional: as escolas serão melhor sucedidas na sua missão educacional se envidarem esforços para integrar a aprendizagem social e emocional na experiência educativa dos alunos, maximizando o seu potencial para o sucesso atual e futuro na vida pessoal e profissional” (Costa & Faria, 2003, p. 407).

1.3.1. Vantagens e Objectivos da Educação Emocional

Santos (2000) defende que a EE em contexto escolar é uma medida preventiva que visa possibilitar ao aluno a aquisição de competências que lhe possibilitem o reconhecimento e domínio das suas emoções. “A educação emocional implica em desenvolver no educando o autoconhecimento, a autoconsciência [...] a capacidade de identificar e reconhecer suas emoções e sentimentos [...] desenvolvimento da empatia, capacidade de reconhecer corretamente as emoções do outro” (Santos, 2000, p. 53).

Alzina (2000) afirma que a nível pessoal é perceptível um melhoramento nas aptidões sociais, nas ligações interpessoais, um acréscimo do rendimento escolar, da autoestima e uma maior adaptabilidade à escola, família e vida social e contrariamente surgem menos comportamentos negativos.

A EE está relacionada com o saber-estar, com o gerir insucessos e deceções, com a aquisição de competências sociais e de tolerância. As competências emocionais são de uma importância capital, pois são fundamentais para a vida pessoal, social e trajeto escolar. São por vezes pequenas coisas que podem levar a grandes mudanças, através de uma simples figura (fig. 14) onde constam cinco ações, poderá ser uma ajuda no quotidiano dos alunos, de lhes mostrar que em qualquer acontecimento, podemos ser emocionalmente educados.

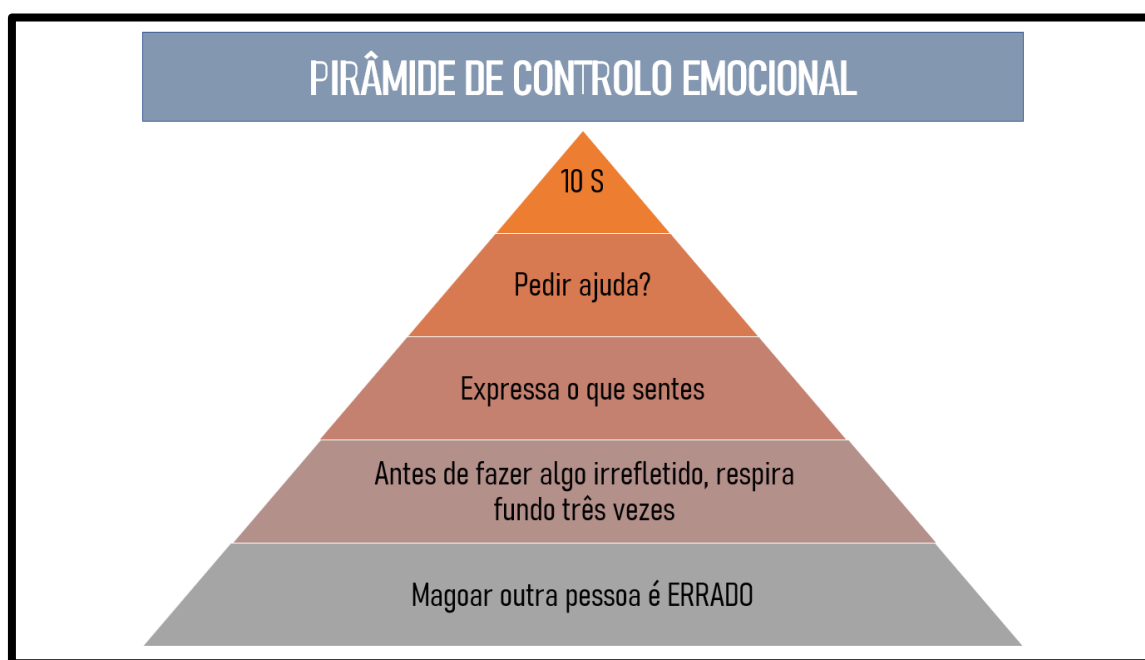


Figura 13 – Pirâmide de Controlo Emocional. Elaboração Própria

Trabalhando esta pirâmide com os alunos, pediríamos aos mesmos que escrevessem numa folha as suas reflexões mediante as indicações dadas. Em primeiro lugar, quem é que ele tem magoado, em que relações o seu comportamento não está a ser o mais adequado; depois pensar em que situações ele melhora respirando com calma; em

seguida a que pessoas ele deve dizer como se sente, quem é que o perturba emocionalmente; depois o facto de pedir ajuda não inferioriza ninguém, podemos pensar em alguém que admiramos e a quem pediriam ajuda; por fim, quais as ocorrências que o descontrolam e que necessita de mudar, contando até dez ou respirando lentamente durante dez segundos.

Costa & Faria (2017) afirmam que além da transmissão de conhecimentos e desenvolvimento cognitivo é necessário nas escolas uma “formação nas dimensões social, emocional e moral dos alunos [...] que se traduzem na necessidade de ensinar, formar e ensinar a aprender ao longo da vida” (Costa & Faria, 2017, p. 2).

A educação emocional envolve passar da educação afetiva para a educação de carinho. Até agora, a dimensão afetiva na educação ou educação afetiva tem sido entendida como educadora, colocando afeto no processo educacional. Agora, trata-se de educar o afeto, ou seja, transmitir conhecimento teórico e prático sobre as emoções.

Para Alzina (2000) existe uma divisão entre objetivos gerais e específicos. Os objetivos gerais da EE são a aquisição de um melhor entendimento das próprias emoções, a capacidade para reconhecer as emoções nos outros, desenvolvimento da capacidade de controlo das próprias emoções, a habilidade para identificar constrangimentos e precaver as consequências das emoções negativas, desenvolvimento da aptidão para produzir emoções positivas, obtenção de uma maior competência emocional, crescimento da sua auto motivação e aumento da positividade na vida com a adoção de atitudes positivas e assertivas.

Os objetivos mais específicos podem derivar destes objetivos gerais, variando da conjuntura da intervenção, como por exemplo o desenvolvimento da aptidão em controlar o stress e ansiedade, melhoramento da capacidade para ser feliz, aumento do sentido de humor e uma maior resistência à frustração.

Santos (2000) diz que através de um programa de EE foram encontrados alguns dados positivos nos alunos: o desenvolvimento da autoconsciência, melhoria do autoconhecimento, da competência emocional, da empatia, do controlo dos impulsos, das relações sociais e uma maior conexão positiva à escola.

Alzina (2000) afirma que os efeitos da EE, traduzem-se num incremento das competências sociais, na significativa melhoria da autoestima, num decréscimo da

violência, do uso de drogas e das expulsões na sala de aula, verificou-se um aumento do rendimento escolar, assim como uma melhor realidade escolar, social e familiar, além da diminuição da ansiedade e tristeza.

1.3.2. Os Docentes e a Educação Emocional

O melhoramento e desenvolvimento da qualidade das aprendizagens é tido como um dos pontos mais importantes das políticas educativas, e os docentes são os agentes fundamentais para o sucesso destas. Todavia, e porque o ser docente tem a sua génese em relações humanas, a qualidade das aprendizagens está igualmente subordinada a uma boa relação educativa.

“Tentando compreender a condição docente em sua fundação e origem, como o que funda ou como a matéria de que são feitos a docência e o docente e, ainda, como o estado que constitui a docência em sua historicidade, em sua realização, encontramos uma relação. A docência se instaura na relação social entre docente e discente. Um não existe sem o outro. Docentes e discentes se constituem, se criam e recriam mutuamente, numa invenção de si que é também uma invenção do outro. Numa criação de si porque há o outro, a partir do outro. O outro, a relação com o outro, é a matéria de que é feita a docência” (Teixeira, 2007, p. 429).

Abarcar a profissão e alcançar emocionalmente os alunos é um grande desafio para os professores, quer pelo decréscimo de valores na sociedade, quer pelas muitas e variadas funções técnicas e administrativas que pioram e desvirtuam a tarefa docente.

“Cada vez se ve más claro que el rol tradicional del profesor, centrado en la transmisión de conocimientos, está cambiando. Actualmente se dan como mínimo dos fenómenos interrelacionados que obligan a este cambio de rol: la obsolescencia del conocimiento y las nuevas tecnologías de la información y la comunicación. Esto abre un escenario en el cual el alumnado adquiere conocimientos en el momento que los necesita, através de medios tecnológicos [...] el rol del profesor cambia, pasando de la enseñanza a la relación emocional de apoyo. Esto va a suponer un reciclaje del profesorado para ponerle en situación de impartir educación emocional” (Alzina, 2000, p. 24)

As alterações que advieram com a chegada da internet modificaram a ligação entre docente e aluno, pois a informação e os conhecimentos estão por todo lado.

Savater (1997) diz que o homem se torna homem, através da aprendizagem, se o homem fosse apenas um animal, poderia aprender com a sua própria experiência, mas não teria o que é especialmente humanizador no processo educacional, que é o que se aprende com os outros.

O docente ensina (difusão de conhecimento) ou faz aprender (desenvolvimento de capacidades). Sempre que o docente encara a profissão como ofício, é persuadido a levar em linha de conta os programas, os testes e as avaliações dos alunos, ensina a todos os estudantes o mesmo, como se um só se tratasse, aqui só importa o sucesso escolar do aluno e realização profissional do docente. Todavia, quando a profissão é exercida como missão, cada estudante é importante, ensinar não é transferência de conhecimento, mas sim a conceção de contextos para a sua construção, e onde é fundamental a preparação do aluno para o futuro, e desta forma o saber é pretendido porque é uma ferramenta indispensável para a compreensão do mundo, desenvolvendo o seu espírito crítico.

Savater (1997) diz que a verdadeira educação consiste não apenas em ensinar a pensar, mas também em aprender a pensar sobre o que se pensa e esse momento reflexivo é o que marca claramente o nosso salto evolutivo em relação a outras espécies.

O docente ao exercer o seu cargo não se serve só a si mesmo, efetua algo que o ultrapassa. Deve fomentar um diálogo esclarecido e explicativo sem pretender impor-se, ouve, pensa e reflete com o aluno, assim o docente, assume o aluno como pessoa quando proporciona que este exiba as suas ideias livremente, sem medo de dizer o que pensa, e esta atitude do docente faz toda a diferença.

Alzina (2000) considera importante que a EE continue destinada a estudantes, docentes, famílias e sociedade em geral. Os alunos são o recetor final da tarefa educacional. Mas, antes que isso aconteça deve-se ensinar os docentes. Mas estes, só quando perceberem a importância e a necessidade de EE nas escolas, é que terão a motivação para trabalhar neste assunto, sendo que o corpo docente é presumivelmente um dos setores com mais carência de aptidões socio-emocionais. EE deve ser compreendida como um meio de prevenção através do desenvolvimento de competências emocionais. Os docentes potenciam a sua evolução pessoal e profissional e podem ser capazes de ensinar aos alunos como um meio de desenvolvimento preventivo e pessoal.

Um docente emocionalmente comprometido é alguém que ouve e entende as preocupações dos alunos, porque tentar conhecer os alunos é o caminho para o sucesso. Por norma, é mais eficiente deixá-los manifestar o seu mal-estar ou dificuldades, que fazer-lhes recriminações ou recordar-lhes as obrigações com a escola e com os estudos. Não lhes “dar sermões” ou falar do futuro. Para os alunos, o futuro não é mais do que um presente próximo, e de nada interessa persistir na expressão usual do dia de amanhã, porque provavelmente irá ser mais desestabilizador do que agregador, levando a um estado emocional negativo relativamente à escola e aos estudos.

O docente imbuído e personificando na sua ação os princípios da EE, reforça a sua autoestima e aumenta a aptidão para defrontar as obrigações escolares. Os docentes devem transmitir aos alunos a ideia de que acreditam neles e nas suas capacidades intelectuais para ultrapassar as dificuldades que as aprendizagens acarretam. Ter uma nota pouco positiva ou um dia pouco positivo é algo que pode acontecer a qualquer aluno, e a diferença acontece quando o stôr aceita e compreende, ao passo que o professor não aceita que isso possa acontecer.

Como afirma Pekrun (2014) as emoções são contagiantes, por isso as emoções que o docente sente e mostra na sala de aula podem ter consequências nas emoções vivenciadas pelos alunos. Isto acontece quer para as emoções positivas, quer para as negativas. As emoções positivas dos docentes podem potenciar a aprendizagem dos alunos na sala de aula e ter impacto no valor da aprendizagem assimilada pelos alunos.

“For all these reasons, educators should attend to students’ emotions. There are several ways to help students increase positive emoticons and decrease negative emotions. Most importantly, educators can help students develop the self-confidence, interest and intrinsic value of education that promotes excitement about learning and reduces negative emotions. This can be done by providing high-quality instruction, using one’s positive emotions as a teacher” (Pekrun, 2014, p. 28)

2. Contexto

O meu ano de estágio, ou mais concretamente de iniciação à prática profissional, foi realizado na localidade onde nasci e resido, em Penafiel. Este ponto é referente ao estabelecimento de ensino, assim como a aspetos relativos à disciplina de História A e dos alunos com quem trabalhei ao longo do ano letivo de 2019/2020.

2.1. A Escola

A iniciação à prática profissional foi realizada na Escola Secundária de Penafiel Nº 1 (vulgarmente conhecida pelo lugar onde está situada – Lugar do Sameiro), localizada na cidade de Penafiel que pertence ao distrito do Porto. Foi um “regressar a casa”, visto que foi aqui que realizei o meu terceiro ciclo do ensino básico e conclui o meu ensino secundário.

A Escola Secundária de Penafiel foi a primeira escola do concelho a englobar o terceiro ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário. Mas até chegar aqui, passou por muitas reformas e estruturações. Logo depois do 25 de abril, surge a conhecida escola “Técnica”, sensivelmente no local onde hoje está situada a Escola Secundária de Penafiel. Devido à necessidade progressiva de dotar o concelho de Penafiel com uma instituição de ensino que garantisse o prosseguimento de estudos a todos os que não desejavam frequentar a Escola Industrial (em funcionamento desde 1961 na freguesia de Milhundos, com os cursos de eletricidade e mecânica) e que na década de sessenta se passa a chamar de Escola Comercial e Industrial de Penafiel.

No ano letivo de 1968/1969, no centro da cidade, inicia atividade a secção de Penafiel do Liceu Alexandre Herculano do Porto. Em 1972, esta secção obteve o estatuto de Liceu Nacional de Penafiel, funcionando a partir desse momento sob a direção de um Reitor, até 25 de abril de 1974. A coexistência dos dois estabelecimentos manteve-se até 1978, declarando-se a sua fusão através da portaria 599/78. Como é referido no seu número sete, “*O antigo Liceu de Penafiel e a antiga Escola Técnica de Penafiel, transformados em Escola Secundária por força do Decreto-lei nº80/78, de 27 de Abril, são extintos com efeitos a partir de 1 de Outubro*”. É, por força do número oito da mesma

Portaria, “*criada, com efeitos a partir de 1 de Outubro de 1978, a Escola Secundária de Penafiel*”⁶

A minha impressão sobre a escola é muito positiva. Foi reformulada em 2014, e se eu não soubesse, nem acreditaria que esta tinha sido a minha escola. É tudo novo, os espaços foram aproveitados de forma diferente, existe um maior conforto, uma maior preocupação com a comodidade dos alunos e dos professores, mas confesso que numa fase inicial fui invadido por um sentimento de nostalgia, pois tinha sido aqui que eu tinha passado bons e inesquecíveis momentos, mas já não era a mesma coisa e nunca mais voltará a ser.

Em relação aos recursos humanos, de realçar a direção da Escola, na pessoa do seu diretor, sempre nos corredores, sempre visível. Os professores já todos na sua larga maioria, com uma experiência muito elevada, mas que ainda continuam com uma mentalidade jovem. O restante pessoal administrativo, técnico e auxiliar sempre disponíveis, simpáticos e zelosos para com os alunos e espaços à sua responsabilidade.

Foi um prazer ter convivido com todos, restando a esperança de um dia, que espero breve, poder fazer parte dessa comunidade educativa.

2.2. A Disciplina: História A

No meu estágio pedagógico trabalhei com duas turmas de 11º ano de escolaridade, do curso científico-humanísticos de línguas e humanidades que eram da responsabilidade da minha orientadora, a professora Maria de Fátima Mota. Serviu de suporte à prática letiva o programa⁷ de História A e de acordo com o previsto no artigo 38.º do Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, com o referencial⁸ de aprendizagens essenciais.

⁶ Disponível em https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/329020/details/normal?filterEnd=1978-12-31&sort=whenSearchable&filterStart=1978-01-01&q=1978&sortOrder=DESC&jp=true&print_preview=print-preview&fq=1978&perPage=100

⁷ Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_Linguas_e_Humanidades/historia_a_10_11_12.pdf

⁸ Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf

A disciplina no 11º ano estava dividida em três módulos, o módulo quatro incidia sobre a Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais; o módulo cinco era respeitante ao liberalismo – ideologia e revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX e finalmente o módulo seis sobre a civilização industrial – economia e sociedade; nacionalismos e choques imperialistas. O módulo quatro era dividido em três subdomínios: A Europa dos Estados absolutos e a Europa dos parlamentos, o triunfo dos Estados e dinâmicas económicas nos séculos XVII e XVIII e a construção da modernidade europeia. O módulo cinco por sua vez era repartido em dois subdomínios: na implantação do liberalismo em Portugal e no legado do liberalismo na primeira metade do século XIX. O módulo seis era composto por quatro subdomínios: as transformações económicas na Europa e no Mundo, a sociedade industrial e urbana, em Portugal, uma sociedade capitalista periférica e finalmente nos caminhos da cultura.

Neste ano letivo para cada turma de 11º ano, foram atribuídas três aulas de noventa minutos, perfazendo duzentos e setenta minutos por semana, o que é manifestamente pouco, mas até é muito quando comparado com outros anos de escolaridade. A História A, é uma das disciplinas com médias negativas, em exames⁹: na 1ª fase conta com uma média de 90 em 2016, 98 em 2017 e 92 em 2018, na 2ª fase surge com 85 em 2016, 85 em 2017 e 81 em 2018, o que é preocupante e alarmante!

Isto pode ser explicado pelo sucessivo desprestígio da disciplina, por parte do ministério da educação, que vai afastando a História para um patamar inferior através da diminuição dos tempos letivos, e que se traduz na grande dificuldade para exercer um trabalho contínuo que possibilite a evolução de aptidões e competências (análise e, interpretação, reflexão e pensamento crítico). O desprestígio da disciplina acontece também pela escassa oferta de trabalho, surgindo atualmente um modelo padronizado de aluno na área das Humanidades, aquele que quer escapar a outras disciplinas e que olha para este percurso como mais fácil, sem estar minimamente motivado e preparado para tal.

⁹ Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/JNE/relatorio_anual_do_jne_2018_final_lv.pdf (p.46)

2.3. Os alunos

Como já foi referido, na minha iniciação à prática profissional, desenvolvi o trabalho letivo com duas turmas de 11º ano de escolaridade, do curso científico-humanísticos de línguas e humanidades que eram da responsabilidade da minha orientadora, a professora Maria de Fátima Mota, o 11º X e 11º Z¹⁰.

O 11º X era composto por 27 elementos, 12 do género feminino e 15 do masculino, de idades compreendidas entre os 16 e 17 anos de idade. A média de notas à disciplina de História A no 10º ano era de 13.74 valores, havendo três alunos com notas iguais ou superiores a 18, e outros tantos com notas negativas. A média por género, mostra que as raparigas têm uma média de 14.5 valores e os rapazes de 13.13 valores.

O 11º Z era composto por 24 elementos, 16 do género feminino e 8 do masculino, de idades compreendidas entre os 16 e 19 anos de idade. A média de notas à disciplina de História A no 10º ano era de 15.46 valores, tendo seis alunos com notas iguais ou superiores a 18, e nenhum com notas negativas. A média por géneros, mostra que as raparigas têm uma média de 16.38 valores e os rapazes de 13.63 valores.

¹⁰ A designação das turmas é fictícia, com o objetivo de garantir o anonimato.

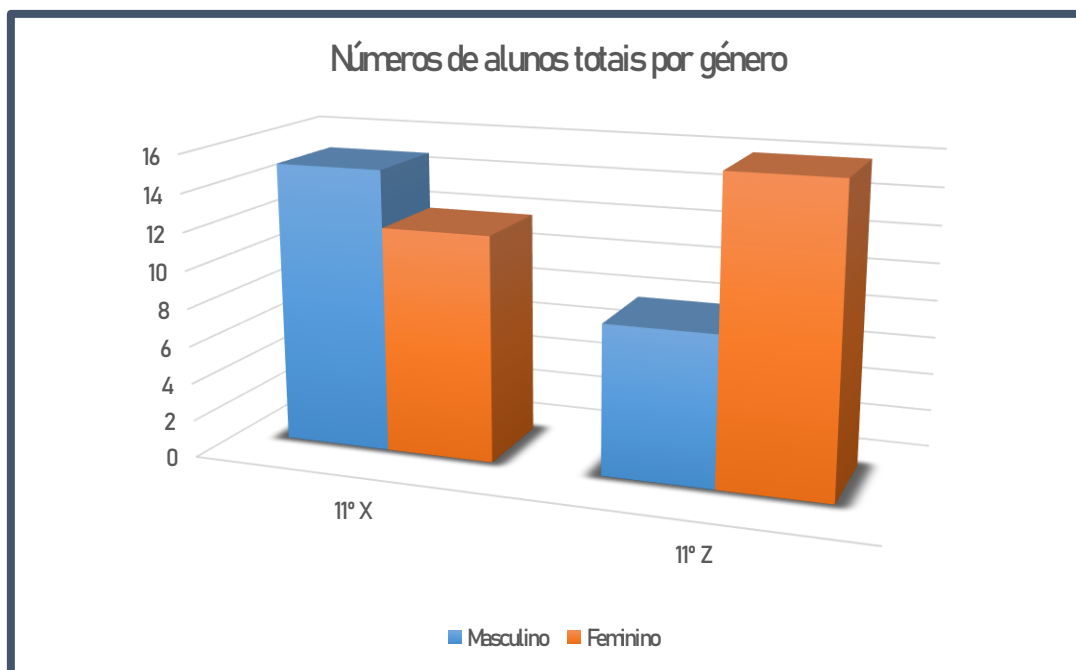


Gráfico 1 – Número de alunos totais por género. Elaboração Própria

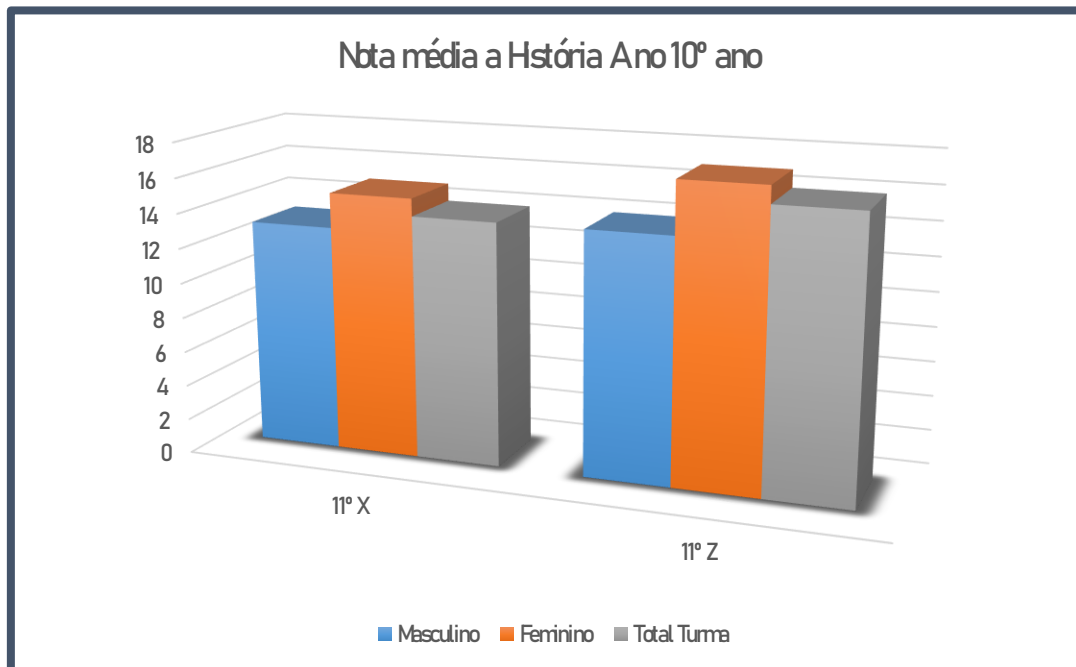


Gráfico 2 – Nota média a História A no 10º ano. Elaboração Própria

É perceptível pelos gráficos que a turma Z tem melhores notas e alunos mais interventivos, algo que se foi notando ao longo do ano, mas por outro lado, a turma X quando confrontada com várias atividades respondeu sempre muito bem e com uma adesão que muitas vezes chegou aos 100%. As duas turmas trabalharam bem, os alunos estiveram sempre disponíveis e motivados com as aulas e as suas dinâmicas.

3. No interior da sala de aula

Neste capítulo descrevo todas as iniciativas que pensei e executei neste ano de estágio dentro da sala de aula tendo como tema principal a importância das emoções no contexto de sala de aula e de que forma o docente as pode promover em benefício dos seus alunos.

Como afirmou A. S. Neill

“Quando eu falo a estudantes de escolas normais e universidades, fico quase sempre chocado com a falta de qualidades adultas daquelas garotas e garotos recheados de inúteis conhecimentos. Sabem muito, brilham em dialética, podem citar os clássicos, mas em sua maneira de encarar a vida muitos deles são crianças. Porque foram ensinados a saber, mas não lhes ensinaram a sentir. Tais estudantes são amistosos, agradáveis, animados, mas algo lhes falta: o fator emocional, o poder de subordinar o pensamento ao sentimento. Falo-lhes de um mundo cujo conhecimento lhes foi negado, e que eles continuarão a desconhecer. Seus livros escolares não tratam do caráter humano, do amor, da liberdade, ou da autodeterminação. Assim, o sistema continua tendo por alvo apenas os padrões do ensino livresco: continua separando a cabeça do coração (Neill, 1970, p. 23-24).

E é muito dentro deste pensamento que norteiei o meu trabalho na escola, sendo que uma das minhas grandes preocupações, foi mostrar aos alunos que existem docentes que se preocupam com eles.

3.1. Cartões de Aprendizagem

Acredito que o docente pode ser muito influente e até decisivo no percurso académico dos alunos, na forma como se relaciona com eles, mostrando-lhes que, independentemente de o estado português não lhes reconhecer ainda maioridade, nós que estamos do outro lado, reconhecemos neles muitas capacidades, em especial a habilidade de pensar, refletir e criticar várias questões e temas. Isto implicará também uma responsabilização no que vai acontecendo durante as aulas.

“Como foi importante para os alunos determinado professor que se mostrou interessado pelos seus problemas pessoais, que os tratava pelo nome, que se relacionava com eles de forma afectuosa e estimulante. Numa palavra, que os estimava. Era um professor que acreditava em nós, que gostava de nós” (Guerra, 2006, p.12)

Os alunos devem ser ouvidos e isso irá engrandecer o trabalho docente, porque vai ao encontro das necessidades do ensino. Porque achei que era fundamental escutar os alunos, pedindo-lhes indicações do meu trabalho, e pela questão emocional utilizei aquilo que eu chamo de cartões de aprendizagem.

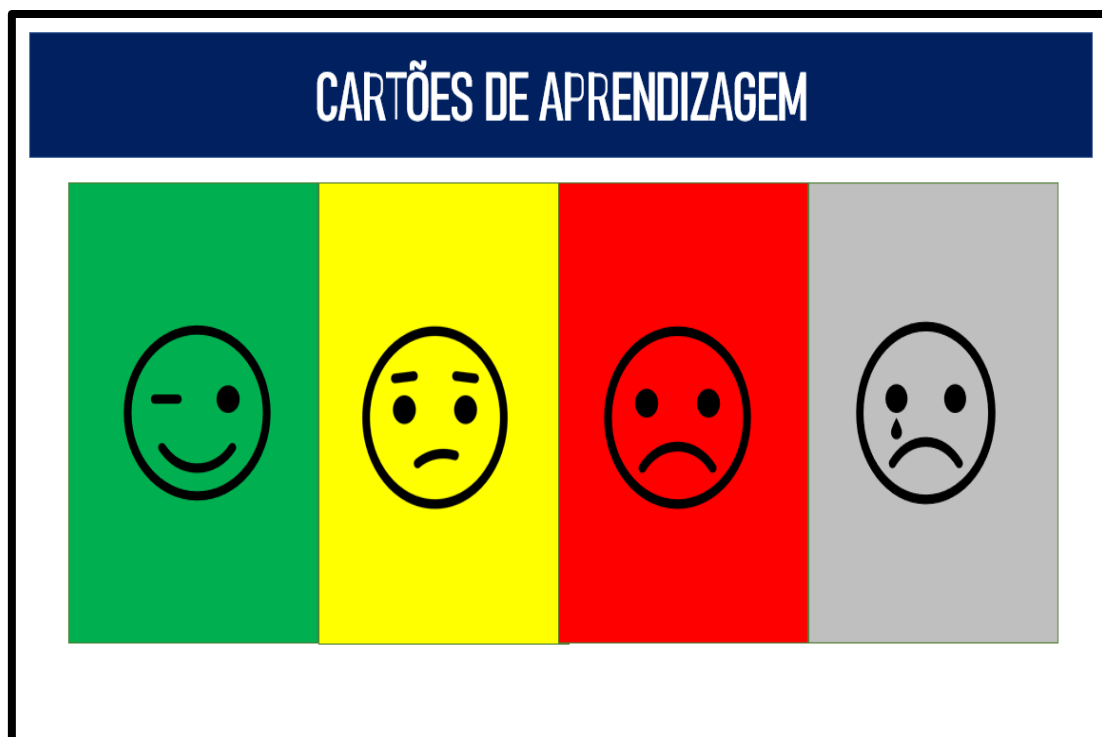


Figura 14 – Cartões de Aprendizagem utilizados nas aulas. Elaboração Própria

Numa das minhas reflexões, tentava identificar algo que pudesse ajudar os alunos a melhorar a aprendizagem, a terem uma maior facilidade na exposição das suas dúvidas, a terem mais intervenção no decurso das aulas, a poderem avaliar no momento a aula que tinha sido preparada, tudo isto não esquecendo a parte emocional e valorizando o que eles sentiam.

E foi a partir destes objetivos que fui pensando, fiz aquilo que muitas vezes faço, coloquei-me no lugar do aluno, e pensei: Quando estava no lugar deles, o que é os docentes poderiam ter feito e não fizeram? Enquanto aluno valorizava o docente sobre que aspetos? A primeira coisa que me vinha sempre à cabeça, era que as aulas não fossem ditatoriais, o que na minha altura era frequente, depois que me perguntassem a minha

opinião e que houvesse respeito, por muito ridícula que fosse, que pudesse dizer francamente a minha apreciação sobre as aulas dadas, sem sofrer qualquer tipo de repreensão. Mas, pensei, refleti e cheguei a uma conclusão, que num daqueles momentos menos bons em que todos os adolescentes passam, pudesse ter não um docente, mas sim um amigo, e que se preocupasse comigo, com o que eu estava a sentir, e que não me recriminasse por não estar atento à aula, o ter um ombro amigo nesses momentos faria toda a diferença.

Depois de compreender que deveria promover isso nas minhas aulas, outra questão, como o vou fazer? Então veio-me à memória o professor de História Rui Correia, da Escola Básica de Santo Onofre, nas Caldas da Rainha, que venceu o Global Teacher Prize Portugal 2019, que valoriza e gratifica os bons exemplos de ensino, por parte dos docentes. O professor foi elogiado na sua tarefa de otimização dos períodos de atenção dos alunos, utilizando várias estratégias. Uma das quais, eu adaptei e reformulei nas minhas aulas, que foi a dos “copos semáforos”, na qual cada aluno possuiu três copos sobre a mesa e que usa mediante o que vai escutando. Verde, está a perceber. Amarelo, tem dúvidas. Vermelho, não está a entender.

No meu caso criei os cartões de aprendizagem (fig. 14), incluindo uma novidade que é o cartão cinzento. Utilizei cartões por uma questão prática. O funcionamento é simples, os alunos quando entram na sala de aula, passam na mesa do docente e levantam os quatro cartões, a aula só começa quando todos fizerem esse procedimento. Depois, à medida que aula vai decorrendo, os alunos vão mostrando os cartões que se adequam ao que estão ou não a perceber e se estão a achar a aula interessante.

Aqui surge uma dupla importância da utilização dos cartões, informa o docente da percepção das dúvidas dos alunos e se estão a compreender a matéria. Depois outra particularidade, o docente consegue perceber de forma imediata se a aula está a resultar ou não, pois muitas vezes, o docente só tem essa percepção na aula seguinte ao colocar algumas questões sobre a matéria dada.

O cartão cinzento serve para quando o aluno se sente mal emocionalmente. Se for usado na aula, tem a palavra de honra por parte do docente, de que não vai ser incomodado com questões que abordem a matéria. Mas o docente, está ali para o que for preciso, aliás, foi logo definido que o aluno que mostra o cartão cinzento, tem de dar uma explicação ao

docente, que pode ser só “Stor, não me estava a sentir bem” no fim da aula ou quando o aluno achar pertinente, mas enquanto não der nenhuma justificação ao docente, ficará impedido de utilizar os cartões. Este impedimento surge, porque entendo ser importante na relação docente-aluno uma simbiose entre liberdade e responsabilidade. Se o docente coloca nas mãos dos alunos a possibilidade de estes exteriorizarem o que sentem de positivo ou negativo, também será correto que os docentes recebam uma explicação dos alunos, como disse anteriormente, pode ser um “Stor, não me estou a sentir bem”, isto é, o aluno deu uma justificação curta e breve para o uso do cartão, pois muitas vezes eles evidenciam, mas não querem falar, e isso só acontecerá se sentirem à vontade para o fazer, algo que deverá ser tido em conta pelos docentes.

Foi uma tentativa de sociabilizar a minha relação com os alunos, envolvendo tudo isto num ambiente afetivo, bem-disposto e informal. Como já anteriormente referi, por muito bom docente que seja, por muito boa aula que possa lecionar, se os estudantes não se sentirem bem emocionalmente, não irão aprender.

3.2. Diários de Bordo

O estágio pedagógico é quando um professor estagiário vislumbra aquilo que será a sua realidade futura enquanto docente, é quando entra pela primeira vez numa escola como professor, transportando uma dose maior de responsabilidade, colocando toda a aprendizagem adquirida na vida universitária.

Eu sou formador de profissão, e desde muito cedo percebi a importância da reflexão como forma de melhorar as minhas sessões e de como interagia com os formandos. Cheguei claramente à conclusão de que a práxis letiva não é só transmissão de saberes, mas o seu quotidiano, as interações que dele advém e a forma como evoluímos a partir disto. Desta forma, o ser docente é também refletir sobre o que se faz, que se pense nas aulas, qual o método e quais os recursos a utilizar. E se é fácil recordar o que se faz a curto prazo, a médio e longo prazo torna-se muito difícil ou até mesmo impossível relembrar todas as peripécias e imprevistos que foram acontecendo, e foi assim que surgiu a ideia da elaboração de um diário onde fosse registada toda a informação que sentisse ser pertinente e construtiva na minha evolução profissional.

Neste ano decidi utilizar no estágio o que denominei de diário de bordo, uma espécie de diário de aula “Los diarios de clase, al menos en lo que se refiere al sentido que reciben en este trabajo, son los documentos en los que los profesores y profesoras recogen sus impresiones sobre lo que va sucediendo en sus clases” (Zabalza, 2004 p.15).

Os diários de bordo que escrevi, serviram em primeiro lugar para registar todas as situações de decorreram na sala de aula, e que seriam pertinentes no estudo da componente emocional dos alunos. Isto aconteceu quando existiu a amostragem do cartão cinzento por parte dos alunos, e foi uma forma de ir acompanhando a situação dos alunos em causa. Numa segunda perspetiva, para uma reflexão das aulas que foram lecionadas por mim, se a aula tinha sido bem preparada, se os recursos tinham sido adequados, se a forma como me expressei e interagi com os alunos foi correta, o que correu bem e o que correu menos mal.

Demonstro aqui uma parte daquilo que foi a minha perceção e contributo na sala de aula, através do relato descritivo dos diários de bordo. Ressalvo que não estão na sua totalidade, mas somente aqueles que considerei pertinentes para a elaboração deste relatório. Começo pelas duas reflexões das duas aulas, primeiras aulas que lectionei, e as

duas supervisionadas pelo professor doutor Luís Alberto, e posteriormente com os momentos onde intercedi emocionalmente junto dos alunos.

Reflexão sobre a aula “O Absolutismo Joanino e as razões do sucesso “

Aula 1 – 11º X – 90 minutos

Penafiel, 24 setembro de 2019

“A minha primeira aula no âmbito da prática de ensino supervisionada, ou seja, a minha primeira experiência como professor de história, foi francamente positiva, assumo-o de forma humilde e sincera. Estava um pouco ansioso, mas com muita ilusão e confiança de que a aula iria correr bem. Embora já me tenha apresentado aos alunos, foi a primeira vez que me viram “in loco” a lecionar, assim como o facto de estar perante vários alunos e diante de matérias que iria lecionar pela primeira vez, espoletou em mim sentimentos contraditórios: será que vou conseguir motivar os alunos para a aprendizagem do tema? Será que vão gostar de mim como professor? Será que vou corresponder às expectativas? Como só dispomos de uma oportunidade para causar uma boa impressão, foi algo em que pensei bastante, confesso. Num primeiro contacto com os alunos, a minha experiência profissional ajudou-me a criar alguma empatia com os alunos, impus-me e mantive uma boa postura corporal.”

“Depois de uma profunda reflexão entendo que foi uma aula que resultou bem, percebi na última aula algumas dúvidas e incertezas da turma em relação à nossa restauração da independência e concebi uma compilação de um programa televisivo “Conta-me história” que explica de forma muito simples, tornando-se num elemento motivador para a aprendizagem do tema e para que os mesmos entendessem melhor a conjuntura vivida na época em Portugal. Os alunos reagiram positivamente ao vídeo, e posteriormente trabalharam em grupos de dois elementos na resolução das perguntas lançadas por mim na aula em relação aos documentos utilizados. Numa perspetiva global, acharam esta metodologia, positiva e motivadora. Fui ao longo da aula executando uma despistagem de vocabulário, sempre à procura de dúvidas por parte dos alunos.”

“Foi uma aula não demasiado expositiva, procurei sempre uma participação assertiva e ativa dos alunos, os recursos utilizados foram adequados, mas reconheço que se pudesse ter mais uns minutos seria melhor, pois esta turma acabou por ser bastante participativa, sendo que tive de solicitar aos alunos que respondessem à situação problema «São os reis que fazem as épocas, ou são as épocas que fazem os reis», como

trabalho de casa, devendo estes elaborar uma pequena reflexão sobre esta questão. Em consciência sinto que foi uma aula que correu bem e penso ter conseguido potenciar os recursos que preparei com o intuito de os alunos aprenderem a matéria. ”

“Em jeito de conclusão, acho que os meus pontos fortes vieram ao de cima, como a minha expressividade, tom de voz, transparecendo para os alunos segurança e de que assumo o controlo da aula, estando à vontade em todo o espaço da sala, além de demonstrar aos alunos a importância de aprender história, e de que deste lado terão sempre um professor que dá muita importância ao que os alunos sentem. ”

Reflexão sobre a aula “O Absolutismo Joanino e as razões do seu sucesso “

Aula 2 – 11º Z

Penafiel, 24 setembro de 2019

“Esta aula foi lecionada após 15 minutos de intervalo da aula lecionada à turma Z. Não consegui, portanto, refletir em tempo útil tanto quanto pretendia e necessitava. Solicitei uma primeira impressão à professora Fátima acerca da aula dada à turma Z e tentei perceber se tinha existido alguma situação grave que tivesse de ser corrigida, ao que a minha orientadora respondeu negativamente, afirmando que tinha sido um primeiro ensaio francamente positivo. Alertou-me para a probabilidade de a turma Z muito provavelmente ser mais participativa, devido às características dos seus elementos.”

“Num primeiro momento percebi que teria um problema no computador presente na sala de aula e de que o som não iria funcionar além da má qualidade de imagem. Tentei chamar a funcionária do piso para ver se me poderia ajudar, mas afirmou que nada poderia fazer e de que eu no fim da aula deveria reportar ao serviço de informática essa situação. Desde logo fiquei impedido de colocar o vídeo que tinha preparado sobre a nossa restauração da independência para que os alunos entendessem melhor a conjuntura vivida na época em Portugal.”

“Aproveitei este constrangimento, para por em prática a minha capacidade de inflexão, e realizei um levantamento de ideias tácitas dos alunos de forma oral, até mesmo para me ajudar a perceber o que eles sabiam ou que ideia tinham sobre alguns temas. Em relação à turma X e anterior aula, esta turma demorou um pouco mais na resolução das perguntas sobre os três documentos solicitados, de forma pouco expectável revelou mais dificuldade e teve um ritmo mais lento de execução.”

“Muito à imagem da aula anterior, foi uma aula não demasiado expositiva, procurei através do questionamento uma participação assertiva e ativa dos alunos, e melhorei algo que fiz na primeira aula, que em vez de pedir a alguém para se voluntariar e ler os documentos (em que rapidamente percebi que os “voluntários” seriam sempre os mesmos), selecionei os alunos para o fazerem.”

“Solicitei aos alunos que refletissem sobre a situação problema “São os reis que fazem as épocas, ou são as épocas que fazem os reis”, não com a obrigatoriedade de um trabalho de casa, mas como forma de curiosidade e de que não existiria uma resposta certa, pretendia sim uma opinião fundamentada com base na matéria que foi lecionada na aula.”

“Em consciência sinto que foi uma aula que correu bem, além de conseguir promover os recursos (à exceção do vídeo, por razões que já expliquei) que preparei com o intuito de os alunos aprenderem a matéria. Senti que todo o trabalho que tive, foi recompensador pelo feedback dado quer pelos alunos, quer pela minha orientadora de estágio.”

Reflexão sobre a aula “A política económica e social pombalina “.

Aula 7 – 11º X

Penafiel, 29 de outubro de 2019

“Esta aula foi a primeira aula observada pelo professor supervisor, Luís Alberto. Pese embora já tenha dado algumas aulas, estava ligeiramente nervoso, se calhar até com um pouco de ansiedade para que tudo corresse pelo melhor.”

“Fui para a sala mais cedo que o normal, para antecipar algum constrangimento que pudesse ocorrer. Os alunos foram chegando, e já se habituaram que quando sou eu a lecionar a aula, sabem que antes de ocuparem os lugares têm de ir levantar os cartões. Iniciei a aula percebendo se os alunos tinham entendido a matéria dada na aula anterior. A aula sobre as políticas económicas e sociais pombalinas foi algo expositiva, mas com bastante questionamento no decorrer da mesma, tentei encontrar vários recursos que tentassem tornar a aula mais atrativa para os alunos, algo que não encontrei. Relembro que o projeto iluminista do Marquês de Pombal e a reconstrução da baixa pombalina incluindo o terramoto de 1755, será lecionado mais à frente. A aula decorreu bastante bem, os alunos estiveram sempre atentos e foram utilizando os cartões à medida que eram solicitados.

Na parte final da aula utilizei como uma motivação e consolidação de conhecimentos um kahoot, que os alunos adoraram, ficaram contentes pois era algo que eles já me tinham pedido, e achei que esta aula seria a ideal para o fazer. Em consciência sinto que foi uma aula que correu bem e noto algo que considero importante, os alunos ajudaram e perceberam a importância desta aula para mim, noto isso como a recompensa deles perante tudo o que tenho feito por eles. Sei que alguns até podem não ter percebido alguma coisa, mas achavam que se utilizassem outro cartão que não fosse o verde, estariam a prejudicar-me, achei isso bastante recompensador e percebi que o meu trabalho está a ser levado em conta por eles.

Reflexão sobre a aula “A constituição de 1822, carta constitucional de 1826 e guerra civil “.

Aula 15 – 11º Z

Penafiel, 30 de janeiro de 2020

“Esta aula foi supervisionada pelo professor Luís Alberto e segue na continuação da aula lecionada em 28 de janeiro sobre a implementação do liberalismo. Aproveitando algumas das indicações do professor Luís Alberto percebi que podia ter explorado a imagem do primeiro slide em termos de significado (poder legislativo, eleições, representatividade). Percebi que quando pedi aos alunos para encontrar artigos da constituição de 1822 que se revissem naquilo que tinha referido na aula até ao momento, nem todos os alunos conseguiram justificar os artigos selecionados, acho que foi uma questão de tentar seguir o plano de aula em termos de tempo ”

“A explicação do contexto externo à implantação da constituição de 1822, foi demasiado rápida e se calhar os alunos não compreenderam o papel da quádrupla aliança. Se calhar seria pertinente ter abordado os períodos de vigência da constituição e sobretudo da carta (1826-1828; 1834-1838; 1842-1910). É uma marca conservadora do liberalismo português e poderia ter abordado este ponto de forma diferente. Outro aspeto que foi referido pelo professor Luís Alberto, foi o desembarque das tropas liberais em Portugal que eu referi não se saber se teria sido na praia do Mindelo ou em Pampelido, ao que o professor me elucidou que teria sido entre esses dois locais.”

“Existiu sempre um bom ambiente na aula e com uma relação empática com os alunos, mas falo muito rápido, algo que tenho de rapidamente corrigir, pois percebo que se torna difícil acompanhar o meu raciocínio. Na apresentação em powerpoint, chego à conclusão que a cor vermelha não resulta.

Diário de 10 de outubro de 2019

“No dia 10 de outubro de 2019, demonstrei às turmas X e Z a minha intenção de as incluir no meu relatório de estágio, o qual iria tratar a educação emocional e a sua importância na escola e sala de aula. Serão eles que me irão ajudar a demonstrar a importância do que eles sentem e de que forma isso contribui para a sua aprendizagem. O meu grande objetivo é investigar o porquê de as emoções não serem tidas como fundamentais na organização escolar e evidenciar a sua importância, numa comunidade educativa.”

“A turma Z ficou muito feliz e até posso dizer que orgulhosos por os ter escolhido e comprometeram-se comigo a realizar um bom trabalho. Ovationaram-me com uma grande salva de palmas, com a qual fiquei extremamente feliz.”

“A turma X reagiu bem, mas não exteriorizou tanto o seu contentamento como a turma Z, mas percebi que ficaram contentes e orgulhosos.”

“Enquanto a professora dá a aula, tudo é motivo de distração, desde um simples compasso que o Joaquim analisa ao pormenor, a um leque que Ada fabricou e com o qual se distrai, os cabelos que a Constança enrola ao pormenor, tudo isto para eles é muito mais motivador e aliciante do que a correção do trabalho de casa sobre as “manufaturas francesas”. Eu sei que o tema não é dos melhores para obter a atenção de todos, além da dificuldade de formação de uma natural motivação, acredito que se dedicarmos um pouco do tempo letivo disponível durante o ano, a tentar perceber quais as suas motivações, receios, problemas, além de reter a atenção deles podemos potenciar o seu sucesso não só enquanto alunos, mas também enquanto cidadãos. É fundamental demonstrar que deste lado está alguém que se preocupa com eles, fazendo-os perceber que o professor está aqui para os ajudar, tentando ser um auxílio preponderante e que irá marcar não só a vida académica, mas também profissional.”

15 de outubro de 2019

“Na turma X os alunos concluíram a realização de uma ficha de trabalho e posteriormente efetuamos a correção da ficha de trabalho. Puderam ouvir música nos auscultadores ligados ao telemóvel, facilitou-se nesse aspeto para potenciar um melhor trabalho. Continuo a achar que muitos alunos não se sentem motivados para a aprendizagem dos conteúdos, estão calados e em silêncio, mas distraem-se sozinhos nas infindáveis possibilidades da sua imaginação. Estamos na véspera do teste e noto uma ligeireza nos comportamentos, esperava que estivessem mais ansiosos e mais preocupados com o teste e com as notas que daí vão advir.”

“Até pela forma de responderem, o Joaquim a uma pergunta que pede para indicar as razões justificativas da debilidade da burguesia em Portugal no século XVII, responde “desagregação da burguesia”, mas não sabe o seu significado, ou seja, não tenta antecipadamente saber o que quer dizer, responde a partir do documento e basta, não interessa perceber, este é de facto um dos grandes problemas, aceitar sem perceber, sem questionar, sem criticar. O mesmo trabalho, uma turma diferente, resultados diferentes...”

24 de outubro de 2019

“Na turma Z foi o dia em que apresentei aos alunos os cartões e o seu funcionamento. Ficaram muito contentes e elogiaram a minha ideia, “é fixe”, “é diferente”, “nunca tínhamos feito isto”. Fiquei muito orgulhoso e percebi que com coisas pequenas podemos almejar o alcance de grandes feitos. Expliquei-lhes o que era também o Kahoot e de que forma queria rentabilizar essa aplicação nas aulas. Surgiu o tema do incêndio de Notre Dame, e de como foi possível surgir bastante dinheiro num curto espaço de tempo para a recuperação da catedral e quando acontecem várias calamidades com pessoas pouco ou nada se faz. Os alunos refletiram com várias opiniões: “é mais fácil recuperar Notre Dame, porque é só um edifício”, “os países, empresas e associações deveriam também se preocupar com as pessoas”, “surgiu muito dinheiro porque existe em França uma lei que privilegia as doações à cultura com benefícios fiscais”, “devíamos preocuparmo-nos mais com as pessoas, porque foram as pessoas que construíram Notre Dame e sem elas não existia a história”.

“Na turma X gostaram, mas como é costume são mais comedidos naquilo que é demonstração de emoções ou exteriorização das mesmas. Gostaram da liberdade que eu lhes prometo proporcionar, compreendendo que delego neles bastante responsabilidade. É uma turma onde existe um grande número de alunos que possuem uma enorme facilidade em estar distraídos. Tudo é mais atrativo do que a própria aula. Mas acabam por gostar das comparações que surgem sobre o início do mercado financeiro no século XVII e sobre a bolsa de valores. Quando confrontados se existisse a possibilidade de adquirir ações do Sporting, se eles o fariam, surgem algumas expressões como por exemplo: “Sou sportinguista, mas não sou maluca”, “Nem pensar, só dá prejuízo”, mas quando confrontados com a compra de ações da GALP, EDP, as respostas seriam totalmente diferentes, como por exemplo: “claro, da EDP, sim, porque dá dinheiro”. Percebem perfeitamente o que é a Bolsa de Valores, o que são ações e grande parte da estrutura que a rodeia. Ninguém quer saber dos estudos... São poucos os que têm objetivos definidos... é um problema da sociedade em geral.”

29 de outubro de 2019

“Primeira aula onde comecei com a utilização dos cartões pela primeira vez, foi um sucesso, e passo a explicar. Quem define o momento de apresentação dos cartões, sou eu, que normalmente faço no fim de cada resposta orientadora. Na primeira amostragem dos cartões, para meu espanto, surge um cartão cinzento, fiquei preocupado, confesso. Surgem dois cartões amarelos e os restantes verdes, o que me faz ir ao encontro dos alunos “amarelos”. Percebi quais eram as dúvidas que acabaram por ser as mesmas, e esclareci os alunos. Até ao fim da aula existiram mais dois momentos de imposição dos cartões, que acabaram por ser todos verdes.”

“Numa primeira análise, os cartões permitem-me perceber no momento se a minha aula está a ser positiva, se os conteúdos que estou a lecionar estão a ser claros para os alunos e evidencia a clareza com que os alunos estão a assimilar o que está a ser dado. No fim da aula posso refletir porque é que determinado documento, explicação, vídeo ou outro, não levaram o aluno onde era expectável que este chegasse. O professor entende durante a aula se de facto os alunos estão a aprender, todos são chamados a demonstrar o que estão a perceber, e ao mesmo tempo delegamos alguma responsabilidade nos alunos sobre o rumo da aula, ninguém fica no silêncio, o que é positivo para o professor.”

“Em relação ao cartão cinzento, pois bem, num primeiro momento fiquei apreensivo, mas no fim da aula, o aluno esperou que todos os colegas saíssem da aula e veio-me dizer que tinha usado o cartão, porque se tinha chateado com o Pai, tinha tido uma enorme discussão, explicou-me os motivos e eu transmiti-lhe a minha compreensão e total disponibilidade para o ajudar. Percebi que o aluno necessitava de falar com alguém, e veio-me dar mais vontade para continuar a fazer o trabalho que comecei e que espero possa fazer a diferença. Fiquei muito contente, e percebi que se um professor se disponibilizar a ouvir os alunos e a perceber o que eles sentem, os alunos vão-se sentir mais à vontade e compreendem que do outro lado está mais do que um professor.”

07 de novembro de 2019

“Conjuntamente com a professora Fátima, decidimos utilizar sempre os cartões nas aulas do 11º X e Z. Na turma Z, foi o primeiro dia, falamos nesta aula sobre a filosofia das luzes, a apologia da razão e entrar no mundo da ciência. No primeiro momento de amostragem dos cartões, foram todos verdes, nada de anormal. Mas uma forma de incidir no ambiente da aula, também poderia ser os professores a usar os cartões, para qualificar aquilo que é o desempenho e comportamento dos alunos.”

“Na turma X foi a primeira experimentação dos cartões na aula da professora Fátima. Hoje os alunos estão completamente absorvidos pelo que foram as notas de filosofia, e que se nota logo, nada boas. Existe choro e alguma estupefação, o que acaba por interferir no decurso da aula. Surge um cartão cinzento... dois cartões cinzentos... Um tem uma explicação muito simples e está relacionado com questões de saúde, o aluno em questão desmaiou na aula, devido à visualização de algumas imagens sensíveis (naquele momento estávamos a falar sobre a pintura de Jansz Van Mierevelt, A lição de Anatomia do Dr. Willen Van der Meer, de 1617), e que claramente o influenciou no que foi o decurso da aula.”

“Em relação ao outro cartão cinzento, o motivo é completamente diferente. Como já foi referido, anteriormente à aula de história os alunos receberam as notas de filosofia, onde apareceram muitas notas abaixo do que era esperado. A aluna esperou que todos os colegas saíssem da aula e veio explicar-me o episódio pelo qual tinha passado e pelo qual estava afetada. Tinha ficado surpreendida pela nota obtida no teste de filosofia, e que tinha sido a sua primeira negativa em todo o seu percurso escolar, mas o que a deixou triste e emocionalmente abalada, foi o motivo pelo qual tinha tido negativa e a forma como a docente se dirigiu a ela.”

“No momento da entrega do teste a aluna foi observar pela cotação o que tinha errado e que estaria incompleto, no fundo tentar perceber o porquê da sua classificação e percebeu que em algumas questões que estavam corretas, a docente classificou-as em zero pontos. Dirigiu-se à professora e questionou-a sobre esta situação, ao que a mesma retorquiu que ela tinha deixado copiar uma colega, e que por esse motivo não obteve qualquer classificação nessas perguntas. A aluna sentiu-se injustiçada e reagiu,

contrapondo à docente que esta não estava a ser justa, algo que não foi bem recebido e segundo a aluna, a docente terá reagido de forma agressiva e intempestiva.”

“A aluna confidenciou-me, não estar habituada a esta forma de abordagem por parte de um professor, e por sua vez também não teve a melhor reação. Falei com ela e tentei fazer-lhe ver os dois lados, sem nunca referir ou avaliar o comportamento de uma outra colega professora, algo que eticamente seria inadequado. Percebi que a aluna já tinha consciência de que a sua reação ao que a professora lhe dissera não ter sido a melhor e que deveria ter tido outra postura, algo que eu elogiei. Aconselhei-a a conversar em casa com os seus pais, explicando o sucedido, disse-lhe que uma negativa não é o fim do mundo, que interessa muito mais como se acaba do que propriamente como se começa, fiz-lhe ver que pese embora a atitude de ajudar os colegas é nobre, não o deverá fazer, visto que poderá ser prejudicada com isso no futuro.”

“Mas acima de tudo disse-lhe que nós, enquanto pessoas que desenvolvem competências todos os dias, nunca nos deveremos recriminar por atitudes que tivemos, devemos isso sim, refletir nas suas consequências e respetivas aprendizagens. Nunca nos devemos arrepender do que fazemos, devemos isso sim lamentar o que não fazemos, e passo a explicar, se fazemos algo, é porque achamos que naquele momento era o mais correto, pese embora possamos perceber imediatamente ou não, que afinal não era o mais acertado, mas sabemos que, algo que fizemos resultou ou não, e isso é uma aprendizagem, agora quando não fazemos, ou não desenvolvemos qualquer tipo de atitude, que achamos ser a mais correta para uma determinada situação, é certo que ficamos sem aprender. Não existem consequências, quer negativas quer positivas, não existe nada, e não existe desenvolvimento seja emocional ou cognitivo. E outra não menos importante, viveremos sempre na formulação da hipótese, e não saímos do e se... se eu... se tivesse...”

“Isto foi só a minha opinião, não tem qualquer carater vinculativo para a aluna, acho sim, que pior do que um professor opinar é não ter opinião. Percebi que para a aluna as minhas palavras foram positivas e reconfortantes, de alguém que compreendeu as suas atitudes, sem deixar de lhe dizer o que considerou negativo, mas demonstrando o mais importante, que este professor está ali para a ajudar e que acima de tudo se preocupa com os alunos e de como eles se sentem.”

“Mais uma vez ficou demonstrado a importância dos cartões, esta aluna se não fosse esta ferramenta muito provavelmente não teria exteriorizado as suas emoções, acredito que são elementos que aproximam o aluno do professor, que fazem diminuir a distância e que lhe permitem ser ouvidos.”

21 de novembro de 2019

“Neste dia, lecionei duas aulas sobre a ação governativa do Marquês de Pombal, essencialmente explicar e demonstrar o projeto pombalino de inspiração iluminista. Na turma Z correu tudo dentro do esperado, com algumas dúvidas a surgirem que foram prontamente esclarecidas. Os cartões foram sendo mostrados, e que nesta aula foram sempre verdes.”

“Na turma X, existiram situações inesperadas. Em primeiro lugar não me foi possível dar a aula como tinha previsto, não consegui lecionar a parte da reforma do ensino. Isto aconteceu porque ao falar da reorganização urbanística os alunos ficaram muito curiosos com algumas inovações, como é o caso da gaiola pombalina, o que levou a turma a falar sobre os países nipónicos, a sua construção antissísmica e toda a grande atividade sísmica existente nesses países. Com o vídeo do chão do padrão salgado¹¹, acharam de particular interesse a forma como o Marquês de Pombal aproveitou a tentativa de assassinio do Rei D. José I, para colocar em prática o seu plano de desprestígio da nobreza, o que levou a vários pensamentos.”

“No entanto, mesmo antes da primeira amostragem dos cartões, percebi que uma das alunas mais intervenientes, a Mariana, estava muito calada, muito introspetiva, nada normal. A confirmação surgiu quando esta me mostrou o cartão cinzento, e confirmei as minhas suspeitas. No fim da aula, a Mariana deslocou-se até mim e exteriorizou o que estava a sentir. Disse-me que estava muito triste com os colegas, porque estes colocaram em causa o trabalho dela como delegada da turma.”

“Na escola secundária de Penafiel, um professor quando precisa que a turma tenha acesso a determinados conteúdos em formato papel e que não estão no manual ou no caderno de atividades, envia esses conteúdos para o mail da turma, para serem impressos na reprografia. Os alunos disponibilizam uma determinada quantia ao delegado de turma que fará o depósito na conta corrente da turma. Eu lembro-me que no início do ano a Mariana pediu que cada um disponibilizasse 50 cêntimos, ao que eu e a professora Fátima achamos muito pouco, pois normalmente todos os delegados de turma pedem sempre 2 euros, pois 50 cêntimos acabam por se gastar muito rápido.”

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TrjmyxLQecg>

“Mas resumindo, durante o fim de semana, quando a Mariana pediu para os colegas trazerem mais 50 centavos, muitos deles questionaram se o dinheiro já tinha sido todo gasto, como era possível e alguns apontaram o dedo à Mariana que ficou triste e desiludida, pelo facto de os colegas colocarem o seu trabalho como delegada em causa.”

“Perguntei à Mariana se tinha o recibo dos depósitos e das despesas, ao que ela respondeu afirmativamente. Assim sendo, não teria nada com que se preocupar, pois tinha a razão e as provas do lado dela, contudo, percebi que ela ficou bastante abatida. Questionei a mesma se tinha sido grande o número de colegas a levantar essas suspeitas, ao que ela me disse que tinham sido quatro ou cinco. Com isto, dei-lhe a minha opinião de forma honesta, e disse que eventualmente era a única forma que alguns colegas tinham para confrontar a Mariana, visto que esta tem uma maior maturidade emocional e psicológica do que os restantes, é uma aluna que sabe intervir nas aulas, é alguém que se percebe um sentido crítico em muitas das suas observações, ao contrário dos seus colegas, e como eles não conseguem ter capacidade para refutar ou argumentar várias das coisas que a Mariana diz, na minha perspectiva foi a forma que usaram para a desacreditar.”

“Contudo, disse-lhe para expor o caso à diretora de turma e eventualmente reunir a turma e confrontar quem fez essas afirmações, para mostrar que desempenha o seu trabalho de uma forma séria e empenhada, prevenindo futuramente ações similares. Mais uma vez, os cartões e especialmente o cinzento serve como uma “ajuda” aos alunos por parte do professor. Eles necessitam de ajuda, de conselhos, de apoio e nós professores temos o dever de estar disponíveis para eles. Em muitas destas situações não está presente o ensino da história, mas sim o fazer notar aos alunos que está aqui um professor para os ajudar, que se preocupa com eles e que em qualquer situação diz presente.”

28 de janeiro de 2020

“Neste dia, lecionei duas aulas sobre os antecedentes e conjuntura da Revolução de 1820. As dificuldades da implementação do liberalismo em Portugal. Na turma Z, correu tudo dentro do esperado, com algumas dúvidas a surgirem que foram prontamente esclarecidas. Os cartões foram sendo mostrados, ao que nessa aula foram sempre verdes.”

“Na turma X surgiu um cartão cinzento, por parte do Rui Pacheco. No fim da aula veio ter comigo e explicou-me que era o aniversário do falecimento da mãe. Desconhecia completamente esta situação, e no momento percebi e fizeram sentido muitas das atitudes que ele vai tendo durante o ano. É um jovem educado, mas não demonstra muito interesse nas aulas de história e participava de forma irregular, não existia um padrão definido.”

“Falei com ele e coloquei-me à sua disposição, seja para os conteúdos escolares, seja para outros assuntos, fiz-lhe entender que está ali não só um professor, mas um confidente, um amigo, uma ajuda para o que necessitar. Notei que ele ficou comovido com algumas coisas que lhe transmiti e a ajuda que disponibilizei.”

“O que é certo é que na aula seguinte, depois da aula assistida pelo professor Luís Alberto, veio agradecer-me e disse-me que nunca nenhum professor lhe transmitiu a amizade e carinho que eu tinha demonstrado. Pediu-me que o ajudasse a encontrar o seu caminho, pois seria algo que a mãe iria querer, mas acima de tudo, era a vontade dele em mudar. É fundamental um jovem adulto como o Rui perceber o que quer fazer com a sua vida, encontrar um caminho no qual se reveja e sinta que sempre foi o seu, e eu, dentro das minhas possibilidades, estarei cá para o ajudar.”

“Outra coisa muito interessante, foi ele me dizer que queria ser meu amigo fora da escola, sabe que para o próximo ano não vou estar cá e que eu mudei em muito a sua forma de ver a vida. O certo, é que pelo menos nas aulas de história está muito mais participativo, interessado na matéria e com uma disponibilidade total, até para trabalhar em grupo.”

“Caso para dizer, que benditos cartões que me ajudaram a chegar mais perto dos alunos, e lhes proporcionar uma voz ativa nas aulas e fora das mesmas. Costuma-se dizer no futebol que para se ser um bom treinador, saber só de futebol não chega, e eu atrevo-

me a fazer a comparação com a função docente. Para sermos bons professores, temos de ir muito mais além daquilo que é a nossa unidade de competência, é fundamental a preocupação com o que os alunos sentem, como estão, quais são as suas dificuldades e colocarmo-nos do lado deles. Demonstrar-lhes que eles são gente, que importam e se for necessário o professor adapta-se a eles, para obter deles o máximo e promover o seu desenvolvimento.”

4. No exterior da sala de aula

Neste capítulo descrevo todas as atividades que pensei e executei neste ano de estágio no exterior da sala de aula tendo como tema principal, a importância das emoções e o seu impacto no ensino da História, e de que forma o docente as pode promover para potenciar a aprendizagem dos seus alunos. Partindo de uma citação de Confúcio “*O que ouço, esqueço; o que vejo, recordo; o que faço, compreendo*”, levei a disciplina para fora da sala e tentei que os alunos de forma coletiva se envolvessem na aprendizagem em História, relacionando a questão emocional.

Desta forma, foram organizados dois eventos: a conferência sobre a importância das emoções na escola e uma visita de estudo à rota “Porto Liberal”. Infelizmente, e devido à pandemia COVID-19 que nos assolou, não foi possível realizar a conferência nem proceder à visita de estudo. Contudo, vou descrever todo o trabalho que foi realizado pelos alunos, que demonstra ser possível capitalizar e valorizar o ensino da História através das emoções e das ligações a acontecimentos ou locais históricos.

4.1. Conferência sobre a importância das emoções na escola

No segundo ano deste mestrado, e mais precisamente no segundo semestre, e na disciplina de “Problemáticas Históricas” surgiu um desafio. Esta unidade curricular centrava-se na organização de um evento de tema livre, e à escolha do professor estagiário na escola onde se realizava a prática de ensino supervisionada.

A minha ideia surgiu quase de forma imediata. A problemática das emoções seria o tema central, restava ligar este assunto à História. Pensei na elaboração de uma conferência e expus o desafio aos alunos e todos gostaram da ideia, definimos em primeiro lugar o dia, 8 de maio de 2020, ficando de pé algumas hipóteses, como ter um representante de cada turma a falar sobre o tema ou a realização de uma recriação histórica.

Por indicação do professor Luís Alberto, descobri uma exposição sobre as emoções do Goethe Institut e que poderia “replicar” na conferência. Mais uma vez refleti, e mediante os cartazes que seriam a base da exposição, decidi que os alunos pudessem realizar algo parecido em grupos.

Desta forma, propus aos alunos e mediante os grupos formados que escolhessem uma emoção, e que a relacionassem com alguns acontecimentos históricos.

Na turma X, foram formados nove grupos e as emoções escolhidas foram a curiosidade, ódio, solidariedade, entusiasmo, confiança, orgulho, afeto, indignação e o medo. Na turma Z constituíram-se seis grupos e as escolhas recaíram na vergonha, repugnância, amor, esperança, luto e a inveja.

Foi concebido o cartaz e o flyer da conferência por parte dos alunos, da qual fariam parte o professor estagiário, o professor Rui Correia (via Skype), a professora Isabel de Fátima Miguel e a psicóloga Liliana Nunes. Estes últimos dois elementos são profissionais com experiência comprovada na área de IE e EE.

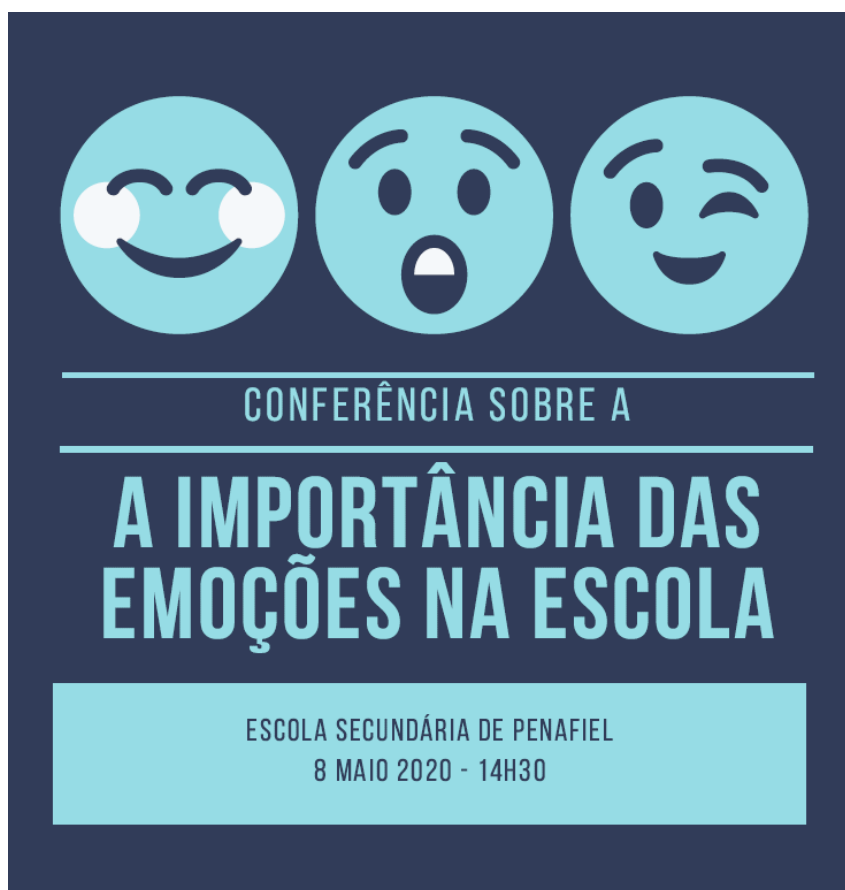


Figura 15 – Flyer da Conferência sobre a importância das emoções na escola. Elaboração Própria



Figura 16 – Cartaz da Conferência sobre a importância das emoções na escola. Elaboração Própria

De seguida coloco alguns trabalhos realizados pelos alunos que seriam usados e apresentados na conferência sobre a importância das emoções na escola. Os trabalhos são apresentados tais como os alunos os entregaram, isto é, sem a intervenção ou correção do docente.

Indignação

Mapa Cor de Rosa

O mapa cor de rosa desenhava novas fronteiras no império africano ligando Angola e Moçambique, isto por preferência dos portugueses. Contudo, os ingleses sonhavam com um caminho de ferro ligando África do Sul ao Egipto, portanto fizeram o ultimato aos portugueses. Como os ingleses possuíam a esquadra mais forte do mundo os portugueses “esqueceram” o mapa cor de rosa. É audaz a forma rápida de como os ingleses agem perante a situação e indignante a falta de capacidade de resposta dos portugueses. Era necessário agir em conformidade com as ânsias que desejamos alcançar. Isto não aconteceu e Portugal desistiu do mapa cor de rosa.



Mapa Cor de Rosa



Holocausto – Noite de Cristal

Holocausto

O totalitarismo nazi implementou uma política de extermínio em massa de todos os seus opositores políticos e das minorias. Os nazis defendiam a superioridade da raça ariana da qual se julgavam legítimos representantes, defendendo o extermínio de todos os não arianos, sobretudo os Judeus, ciganos e opositores à sua política. A “Noite de Cristal” é um exemplo desta imoralidade em que mais de mil sinagogas em Berlim foram queimadas e destruídas assim como centenas de espaços comerciais de proprietários judeus. Durante esta noite de novembro de 1938 quase uma centena de judeus foram espancados até à morte e mais de 20 mil encaminhados para campos de concentração. Este acontecimento indignante ficou assim conhecido devido aos vidros partidos que espalhados no chão refletiam com a luz da lua.

Domínio Filipino em Portugal

Após a morte de D. Sebastião, Portugal viveu uma crise de sucessão. Em 1580 nas cortes de Tomar, Filipe II, rei de Espanha prestou juramento como novo rei de Portugal. A razão para a escolha foi devido a ser filho de D. Isabel e neto do rei português D. Manuel, por isso tinha direito ao trono. Viveu-se em Portugal, um período que ficou conhecido como “Domínio Filipino” depois de Filipe III e Filipe IV de Espanha governarem durante 60 anos. O longo tempo de governação de Portugal por parte dos espanhóis é indignante, pois Portugal, país independente, estava a ser regido por reis de diferente nacionalidade, pondo em risco a sua independência.



Dinastia Filipina



Emily Davison



Beatriz Ângelo

Desigualdade de Género

O movimento sufragista marcou a história do feminismo como o primeiro grande movimento pela luta contra o sexismo e a favor da igualdade de género. Deste modo, lutando pela igualdade de direitos, Emily Davison, mártir do movimento sufragista, toma uma ação extrema: atira-se em frente ao cavalo do Rei Jorge V numa pista de corrida de cavalos do circuito Derby Epsom Downs para chamar a atenção da Coroa e das pessoas para a causa sufragista. Carolina Beatriz Ângelo, defensora dos ideais republicanos, do sufrágio feminino, do direito ao divórcio, da instrução das crianças e de direitos e deveres iguais para homens e mulheres, foi a primeira mulher que votou em Portugal. A persistência de Beatriz Ângelo, a ambiguidade da lei e o facto de trabalhar, ser viúva e ter a seu cargo uma filha, permitiram-se lutar pela defesa do seu direito. É indignante o facto de desde sempre a desigualdade de género ser relevante no dia a dia e, para tentar combater isso temos o exemplo dos atos heróicos de Emily Davison e Beatriz Ângelo.

O ÓDIO

“AQUELES QUE NÃO CONSEGUEM LEMBRAR O PASSADO ESTÃO CONDENADOS A REPETI-LO”



Definição de Ódio

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO CHINA

A China alega ser um estado democrático, no entanto, a comunidade internacional sabe que este país não é. Perseguições étnicas e políticas são comuns no país nos dias de hoje. Da mais recente podemos destacar a colocação de muçulmanos da minoria uigure em campos de “educação ideológica”. Motivos como deixar crescer a barba ou ser casado com uma mulher que usa véu islâmico constam na lista de motivos de detenção. Por estes campos já passaram entre 800 000 a 2 milhões de pessoas. Os detidos são vigiados 24h por dia, não podem falar a sua língua e são severamente punidos caso falhem no processo de “reeducação”. Este é considerado o maior encarceramento de uma minoria étnica desde a 2ª Guerra Mundial. Esta minoria é contra o regime de Pequim, são considerados um perigo para o autoritarismo chinês. Este é um dos momentos em que podemos observar o sentimento de ódio diante esta situação o governo chinês criou uma certa reação de antipatia, aversão por estas minorias que acabam em demonstrações de ódio como estas matando inocentes, separando famílias.



Campos de “educação ideológica” na China



Crianças num campo de concentração Nazi

“ O ódio já causou muitos problemas no mundo mas nunca resolveu um único”

Um dos momentos mais marcantes de toda a história foi o holocausto. Os campos de concentração eram locais para onde o governo nazista enviava judeus, opositores políticos e doentes mentais. Lá, as pessoas eram submetidas a trabalhos forçados, testes médicos, condições deploráveis e privação de alimentos. Muitos morriam de fome e doenças, enquanto outros eram mortos deliberadamente. Posteriormente o governo nazista construiu campos de extermínio. Nesses locais, eles realmente matavam não só judeus, mas também ciganos, religiosos pacifistas e prisioneiros soviéticos. Nestes campos foram mortas aproximadamente 6 milhões de pessoas inocentes. A repulsa, a raiva, que Hitler sentia por estas pessoas inocentes levou a um dos acontecimentos mais aterrorizantes de toda a humanidade. É certo que os judeus sempre tiveram aptidão para o negócio mas nunca seriam culpados pela situação económica que a Alemanha atravessava na altura. Nada justifica aversão e antipatia por este povo e por todas as pessoas condenadas. As ações motivadas pelo ódio como esta continuam a perdurar, sem nos lembrarmos do que aconteceu no passado, estamos condenados a repeti-lo infelizmente.

FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO (11 DE SETEMBRO)

O dia 11 de setembro de 2001 vai ficar para sempre na nossa memória por ter sido uma maiores demonstrações de ódio causadas pelo fundamentalismo islâmico. Este dia resultou da inimizade entre os estados fundamentalistas islâmicos e os estados unidos culminando num ataque terrorista que ficou para a história. Na manhã desse dia, 19 terroristas sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros, e colidiram intencionalmente dois dos aviões contra as Torres Gêmeas no World Trade Center, matando todos a bordo e muitas das pessoas que trabalhavam nos edifícios. O terceiro avião de passageiros colidiu contra o Pentágono e o quarto avião caiu em um campo aberto na Pensilvânia, não havendo sobreviventes em qualquer um dos voos.

Quase três mil pessoas morreram durante estes horríveis ataques, destruindo muitas famílias e matando vários inocentes, não podemos deixar que o ódio continue a vencer



Atentado nas torres gêmeas

ORGULHO

Hino "A Portuguesa"

A Portuguesa

*Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Que há-de gular-te à vitória*

O hino a portuguesa, é um dos exemplos que nos faz sentir orgulho do nosso país. A frase "Heróis do mar, nobre povo; Nação valente, imortal" da letra, simboliza o patriotismo, e o orgulho presente em cada um de nós, pelos nossos antepassados e por pertencermos a um país tão dotado de conquistas.

Emancipação Feminina

A emancipação também é outro motivo de orgulho uma vez que, antes do 25 de abril, quem nascesse mulher equivalia a nascer com menos direitos, então Carolina Beatriz Ângelo, juntamente com as mulheres consciencializaram-se da sua situação discriminatória na sociedade e expressaram-se assim por múltiplas ações comuns e em grande parte de formas de organização e movimentos, conseguindo uma mudança no estatuto social mais dignificante.

25 de Abril de 1974

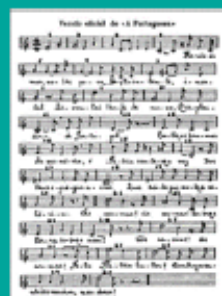
O 25 de Abril mais conhecido por "Dia da Liberdade" é um motivo de orgulho. Foi nesse dia que Portugal conseguiu alcançar o objetivo de se tornar um país com uma estrutura política, isto é, um país com República. O mesmo foi conseguido à custa dos militares que fizeram a grande revolução, mais conhecida como a "Revelação dos Cravos".

Restauração da independência

A restauração da independência é um dos maiores motivos de orgulho que temos de ter quando falamos da História de Portugal. Uma vez que foi quando a União Ibérica se desfez depois de 60 anos de monarquia espanhola em Portugal, proporcionando assim a nossa independência.

Descobrimentos

Os descobrimentos portugueses foram o conjunto de conquistas realizadas pelos portugueses em viagens e explorações marítimas. Estes descobrimentos são um motivo de orgulho, uma vez que, permitiu a expansão portuguesa que contribuiu essencialmente para delinear o mapa do mundo.



O RACISMO

Nazismo é uma ideologia fascista, incorporando o totalitarismo, racismo e o antissemitismo, defendendo a superioridade da raça "ariana", liderado por Adolf Hitler.

Os nazistas eram extremamente racistas e preconceituosos, perseguindo principalmente os judeus, mas também escravos, ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová, opositores políticos e deficientes físicos e mentais e, com menor intensidade, negros e maçons.

Ainda assim, os judeus foram os mais afetados. Os nazis sentiam ódio, e repugnância por estes, perseguindo, aprisionando, torturando e matando os judeus, com o objetivo de exterminar esta raça, dando origem ao Holocausto, o maior genocídio do século XX, causa de morte de cerca de 6 milhões de judeus.

Esse ódio e repugna devia-se a motivos económicos, pois os judeus eram considerados, pelos nazistas, "manipuladores das finanças", uma vez que eram bons investidores e comerciantes. Destacavam-se pela inteligência e enriqueciam com negócios próprios. Para além disto, estes sentimentos de ódio e repugna eram causados por teorias biológicas racistas, alegando que os judeus eram uma raça deformada e inferior, sendo uma ameaça à raça "ariana" e à sua "perfeição".

Para além da perseguição e dos assassinatos em massa, os nazistas obrigavam os judeus a trabalhar arduamente, sem quaisquer condições ou direitos, nos campos de concentração, enquanto esperavam pela morte, nas câmaras de gás.

Era de esperar que, na atualidade, com os progressos que a sociedade tem conquistado, o racismo fosse um conceito ultrapassado, mas a verdade é que, os dados e relatos diários com que somos confrontados demonstram uma realidade repugnante no que diz respeito ao racismo e à discriminação racial.

Segundo o relatório da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR) de 2018:

- 22,5% das queixas de discriminação devem-se origem racial e étnica, 19,1% à nacionalidade e 17,9% à cor da pele
- 21,4% do total das queixas se referem a pessoas ciganas, 17,6% a negras e 13,3% a brasileiras.

O projeto COMBAT do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra mostra que:

- Entre 2006 e 2016, a maioria dos processos de contraordenação decorrentes de queixas por discriminação nas áreas da educação, forças de segurança, habitação e vizinhança foi arquivada.
- Até 2019, a taxa de arquivamento para cada uma das áreas situa-se nos 80%, sendo 22% por prescrição.
- Apenas 5,8% destes casos resultaram numa condenação efetiva e a média do valor das coimas é irrisória, situando-se nos 731 euros.

Casos recentes:

- **Recuo do Ministério Público nas acusações de racismo e tortura no caso da Esquadra de Alfragide.** Apesar de se ter assistido no Tribunal de Sintra a uma condenação inédita de 8 agentes da PSP da Esquadra de Alfragide a penas de prisão por agressão e sequestro de seis jovens da Cova da Moura, deixou-se cair a acusação de tortura e racismo, ainda que a juíza tenha dado como provadas as injúrias proferidas por Arlindo Silva a Rui Moniz descritas na acusação: "Então não morreste? Agora vai-te dar um que vais morrer", "ainda por cima és pretuguês!", "preto"; bem como pelo agente Hugo Gaspar aos ofendidos "pretos do caralho, vão para a vossa terra".
- **O caso de Ahmaud Arbery, um jovem que foi morto por dois homens brancos, pai e filho, a 23 de fevereiro, na Geórgia, Estados Unidos, enquanto praticava jogging.** Este caso tornou-se muito comentado, duas semanas depois, quando um vídeo que deixa clara a intenção dos agressores, e os três tiros que dispararam, se torna viral.



A nossa História, os
nossos sentimentos.

O que podem provocar em
nós as ações que Homem
tem vindo a pôr em
prática ao longo dos
séculos?

A ESCRAVATURA

O passado e o presente

O NAZISMO

Continua a existir uma
raça superior?

REPUGNÂNCIA

Se refletirmos, facilmente detetamos
acontecimentos históricos que nos causam
repugna pelo seu caráter indigno e desumano.

São várias as ocorrências, mas o tráfico negreiro e a ação Nazi são,
aos nossos olhos, duas das principais.

Mas será que nos nossos dias a exploração do trabalho do homem e
dos seus direitos está, de facto abolida? Será que a nossa sociedade
deixou de ter comportamentos racistas e nunca mais considerou que
certa cultura, ou religião, é superior em detrimento de outra?



Ana Margarida Meneses

Diogo Soares

Márcia Bessa

Sofia Gonçalves

11.º N

A EXPLORAÇÃO HUMANA

Desde o século XV até ao século XX, Portugal possui colónias, o povo português aventurou-se pelos mares, alcançando territórios, dos quais os nativos foram alvo de opressão e exploração. Portugal iniciou o tráfico de escravos no atlântico.

O povo africano foi o que mais sofreu com esta atividade. Considerados mercadorias, maioritariamente comprados ou aprisionados nas costas da Guiné, de Angola e de Moçambique, eram canalizados em massa, sobretudo para América, destinados, por exemplo, a servirem de mão de obra nas produções das colónias portuguesas no Brasil, tudo para a obtenção de lucro e riqueza por parte dos seus colonizadores.

Viviam experiências muito duras, desde o embarque, no qual eram marcados corporalmente com ferros quentes, como forma de identificação, até ao momento em que eram explorados nos trabalhos duros que exerciam nos territórios de destino.

Transportando entre 300 a 500 indivíduos, os navios negreiros executavam viagens superiores a 40 horas, período desprovido de qualquer conforto e dignidade. As condições eram precárias e, aos olhos da atualidade, extremamente desumanas e indignas. Muitos não sobreviviam, a alimentação era escassa e a água potável inexistente, o espaço era pequeníssimo e acanhado, pois muitos escravos partilhavam esse mesmo. Facilmente surgiam doenças que rapidamente se transmitiam. Destacam-se o escorbuto, o sarampo, a varíola, entre outras inevitáveis face aos horrores e sacrifícios vividos durante estas viagens.

Estima-se que, entre os anos de 1501 e 1866, cerca de 15,5 milhões de escravos realizaram esta travessia, sendo que Portugal foi um dos principais responsáveis pelo alcance de tais valores.

Que temos nós hoje a dizer em relação a isto? Parece-nos inconcebível, desumano, enfim, uma autêntica violação à dignidade e vida humana. Chega mesmo a ser repugnante pensar que a ganância e busca de glória e riqueza por parte do Homem foram causa de tanta dor, sofrimento e exploração humana.

Mas agora pensemos...será que isto deixou mesmo de acontecer? Será que desde 1761, quando Marquês de Pombal aboliu a escravatura do nosso país, nunca mais contribuimos para a exploração humana.

Talvez sem termos noção disso, estamos perante uma "escravatura moderna", prostituição, trabalho infantil e a própria exploração laboral, com contratos em condições de trabalho desumanos. Causa-nos repugna saber estas são ainda realidades do século XXI. Atualmente, a riqueza e a performance económica passaram a ser os principais fatores na classificação mundial dos países. Esta é sustentada no potencial económico dos territórios, medida pela riqueza, capacidade de endividamento e crescimento económico, e está a sobrepor-se às usuais formas de avaliação que serviam para distinguir os países mais desenvolvidos dos menos desenvolvidos, baseadas em níveis de desenvolvimento humano e no respeito pelos direitos do homem nos mais variados aspetos.

O jornal britânico, "The Guardian", em fevereiro de 2019, apontou que atualmente existem mais pessoas escravizadas do que noutra circunstância da história. Segundo a Organização Mundial do Trabalho, cerca de 40,3 milhões de pessoas sofrem de alguma forma de escravatura moderna, sendo que a maioria é trabalho forçado. Este mesmo relatório refere que 1 em cada 4 das vítimas são crianças.

Dados do Índice Global de Escravatura, referentes ao ano de 2018, organizada pela "Walk Free Foundation", indicam que o sexo feminino é o mais afetado, representando 71% das vítimas da escravatura. As crianças correspondem a 25% do total de escravos, o equivalente a dez milhões em todo o planeta.

Consideramos que o termo "escravatura" pertence ao passado, mas a verdade é que milhões de pessoas todos os dias estão-lhe sujeitas, nas fábricas, campos, até mesmo em escritórios. Alguns, por estarem mais frágeis, acreditam em promessas de uma vida melhor, mas saem desiludidos e cansados, acabando por serem explorados para a obtenção de lucro, sujeitas a violência, fome e outros horríveis abusos.

<https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/actualidade/1006-o-traffic-negreiro-na-historia-dos-descobrimientos>

<https://escolakids.uol.com.br/historia/traffic-negreiro.htm>

<https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/pioneiros-na-escravatura>

<https://www.dn.pt/opinio/opinio-dn/fernanda-cancio/portugal-a-escravatura-e-o-historicamente-correto-9653053.html>

<https://www.dn.pt/artes/livro-nao-ha-docura-na-colonizacao-portuguesa-5780526.html>

https://www.minderoo.org/walk-free/?utm_medium=301&utm_source=www.minderoo.com.au

https://www.ilo.org/gateway/faces/home/ctrlHome?locale=EN&countryCode=PRT&_adf.ctrl-state=165qaapxqv_24

<https://www.theguardian.com/news/2019/feb/25/modern-slavery-trafficking-persons-one-in-200>

VERGONHA

Ana Beatriz Silva n.º 1; Bruno Tadeu n.º 2; Érica Nunes n.º 3; Margarida Garcia n.º 4



Processo casa Pia

O Processo Casa Pia refere-se a abusos sexuais de menores envolvendo várias crianças acolhidas pela Casa Pia de Lisboa, uma instituição gerida pelo Estado português para a educação e suporte de crianças pobres e órfãos menores. O escândalo veio a público em setembro de 2002, embora alguns relatos de abuso datem de antes da Revolução dos Cravos em 1974. Só em 1981 a Polícia Judiciária acusou um funcionário da Casa Pia de violar dezenas de crianças durante um período de 30 anos, e de fornecer crianças para vários homens de nacionalidade portuguesa e estrangeira, incluindo algumas personalidades proeminentes de Portugal, as acusações ligavam alguns políticos, diplomatas e celebridades dos media, o caso mais mediático é o do apresentador de televisão, Carlos Cruz.

Assassinato da Família Távora



A família dos Távora, alegadamente envolvida numa conspiração e tentativa de assassinato do monarca D. José I. Foram condenados a 13 de Janeiro de 1759, a condenação ordenada pelo Marquês de Pombal teve lugar num descampado perto da torre de Belém, e consistiu na execução pública de vários elementos desta família.

Os Távora foram sujeitos a tortura, suplício e humilhação pública antes de serem decapitados e os seus corpos reduzidos a cinzas. O rei D. José e a corte assistiram às execuções, que causaram viva impressão na época.

A sua culpa que não foi devidamente comprovada e a condenação de uma família inteira à tortura e posteriormente à pena de morte, faz deste acontecimento um dos mais vergonhosos da história de Portugal.

Retirada da Temática LGBT da Bienal no Brasil

No dia 5 de setembro de 2019 o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella determinou que o livro "Vingadores: A Cruzada das Orlanças", fosse retirado da feira por ter conteúdo sexual para menores, referindo-se ao beijo entre duas personagens do sexo masculino.

No dia 6 são enviados pela prefeitura dez funcionários para retirar todos os livros considerados impróprios. No mesmo dia o Tribunal de Justiça impede o recolhimento de qualquer obra.

Puro ato de censura e preconceito levado a cabo por um poder conservador que tenta restringir o pensamento da população, é vergonhoso pensar que um acontecimento como este tenha ocorrido em pleno século XXI.

Malala Yousafzai

Vergonha foi o que sentiram todos aqueles com sensibilidade ao conhecer a história de Malala Yousafzai. Quando tinha 10 anos, o grupo terrorista Talibã, sob o governo paralelo da milícia fundamentalista, obrigou o encerramento das escolas, as que se atreviam a desobedecer foram discriminadas. Com 12 anos, Malala habituou-se a esconder o uniforme dentro da mochila para frequentar a escola, era a única forma de garantir a sua segurança. Em 2010, embora tivesse sido anunciada a expulsão dos Talibã daquela região o

exército permaneceu lá. Malala já era conhecida por promover o acesso à educação a todas as pessoas, por acreditar que o facto de ser mulher não a tornava incapaz nem inferior, por isso, passou a receber ameaças de morte.

No dia 9 de outubro de 2012, com 15 anos, um dos membros dos Talibã atacou o autocarro em que ela se encontrava e disparou três tiros contra a sua cabeça. É vergonhoso contemplar como tantos séculos se passaram e a humanidade ainda continua com medo de mulheres livres.



PT e da LUSA. AFP, Reuters, Yahoo News

Luto

DOR CAUSADA PELA MORTE OU PELA PERDA DE
ALGUÉM OU POR GRANDE
CALAMIDADE; PESAR; TRISTEZA

LUTO IN DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

12 de novembro de 1991

O **Massacre no Cemitério de Santa Cruz** tomou lugar durante a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia matou 250 pessoas e feriu centenas.



4 de dezembro de 1980

Francisco Sá Carneiro, primeiro-ministro muito popular entre os portugueses, morre num acidente de aviação que vitima todos os que iam a bordo com ele, incluindo o seu ministro da defesa Amaro da Costa

10 de junho de 1580

Luís Vaz de Camões, uma das maiores figuras literárias portuguesas falece de peste negra no dia em que mais tarde foi instituído como o Dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas



Agosto de 1578

D. Sebastião, Rei de Portugal e dos Algarves desaparece na batalha de Alcácer-Quibir em Marrocos sem deixar rasto, levando a população portuguesa a sonhar com o seu regresso para os salvar do domínio espanhol



Partindo dos trabalhos realizados e que foram escolhidos por mim, percebe-se uma clara relação entre a emoção e o facto ou acontecimento histórico. Os trabalhos que inclui neste relatório, são os que na minha opinião englobaram na plenitude emoção e facto ou acontecimento histórico.

Na emoção “indignação” é curioso os alunos referirem o mapa cor-de-rosa, holocausto, domínio filipino em Portugal e a desigualdade de género. Percebe-se que estes acontecimentos geram indignação nos alunos, e estes conseguem colocar ênfase nessa ligação, por exemplo: na questão do mapa cor de rosa, consideram como indigna a falta de capacidade de resposta dos portugueses; depois relativamente ao holocausto, fazem referência à noite de cristal, sendo esta uma imoralidade; no domínio filipino aludem à duração da influência estrangeira e por fim a desigualdade de género através dos movimentos sufragistas, referindo Emily Davison e Carolina Beatriz Ângelo.

Na emoção “ódio”, vemos uma ligação mais atual assim como uma referência ao contributo dado pela História: “Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo”, assim como um pensamento relativo à emoção “O ódio já causou muitos problemas no mundo, mas nunca resolveu um único”. Associam ao ódio, os campos de concentração nazi, campos de educação ideológica na China e o fundamentalismo islâmico. Conseguiram ligar na plenitude a emoção aos acontecimentos.

Na emoção “orgulho”, percebemos uma maior conotação nacional, sendo motivo de orgulho o hino nacional, a emancipação feminina e o contributo de Carolina Beatriz Ângelo, o papel dos militares no 25 de abril de 1974, a restauração da independência e os descobrimentos. Embora estando na sua totalidade virado para Portugal, os seus motivos de orgulho foram medianamente relacionados com factos ou momentos históricos.

Na emoção “repugnância”, surge um trabalho mais exaustivo e com recurso a mais fontes. É muito incisivo na questão do racismo e da exploração humana. Referem o que seria expectável presentemente, mas que ainda é só uma utopia, pois com os progressos que a sociedade tem conquistado, o racismo deveria ser um conceito ultrapassado, mas a verdade é que, de acordo com os dados, é visível uma realidade repugnante no que diz respeito ao racismo e à discriminação racial.

Na emoção “vergonha”, nota-se uma bonita e correta apresentação gráfica, onde é referido o processo de pedofilia na Casa Pia, o assassinato da família Távora, da retirada da temática LGBT da bienal no Brasil e de Malala Yousafzai. Aqui a curiosidade foi a escolha dos acontecimentos e não tanto da personalidade. Confesso que não sabia da retirada do livro “Vingadores: A Cruzada das Crianças” da exposição. Um claro ato de censura e preconceito, sendo mais vergonhoso ter acontecido no século XXI.

Por fim, a emoção “medo” que estabelece uma linha cronológica que inicia em D. Sebastião, passando por Luís de Camões, Sá Carneiro e culminando no massacre de Santa Cruz, em Timor Leste. Trabalho sucinto, mas bem estruturado e com uma boa apresentação.

Pela leitura destes trabalhos, é visível a oportunidade de aprendizagem que se pode potenciar na disciplina de História com a questão emocional. Os alunos relacionam-se com os acontecimentos, ficam mais próximos e é quase estabelecida uma ligação emocional, além de que os alunos quando atribuem sentido a algo, torna-se mais fácil a sua memorização e posterior compreensão.

“La memoria es un sistema muy activo de reelaboración de la experiencia pasada, siempre que lo recordado tenga algún significado. Recuerdo y comprensión son indisociables” (Savater, 1997, p.55).

Como afirma Savater, a memória é uma reconstrução da experiência passada, desde que esta tenha algum sentido. A recordação e a compreensão são indissociáveis. Isto fortalece a perceção de que os jovens com uma boa capacidade emocional se sentem mais motivados e determinados para a aprendizagem. É fundamental e imperioso que se possa envolver os alunos na aprendizagem, tentando transmitir sentido ao que demonstramos e ensinamos.

4.2. Visita de Estudo à Rota “Porto Liberal”

Outra atividade fora do contexto de sala de aula, foi uma visita de estudo à rota “Porto Liberal”, a qual seria totalmente preparada pelos alunos. Como complemento ao módulo 5, o liberalismo – ideologia e revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX, e mais precisamente ao contexto português, que faz parte do programa de História A no 11º ano.

Partindo de uma ideia minha, senti que faria sentido colocar nas mãos dos alunos toda a liberdade e responsabilidade de organização da mesma, com todo o apoio e supervisão da minha parte e da professora Maria de Fátima.

Os alunos foram desafiados, através de um mapa da rota do Porto liberal a escolherem os locais e a definirem o roteiro da visita de estudo.

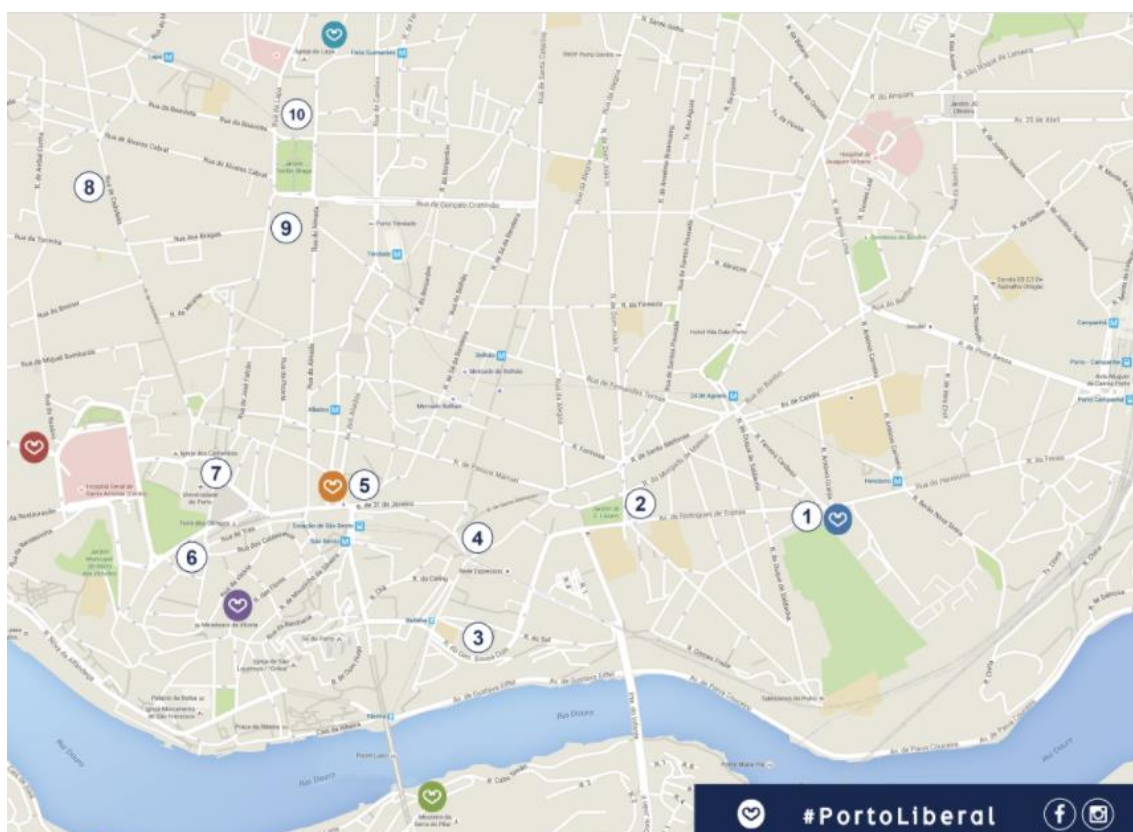


Figura 17 – Mapa da rota Porto liberal.

Fonte: <https://rotaportoliberal.pt/media/2017/07/mapaparasite.png>

Acedido a 14 de agosto de 2020

Com este mapa, propus aos alunos e mediante os grupos formados que definissem o itinerário e elessem um local, sendo que o desafio de cada grupo, era de explicar à turma o local atribuído. Depois da realização da visita era minha intenção pedir aos alunos a descrição do que sentiram no local, quais as sensações, que emoções sentiram. Como foi impossível a sua realização os alunos reformularam os trabalhos, englobando a componente emocional ao local escolhido.

Na turma X foram formados cinco grupos e os locais escolhidos foram a Cadeia da Relação, Igreja da Lapa, Igreja dos Congregados, Rua Mártires da Pátria e a Praça da Liberdade.

Na turma Z, constituíram-se quatro grupos e as escolhas recaíram na ponte D. Luís, Igreja Museu da Misericórdia, Mosteiro da Serra do Pilar e Quartel de Santo Ovídio.

De seguida coloco alguns trabalhos realizados pelos alunos sobre a visita de estudo à rota “Porto Liberal. Os trabalhos são apresentados tais como os alunos os entregaram, isto é, sem a intervenção ou correção do docente.



Localização

A Igreja da Nossa Senhora da Lapa situa-se na cidade do Porto (fig.1) mais precisamente no Largo da Lapa (Fig.2).

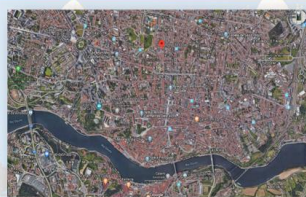


Figura 1- Localização da Igreja na cidade do Porto

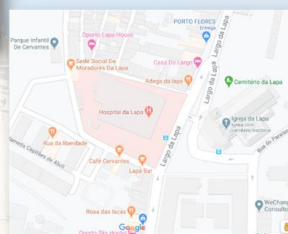


Figura 2- Largo da Lapa

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

- A igreja da Lapa pertence à Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, inserida na cidade do Porto em meados do século XVIII, pelo padre brasileiro Ângelo Sequeira.
- Recebeu a 29 de julho de 1755 a bula papal do Santo Padre Bento XIV, e devido às generosas esmolas dos fiéis, começou a construir-se a Capela da Nossa Senhora da Lapa das Confissões.
- O arquiteto que se destacou no planeamento da obra (fig.3) foi José de Figueiredo Seixas. As torres sineiras apenas se ergueram na segunda metade do séc. XIX.

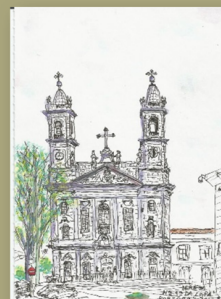


Figura 3- Sketch da Igreja no século XXI

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA



Figura 4- Cerco do Porto

- Desde 1835 que a Igreja acolhe o coração de D. Pedro IV, doado, pelo próprio, à cidade do Porto como forma de reconhecimento da sua vitória contra o seu irmão no Cerco do Porto (fig.4).
- Este monumento tem o símbolo da bandeira real portuguesa e da bandeira brasileira, assim como inscrições em latim onde se destaca a bravura do rei.



Figura 5- Planta do cemitério e igreja da Lapa



Figura 7- Cemitério da Lapa

A Venerável irmandade da Nossa Senhora da Lapa nasceu como uma instituição religiosa mas com o Cerco do Porto que provocou inúmeras baixas na cidade, a Irmandade pediu a D. Pedro IV autorização para construir um cemitério próprio, junto à sua igreja.

Neste cemitério (fig.5,6,7) estão sepultadas ilustres figuras como Camilo Castelo Branco



Figura 6- Cemitério da Lapa

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA



Figura 8- Hospital da Lapa em 1910



Figura 9- Hospital da Lapa nos dias de hoje

- Já no início do século XX, entre 1902 e 1904, é edificado o hospital da Lapa (fig.8,9).
- Em 1948, teve lugar uma 2ª fase de construção que teve em vista a ampliação do hospital.

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA

As funções da Irmandade estenderam-se ao ensino e em 1792, abre o Seminário Colégio da Irmandade da Lapa (fig.10,11).



Figura 10- Edifício geminado à igreja onde decorriam atividades letivas



Figura 11- Seminário Colégio da Lapa

Ao longo dos séculos o colégio sofreu várias reformas e alterações e neste passaram alunos como Eça de Queirós e Ricardo Jorge.

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA



Figura 12- Fachada



Figura 13- Fachada

A igreja da Lapa apresenta vários elementos arquitetónicos, de destacar o rococó e o neoclássico no entanto existe um equilíbrio quer entre o interior e o exterior. (fig.12,13).

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA

Figura 14- Fachada Igreja



Frontão triangular

Corpo central

Figura 15- Vista lateral da fachada



Estátuas de Judite, Raquel, Sara e Ester

Fachada principal (fig.14,15) é composta por corpo central de dois andares e frontão triangular, ladeado por duas torres sineiras quadrangulares.

Um dos registos neoclássicos é o frontão triangular que remata o alçado e sobre o qual se elevam as esculturas representando Raquel, Judite, Ester e Sara.

O interior da Igreja da Lapa (Fig.16) apresenta uma nave única e capela mor (onde está o coração de D. Pedro IV) mais estreita. A igreja apresenta alçados marcados por pilastras a enquadrar os arcos onde se inscrevem os retábulos, todos eles neoclássicos. Interior da igreja apresenta tetos em abóbada de berço.



Figura 17- Vitrais

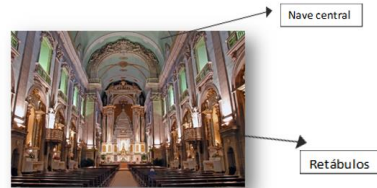


Figura 16- Interior da Igreja da Lapa

Os vitrais da Igreja da Lapa (Fig.17) foram realizados em 1931 por Ricardo Leone e representam a Adoração dos Pastores (4)

(4)-A Adoração dos Pastores é um dos episódios do nascimento de Jesus e um tema frequente na arte cristã, onde os pastores são testemunhas próximas do nascimento de Jesus em Belém.

CORAÇÃO D.PEDRO IV

O coração chegou ao Porto em Fevereiro de 1835, quase cinco meses após a morte do monarca, foi em procissão da Ribeira para a Lapa e toda a cidade esteve presente.

Quando veio para o Porto, D. Pedro, ia à missa todos os dias. Daí que D. Maria II quisesse que o coração ficasse na Igreja da Lapa.





Figura 21- Coração D. Pedro IV

- O coração (fig.21) foi depositado na capela-mor da igreja da Lapa, num sarcófago cuja chave está na gaveta da secretária do presidente da Câmara.



Figura 22- Chegada ao coração

- Chegar até ao coração (fig.22) implica remover a pesada placa de cobre pregada na porta de madeira que fecha o monumento, usar uma chave de cerca de 15 centímetros e outras quatro até passar a grade onde estão a urna, o estojo e o vaso de prata dourada com o recipiente de vidro que conserva o coração em formol. É preciso mobilizar seis pessoas para o tirar em segurança. É uma operação que exige preparação.



Figura 23- Coração

- O coração (Fig.23) é um órgão frágil e como este tem muitos anos, receia-se que possa estar em estado precário. As operações são muito complexas, tudo isso agita muito e têm receio de um mau resultado, por isso tenta-se que se abra o menos possível.

O que nós sentimos ao fazer este trabalho ?

- É uma resposta difícil de responder pois a Igreja Da Lapa faz-nos sentir um misto de emoções, desde grandiosidade e imponência pela sua construção, e amor, devoção e gratidão pelo coração de D. Pedro IV .
- Esta foi uma igreja que foi construída graças às esmolas dos fiéis, o que nos remete para a pobreza, mendicância e ostentação da igreja.
- É um bocado difícil expressar uma emoção, pois foram surgindo várias e diferentes opiniões que se formaram quando estudamos a história desta Igreja.



A Cadeia da Relação...

Primeiro grande edifício civil da cidade do Porto do século XVIII, contruído segundo uma lógica austera e pragmática com um carácter racional muito próximo do estilo neoclássico. Com planta trapezoidal e dividida equitativamente entre o Tribunal e a Cadeia. É assim que vos apresentamos a Cadeia da Relação no Porto.

Edifício mandado construir em 1765 por João de Almada e Melo, no reinado de D. José, terminado no ano de 1796 conta hoje com mais de 200 anos de história.

Elaborado arquitetonicamente por Eugénio dos Santos Carvalho; Eduardo Souto Mora e Humberto Vieira (projeto de recuperação), tendo como pedreiros António Ferreira, Henrique Ventura e Ambrósio dos Santos. A Cadeia da Relação é construída à base de granito, madeira ferro e tijolo.

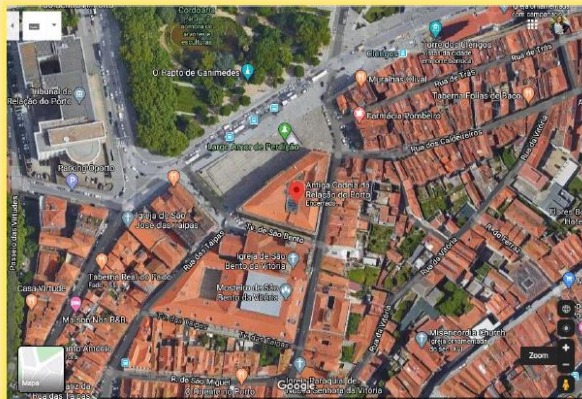


A sua localização

A Cadeia da Relação situa-se na Rua de São Bento da Vitória, Porto.

A sua fachada principal está virada para o Largo Amor de Perdição cujo nome tem por homenagem Camilo Castelo Branco. Perto da Cadeia da Relação temos localizado um dos monumentos mais conhecidos do Porto, os Clérigos.

Contextualizando com o Jardim da Cordoaria a Cadeia da Relação encontra-se a nascente.



Contextualização

Na cadeia, que demorou cerca de 30 anos a ser construída, também ali funcionava o Tribunal da Relação do Porto, tendo passado antes por vários outros sítios.

Identicamente ao Tribunal, a Relação tinha passado por alguns lugares antes do que conhecemos atualmente.

Deu-se início à construção do edifício considerado enorme, foi caro o suficiente para durante a sua construção não se contruir mais nada na cidade do Porto. Apesar da sua despesa, no dia 1 de abril de 1752 ruíu e a Relação voltou para a Casa da Câmara. Posteriormente, em 1765 uma nova sede para a Relação e Cadeia erguia-se sob os escombros da anterior. A Cadeia da Relação serviu de prisão até à fundação da atual Cadeia de Custóias.



Casa da Câmara



Interior da Cadeia da Relação em meados do sec. XIX

A divisão da Cadeia da Relação

Nos andares de cima, situava-se os “quartos de malta”, sendo estes as celas individuais dos mais ricos.

No rés do chão, os mais pobres, onde os detidos se amontoavam em salões com piso de pedra. Estas celas comuns eram conhecidas pelo nome de Santo António e Santa Ana eram destinadas a homens. As celas Santa Teresa a mulheres, Santa Rita para menores e de S. Vítor para castigos.

A oficina era denominada por Senhor de Matosinhos.

A casa da Guarda, os alojamentos do **Carcereiro**, a **sala do chaveiro** e o **oratório**.

A divisão dos prisioneiros pelas diferentes celas obedecia a critérios como por exemplo: o tipo de crime que tinha cometido, o estatuto social e a capacidade de pagar a carceragem (imposto).

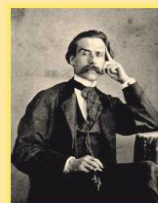
O cheiro das latrinas, o ambiente triste e sobrecarregado, a humidade da cadeia levava a algumas mortes de prisioneiros.



Escadaria interior da Cadeia da Relação

As celebridades prisioneiras

Camilo Castelo Branco e a sua mulher eram escritores românticos, Camilo escreveu o Amor de perdição, em apenas 15 dias, durante a sua estadia prisioneira na Cadeia da Relação. Na antiga Cadeia da Relação do Porto, Camilo Castelo Branco esteve preso, não uma, mas duas vezes. A primeira, aos 16 anos, acusado de rapto de uma menor de Vila Real; a segunda, a da célebre prisão pelo seu amor proibido por **Ana Plácido**, detida ao mesmo tempo na ala das mulheres. Em 1859, a escandalosa Ana Plácido Camilo abandonou o marido, o rico Pinheiro Alves, para viver em Lisboa com o escritor e poeta e, depois, à vista de todos, no Porto. A 1 de outubro, sob “o céu azul como nos dias estivos”, os amantes eram acusados de adultério, vivendo em celas separadas durante um ano. Camilo ocupava o quarto nº12 e Ana Plácido ocupava o Pavilhão das Mulheres.



Camilo Castelo Branco



Ana Plácido

Duque da Terceira, António José de Sousa Manuel de Meneses Severim de Noronha preso de imediato pelos homens da junta do governo provisório aquando este chega à capital do norte, em 1846, pois a sua intenção era "apalpar terreno" na nossa cidade. Na Cadeia da Relação ocupava o quarto nº8.



Duque da Terceira

Vicente Urbino de Freitas era médico e lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto e protagonizou o célebre e triste "Crime da Rua das Flores". Começa por matar o cunhado José, e prossegue o plano, tentando envenenar os sobrinhos, que moravam com os avós na Rua das Flores. Isto para conseguir ficar com a fortuna do sogro. Segundo se consta foi preso a 16 de abril de 1890 na Cadeia da Relação. Este ocupava o quarto nº13.



Vicente Urbino de Freitas

Relação entre a Cadeia da Relação e o Porto Liberal

O confronto entre ideais, no início do século XIX, marcou fortemente o Porto. Desde a Revolução de 1820 até à vitória liberal na Guerra Civil de 1832-34, a cidade viveu intensamente o confronto entre estes dois mundos, duas formas de organização social, económica, religiosa e de mentalidade. Em 1829 os absolutistas no poder mandam enforcar na praça pública os homens que ficaram conhecidos como "Os Mártires da Liberdade", exibindo as suas cabeças decepadas, como forma de aviso aos demais revoltosos. Nesta cadeia ficaram encarcerados os 12 mártires da liberdade, condenados à forca e decapitação pelo tribunal de D. Miguel.



Do passado ao presente...

Hoje em dia o edifício da antiga Cadeia da Relação é usado como sede do Centro Português de Fotografia.

Este edifício foi renovado em 1988, no entanto não se tinha ideia de qual seria a sua utilização, só quando se criou o Centro Português de Fotografia em 1997 é que se definiu que este edifício seria a sede, quem tomou esta decisão foi o ministro da cultura.

As primeiras exposições feitas foram em dezembro de 1997, estas exposições eram feitas no rés-do-chão do edifício pois ainda não tinha sido concluída a renovação. O edifício encerrou no ano de 2000 para se concluírem as renovações e reabriu no ano de 2001. Hoje em dia este edifício tem como função salvaguardar, valorizar e promover o património fotográfico.



Interior do Centro Português de Fotografia



Re
pa

Apresentações no Centro Português de Fotografia

Para além de apresentações, o Centro Português de Fotografia disponibiliza-se a receber estagiários e voluntários e a fazer parcerias. Estes voluntários poderão ajudar na Conservação e restauro; digitalização e reprodução; tratamento arquivístico; extensão cultural e educativa (acompanhamento de visitas guiadas, eventos comemorativos, cursos, workshops, ateliers); comunicação, imagem e divulgação (trabalhos de tradução, marketing); unidade informativa/biblioteca Pedro Miguel Frade; exposições; museologia



Hollywood Icons: Fábrica de Estrelas



Prémio Estação Imagem 2019 Coimbra



Barca - Bela



Celebração do Dia da Mulher

Emoções

Ao desenvolver a pesquisa acerca deste monumento do Porto percebemos que, de facto, este foi e continua a ser um marco importante na nossa história. No que toca à perspetiva histórico-cultural compreendemos que a Cadeia da Relação transforma as emoções vividas ao longo dos anos, tanto pelos prisioneiros históricos que lá estiveram como por toda a envolvência autêntica da história da época do Porto Liberal.



Ponte D. Luís, Porto, Portugal (Porto Liberal)

A ponte D. Luís é uma das atuais 6 pontes existentes no Porto E localiza-se sobre o rio Douro, estabelecendo ligação entre o local onde se ergue a Sé Catedral (Porto) e a Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia).

Foi a apresentada a concurso para construção em 1880 e inaugurada a 31 de outubro de 1886, com o objetivo de substituir a ponte Pênsil, também denominada de ponte D. Maria II, que curiosamente foi a primeira ponte metálica construída em território nacional, aberta ao trânsito em 1843, com o objetivo de repor uma outra ponte, a ponte das barcas, inaugurada em 1806.

Esta obra enquadra-se no contexto da época, “Arquitetura de Ferro”, que constitui a edificação de várias pontes e outras estruturas que foram essenciais para a expansão dos caminhos de ferro em plena “Era Industrial”, permitindo também o fomento da criatividade de quem os projetou pelo uso de novos materiais, fazendo assim evoluir e modernizar a arquitetura.

Segundo várias fontes, a ponte de Gustave Eiffel em Bordéus, “La Passerelle Eiffel”, serviu de inspiração para outras pontes desta época, sendo que a construção da ponte D. Luís, obra de Théophile Seyring, foi supervisionada pelo mesmo.

A ponte D. Luís surge depois da ponte D. Maria Pia, construída entre 1876 e 1877, também por Théophile Seyring e, novamente, com a supervisão de Gustave Eiffel, para dar continuidade à linha férrea do Norte, com o objetivo de aumentar ainda mais a mobilidade de pessoas, bens e informação.

A construção de várias pontes em território nacional fez-se acompanhar da abertura de novas estradas, em concordância com a política Fontistas, coordenada por Fontes Pereira de Melo, de meados do século, também associada com a Regeneração.

Uma curiosidade sobre esta que é uma das mais emblemáticas pontes da cidade do Porto é o facto de no nome oficial da mesma não constar o título de “Dom”. Diz-se que a inauguração da ponte foi antecipada de modo a coincidir com o aniversário de D. Luís, mas que, chegado o dia, este não apareceu à cerimónia, presidida pelo bispo do Porto. Assim, contam que a ausência do título foi decisão dos portugueses, como resposta ao ato indigno de D. Luís, mas na verdade deve-se às instabilidades liberais que se viviam nessa época.

Ponte D. Luís (vista para Vila Nova de Gaia)





Ponte das Barcas



Representação do desastre da Ponte das Barcas



Ponte Pênsil – Ponte D. Maria II



Vestígios da Ponte Pênsil – Ponte D. Maria II, no Porto



D. Luís I e D. Maria Pia

D. Maria Pia



D. Luís I



Depois de termos realizado pesquisa e recolha de informação sobre a história da ponte D. Luís, e tendo em conta as experiências individuais relativamente ao monumento, cada um de nós realizou uma reflexão sobre aquilo que o mesmo lhe sugere, os sentimentos que provoca e as ideias que traz pessoalmente.

Aluno A

Cresci em paredes, uma pequena cidade pertencente ao porto, onde os hábitos fazem denotar que pertencemos ao norte.

Gosto muito da cidade do Porto, adoro por lá passear, sem horas, sem destino certo, sem objetivo, mas há sempre um momento que tem de existir, a visita à Ponte D. Luís com uma pausa de alguns minutos para a observar, para respirar a ribeira e aquilo que é, para mim, um símbolo de casa. Quando olho para a ponte D. Luís não vejo a sua História, não vejo datas, nem acontecimentos remotos específicos, peço desculpa. Vejo sim a minha História, concretizo que aquele é um dos lugares onde mais gosto de ir com os meus amigos e família só para estar, admirar, interiorizar e dar umas boas gargalhadas com quem mais gosto. Tudo isto parece superficial, mas é a verdade, uma das coisas que mais gosto de fazer quando sinto necessidade de espairar é apanhar o comboio, ir até à Invicta e viver a cidade.

Aluno B:

A ponte D. Luís traz-me uma emoção de respeito, admiração e reverência. Admiração pela beleza que a ponte nos passa. E reverência pelas pessoas que mesmo com recursos limitados, comparados com a atualidade, conseguiram construir tal monumento.

Aluno C:

É fácil de perceber porque é que a ponte D. Luís I é muito admirada pela sua beleza e os seus detalhes arquitetónicos, seja aos olhos dos turistas como aos que diariamente passam por ela. Como alguém que sempre viveu perto no Porto e passou por esta ponte com frequência, sempre reconheci as sua beleza e atratividade, mas, apesar de saber que, tal como toda a cidade do Porto, a ponte D. Luís I é uma ponte com muita história, antes de realizar a pesquisa para este trabalho, não tinha consciência da quantidade de histórias que esta ponte tem para contar, e não falo da história geral que se encontra nos manuais, mas das histórias de quem vive ali e de quem, no passado e no presente, viu ou ainda vê aquela ponte, não como um monumento mas como parte da sua casa, às vezes olhando para ela com angústia, outras com saudade, e muitas com orgulho. E acho que, a partir de agora, quando olhar para a Ponte D. Luís é nessas histórias, nesses sentimentos, que vou pensar.

Fonte

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74503>



Museu e Igreja da Misericórdia do Porto

A história da Igreja da Misericórdia do Porto

Desenho para a fachada da Igreja da Misericórdia (primeiro projeto)

Nasoni
1749(?)
AHSCMP - Documento avulso
Aquarela sobre papel
42,5 x 29 cm
(fonte:mmipo.pt)



A arquitetura da igreja: exterior



Detalhe da fachada da Igreja da Misericórdia do Porto
(Fonte: scmp.pt)



Enquadramento da Igreja da Misericórdia do Porto
(Fonte: patrimiocultural.gov.pt)



Fachada da Igreja da Misericórdia do Porto
(Fonte: visitarportugal.pt)

A arquitetura da igreja: interior



Interior da Igreja da Misericórdia do Porto
(Fonte: travel-in-portugal.com)



Teto da Igreja da Misericórdia do Porto
(Fonte: mmipo.pt)



Interior da Igreja da Misericórdia do Porto
(Fonte: scmp.pt)

História do Museu da Misericórdia do Porto

1: Galeria dos Benfeitores

(fonte: pauloteixeiralopes.wordpress.com); 2:

Fachada do Museu da Misericórdia do Porto

(fonte: rotaportoliberal.pt); 3: Sala 07 - Casa do Despacho

(fonte: patrimoniocultural.gov.pt)



A Fachada do museu

"O Meu Sangue é o Vosso Sangue"

Rui Chafes
2015

(fonte: pontosj.pt)



Fachada do Museu da Misericórdia do Porto

(fonte: odaines.blogspot.com)



Sala 01: Misericórdia do Porto: História e Ação



Conde de Ferreira

Autor desconhecido,
século XIX
Óleo sobre tela
(fonte: mmipo.pt)

Sala 02: Benfeitores

1: "Cálice da Confiança",

Manuel Alcino, 2014, ouro e marfim
(fonte: oportoencanta.com)

2: Detalhe da entrada na Sala 02 (fonte: oportoencanta.com)

3: "Ana Margarida Soares da Silva Passos"

Autor desconhecido, c. 1869, óleo sobre
tela (fonte: mmipo.pt)



Sala 03 : Pintura e Escultura



"Sagrada Família",
António Vieira, século XVII, óleo
sobre tela (fonte: mmipo.pt)



**Urna de Quinta-
feira Santa,**
Miguel Francisco da
Silva, 1728, madeira
entalhada e dourada com
espelhos (fonte: mmipo.pt)

Sala 04: Ourivesaria e Paramentaria



Salva de Pé alto
século XV / XVI, século XVIII e
XIX, 17x31,7x31,7, 2246 g



Pano de estante
Última década do séc.
XIX, 273x56 cm, tecido
base (cetim) e fio de seda

Sala 05 : Sala da Igreja

Desenho para a fachada da Igreja da Misericórdia (primeiro projeto)

Nasoni
1749(?)
AHSCMP -
Documento avulso
Aquarela sobre papel
42,5 x 29 cm
(fonte: mmipo.pt)



Sala 06: Administração

D. Pedro IV

Atribuído a
Máximo Paulino
dos Reis
1822-1824
Óleo sobre tela
(fonte: mmipo.pt)



Sala 07 : Casa do Despacho

"Fons Vitae" (Fonte da Vida)

Atribuído a Colijn de Coter
Óleo sobre madeira de carvalho
Origem: Flandres
C. 1515-1517
267 x 210 cm
(fonte: mmipo.pt)

"O Fons Vitae é a jóia da nossa coroa"

- Paula Aleixo,
diretora do Departamento de Atividades
Culturais da Santa Casa da Misericórdia
do Porto





Localização:

- O Mosteiro da Serra do Pilar ou Mosteiro de Santo Agostinho da Serra do Pilar foi construído entre os séc. XVI – XVII.
- Localiza-se numa elevação do Rio Douro denominada Serra do Pilar, localizada na freguesia de Santa Marinha, no concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, em Portugal.



Contextualização Histórica:

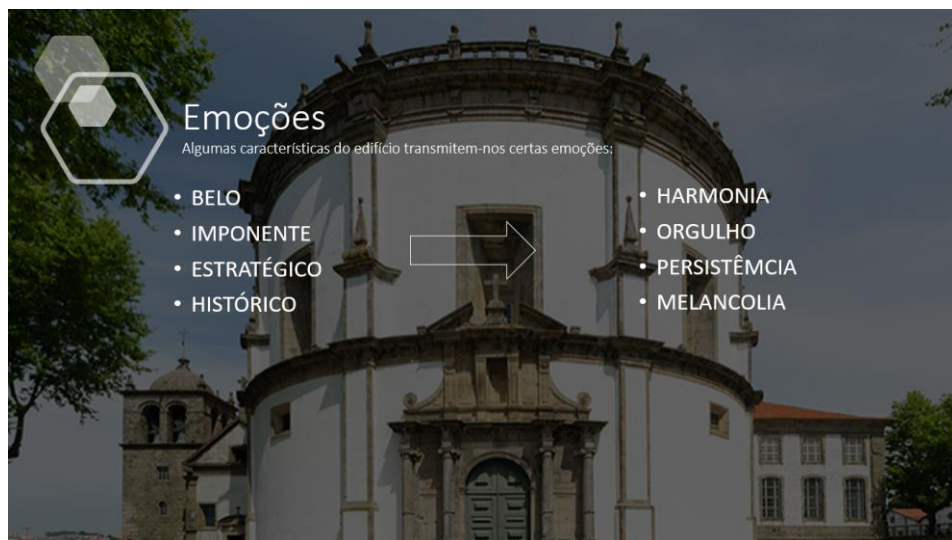
- O Mosteiro da Serra do Pilar foi criado após a reforma da Ordem dos Agostinianos, quando os monges do mosteiro de Grijó foram transferidos para a nova localização.
- Iniciou-se em 1537 a construção deste novo mosteiro, que apresenta planta composta pela igreja, de planta circular, da capela-mor, de planta retangular, e do claustro, também de planta circular, todos dispostos sequencialmente.



Cerco do Porto:

- Durante as invasões francesas, em 1809, o mosteiro foi ocupado pelas tropas de Wellington, onde planearam o ataque à cidade do Porto, então invadida pelas tropas de Napoleão.
- Em 1832, durante o Cerco do Porto, foi reconhecido o valor militar do local e o convento foi transformado num ponto de resistência das tropas liberais de D. Pedro IV, que defenderam a cidade das forças absolutistas de D. Miguel.





Ao contrário dos trabalhos realizados para a conferência, foi notório uma grande dificuldade em relacionar emocionalmente os locais históricos escolhidos. À exceção do grupo da Ponte D. Luís, os grupos não conseguiram de forma clara abordar as emoções neste contexto específico, pese embora com excelentes apresentações, como é o caso do Museu e Igreja Misericórdia. Contudo, realço os comentários dos alunos, que estão tal como foram apresentados, sobre a Ponte D. Luís:

“Cresci em paredes, uma pequena cidade pertencente ao porto, onde os hábitos fazem denotar que pertencemos ao norte. Gosto muito da cidade do Porto, adoro por lá passear, sem horas, sem destino certo, sem objetivo, mas há sempre um momento que tem de existir, a visita à Ponte D. Luís com uma pausa de alguns minutos para a observar, para respirar a ribeira e aquilo que é, para mim, um símbolo de casa. Quando olho para a ponte D. Luís não vejo a sua História, não vejo datas, nem acontecimentos remotos específicos, peço desculpa. Vejo sim a minha História, concretizo que aquele é um dos lugares onde mais gosto de ir com os meus amigos e família só para estar, admirar, interiorizar e dar umas boas gargalhadas com quem mais gosto. Tudo isto parece superficial, mas é a verdade, uma das coisas que mais gosto de fazer quando sinto necessidade de espairar é apanhar o comboio, ir até à Invicta e viver a cidade.”

Aluna A

“É fácil de perceber porque é que a ponte D. Luís I é muito admirada pela sua beleza e os seus detalhes arquitetónicos, seja aos olhos dos turistas como aos que diariamente passam por ela. Como alguém que sempre viveu perto no Porto e passou por esta ponte com frequência, sempre reconheci a sua beleza e atratividade, mas, apesar de saber que, tal como toda a cidade do Porto, a ponte D. Luís I é uma ponte com muita história, antes de realizar a pesquisa para este trabalho, não tinha consciência da quantidade de histórias que esta ponte tem para contar, e não falo da história geral que se encontra nos manuais, mas das histórias de quem vive ali e de quem, no passado e no presente, viu ou ainda vê aquela ponte, não como um monumento mas como parte da sua casa, às vezes olhando para ela com angústia, outras com saudade, e muitas com orgulho. E acho que, a partir de agora, quando olhar para a Ponte D. Luís é nessas histórias, nesses sentimentos, que vou pensar.”

Aluna B

5. A opinião dos alunos na partida e na chegada

Este capítulo tem o objetivo de perceber a opinião dos alunos numa fase inicial e posteriormente numa fase final, daquilo que foram as suas perceções sobre o trabalho realizado pelo professor estagiário. Se os sentimentos, pouco ou nada interessam, se é importante um docente que se preocupa com o que os alunos sentem.

Também a opinião dos alunos é importante para obter as respostas que lancei na fase inicial do trabalho:

- Será que os alunos consideram importante os sentimentos dos outros?
- É relevante um professor preocupar-se com o que os alunos sentem?
- O aluno valoriza mais a competência ou a afetividade do professor?
- Que características deverá ter o professor ideal?
- Podemos utilizar as emoções e rentabilizá-las no ensino da história?

Através de questionários individuais e com perguntas abertas tentei perceber as suas opiniões a 26 de novembro de 2019 e a 30 de maio de 2020, com o questionário 1 e 2, respetivamente.

5.1. Questionários

Questionário nº 1 de 26 de novembro de 2019

Questionário nº 1

Mestrado em Ensino de História do Ensino do 3º ciclo e Ensino Secundário

Professor Estagiário: João Paulo Sousa

Penafiel, 26 de novembro de 2019

No contexto do Mestrado em Ensino da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, estou a desenvolver um trabalho sobre a educação emocional e sua importância na sala de aula, tentando perceber o que os alunos pensam sobre o tema. O questionário é curto e de respostas abertas, sendo muito importante para a elaboração futura de um trabalho final. Os dados serão tratados com confidencialidade.

Masculino _____

Feminino _____

Idade: _____

Ano de escolaridade: _____

1. Consideras que dás atenção suficiente aos sentimentos dos outros? Justifica com um exemplo?
2. Que características deve ter o professor ideal, para ti?
3. Que importância dás à preocupação de um professor com os teus sentimentos? Justifica?
4. Valorizas mais a competência de um professor ou a sua afetividade? Porquê?
5. Indica a característica de um professor que lembras de forma positiva. Justifica?

Muito obrigado pela tua colaboração!

Questionário nº 2

Mestrado em Ensino de História do 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Professor Estagiário: João Paulo Sousa

Penafiel, 30 de maio de 2020

No contexto do Mestrado em Ensino da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, estou a desenvolver um trabalho sobre o papel das emoções na educação e a sua importância na sala de aula, tentando perceber o que vocês pensam sobre o tema. O questionário é curto e de respostas abertas, sendo muito importante a vossa opinião para um Relatório Final. Os dados serão tratados com confidencialidade.

Masculino _____

Feminino _____

Idade: _____

Ano de escolaridade _____

1. Consideras que é importante um professor estar atento aos sentimentos dos alunos? Justifica?
2. Que características destacas no professor estagiário de História que consideras importante num professor?
3. Qual é a tua opinião sobre a utilização dos cartões na sala de aula? Qual o contributo para a tua aprendizagem?
4. Sentes que este ano, e mais especificamente nas aulas de História, a tua opinião foi mais valorizada? Porquê?
5. As atividades desenvolvidas (Conferência sobre as emoções e visita ao Porto Liberal) foram úteis? Justifica?
6. Se tivesses de escolher uma palavra que definisse o trabalho realizado pelo professor estagiário, qual seria? Porquê?

Muito obrigado pela tua colaboração!

5.2. Análise de resultados

O 11º X era composto por 27 elementos, 12 do género feminino e 15 do masculino, de idades compreendidas entre os 16 e 17 anos de idade. O 11º Z era composto por 24 elementos, 16 do género feminino e 8 do masculino, de idades compreendidas entre os 16 e 19 anos de idade.

Começando pelo questionário nº 1:

1º. Consideras que dás atenção suficiente aos sentimentos dos outros? Justifica com um exemplo?

A maioria dos alunos, considera que dá atenção suficiente aos sentimentos dos outros, na turma X, 22 alunos respondem afirmativamente e 5 de forma negativa. Na turma Z, temos 20 respostas afirmativas e 4 negativas. Nota-se que os alunos se preocupam com os outros colegas, ressaltando que os que afirmam não se preocupar, só o fazem se no passado a pessoa em causa tiver mostrado essa preocupação por eles.

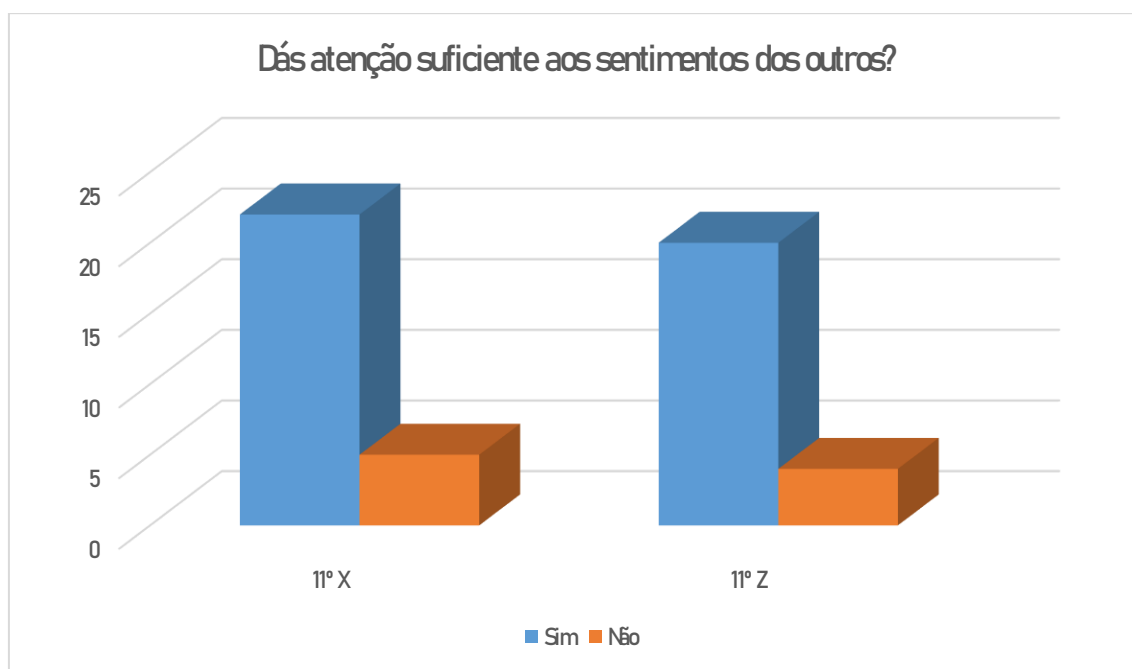


Gráfico 3 – Pergunta 1 do Questionário nº 1. Elaboração Própria

Comentário 1

“Sim, eu considero que dou atenção suficiente aos sentimentos dos outros, na medida em que sinto a necessidade de conversar e confortar quem está em baixo. Ainda recentemente fiz uma amizade com uma rapariga, após tê-la encontrado isolada e a chorar na casa de banho.”

Comentário 2

“Dou atenção se a outra pessoa já se tiver importado comigo em situações anteriores”

Comentário 3

“Sim, considero que dou atenção suficiente aos sentimentos dos outros. É muito importante que nos coloquemos sempre no lugar dos outros e evitar poder dizer algo que os possa afetar ou magoar. Tento ajudar sempre que posso.”

2º Que características deve ter o professor ideal, para ti?

Sendo que aqui cada aluno podia enumerar várias características na sua resposta, na turma X 13 alunos enumeram a compreensão, 11 a competência, 10 a simpatia, 8 a amizade, 7 a inovação, 5 a preocupação e 3 afirmam que é fundamental o professor gostar do que faz. Na turma Z 10 alunos escolhem a compreensão, 9 a competência, 6 a amizade e inovação, 5 a exigência e amizade e 4 gostar do que faz. A compreensão e a competência estão lado a lado nas preferências dos alunos, o que não deixa de ser curioso. E a preferência nas duas turmas é a mesma (compreensão, competência, simpatia e amizade). Chamo a atenção para alguns alunos afirmarem que é positivo o docente gostar da sua profissão.

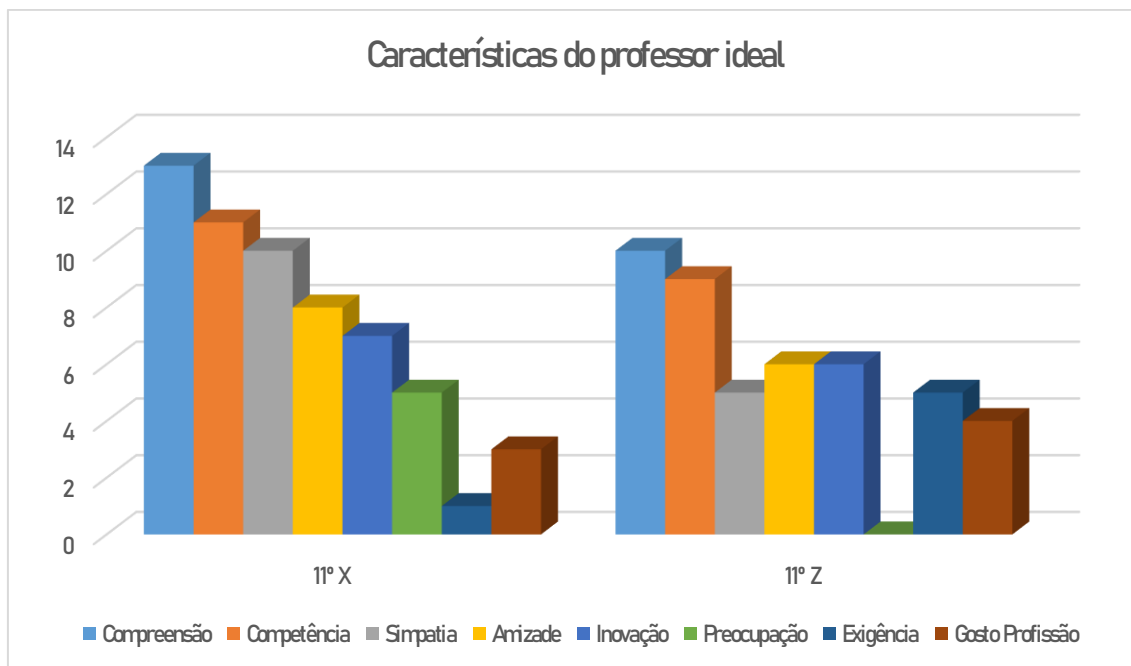


Gráfico 4 – Pergunta 2 do Questionário nº 1. Elaboração Própria

Comentário 4

“O professor ideal deve saber ser acessível e preocupado com os alunos, deve também ser competente ao explicar a matéria e deixar os alunos confortáveis para tirar dúvidas.”

Comentário 5

“As características que um professor deve ter é ser simpático, preocupar-se com os alunos, compreensivo e competente. Deve servir de exemplo a fazer refletir os alunos sobre a vida e as coisas verdadeiramente importantes.”

Comentário 6

“Para mim o professor ideal deve lecionar os conteúdos de forma chamativa, não deve manter uma distância entre os alunos, deve tentar conhecer os seus alunos, dando-lhes liberdade para abordar outros temas e debater nas aulas dando assim oportunidade de desenvolver outras competências transversais.”

3º Que importância dás à preocupação de um professor com os teus sentimentos?

Justifica?

Aqui as respostas são claras e inequívocas. É importante ou muito importante o professor preocupar-se com os sentimentos dos alunos. Eles demonstram que precisam de apoio, e se o professor tiver essa disponibilidade, sentem-se mais seguros e com mais motivação para a aprendizagem.

Comentário 7

“No meu ponto de vista é importante um professor preocupar-se com os nossos sentimentos, sendo que muitos de nós alunos, não temos quem ligue ao que nós sentimos muitas vezes, quem nos apoie e perceba as nossas dificuldades e constrangimentos, então saber que, pelo menos na escola há alguém que está disposto a ouvir-nos e a querer saber é extremamente importante na minha opinião.”

Comentário 8

“Dou bastante importância. Quando um professor demonstra preocupação com os sentimentos dos alunos sentimo-nos muito mais à vontade e que temos apoio na escola, ou seja, que existe quem se preocupe connosco e que está disponível para nos ajudar”

Comentário 9

“Eu valorizo imenso um professor que se preocupe com os meus sentimentos, que esteja atento e seja compreensivo comigo quanto à minha motivação e disposição para aprender, porque considero que se assim não for a aprendizagem não só é muito mais difícil como muita vezes chega a ser impossível sentir-me cativada pelo professor e consequentemente pela disciplina.”

4º Valorizas mais a competência de um professor ou a sua afetividade? Porquê?

Na turma Z, 8 alunos valorizam a competência, 6 a afetividade e 10 ambas. Na turma X, 11 alunos valorizam a competência, 3 a afetividade e 12 ambas.

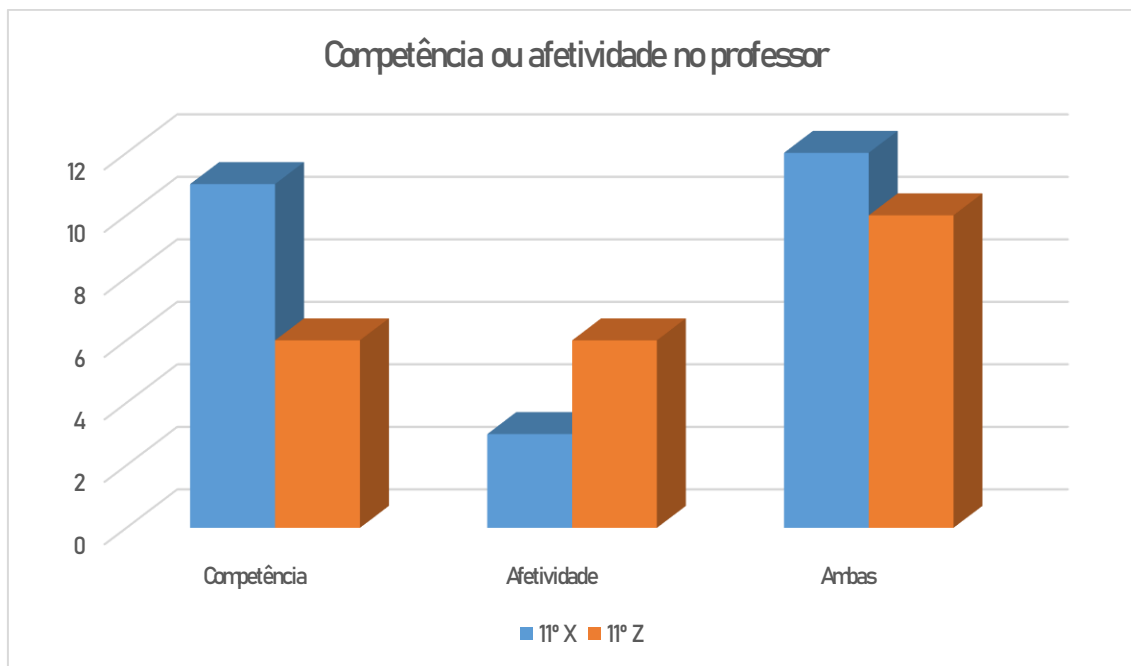


Gráfico 5 – Pergunta 4 do Questionário nº 1. Elaboração Própria

Comentário 10

“Eu valorizo mais a competência de um professor do que a sua afetividade, uma vez que este deve desempenhar a sua função, que é ensinar e transmitir conhecimento aos alunos, da melhor forma possível, pois este é o seu cargo na sociedade. Valorizo imenso a afetividade de um professor, mas não o suficiente para a sobrepor à respetiva competência”.

Comentário 11

“Um professor deve ser competente para conseguir passar a matéria para os alunos, no entanto é necessário e muito importante a parte afetiva, uma vez que assim os alunos sentem mais abertura e confiança para com o professor.”

5º Indica a característica de um professor que lembra de forma positiva. Justifica?

Na turma X as características mais escolhidas são a diversão e amizade com 8 escolhas cada, depois a afetividade com 5, a competência com 3, tolerância com 2 e a justiça com 1. Na turma Z, as mais escolhidas são à imagem da turma X a diversão e amizade com 8 escolhas cada, depois a afetividade com 6 e a competência com 2 escolhas.

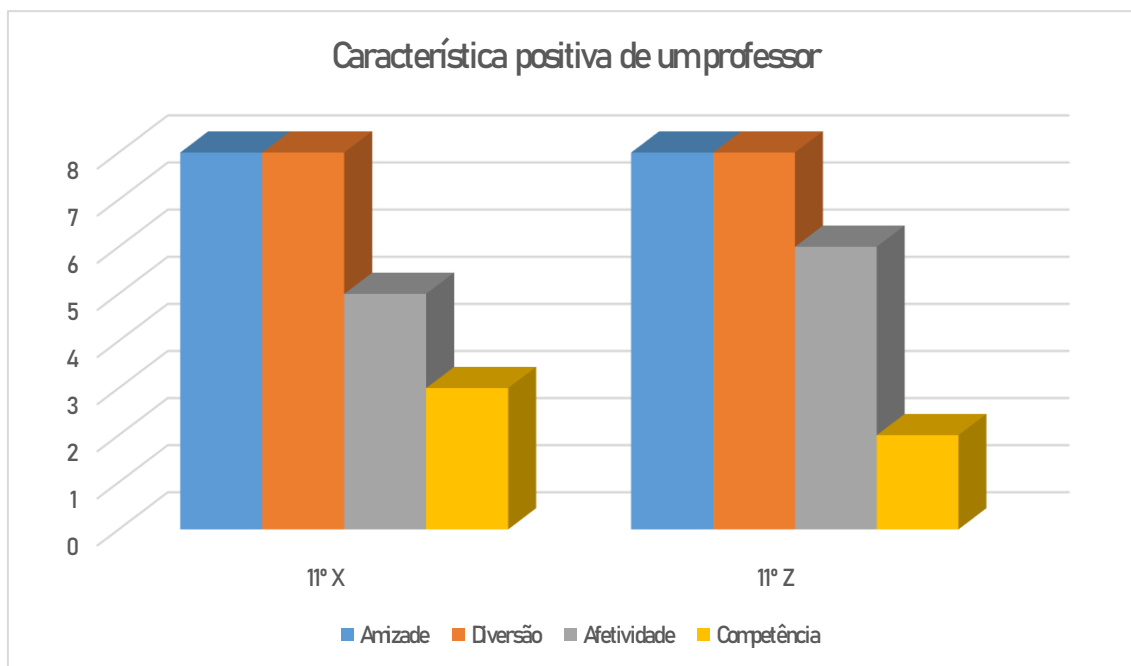


Gráfico 6 – Pergunta 5 do Questionário nº 1. Elaboração Própria

Comentário 12

“A característica mais marcante de um professor que lembro é a atenção que tinha connosco. Era um professor que reparava no estado de espírito dos alunos e se preocupava em tentar ajudar tanto na vida pessoal como na vida escolar de forma a conseguirmos gerir as nossas emoções e é por isso que considero esta característica tão importante e lembro de forma positiva, tanto o professor como o que aprendi nesta disciplina”

Comentário 13

“Por coincidência ou não, ao longo dos anos, os professores de história são sempre os que custa mais uma despedida, acho que têm uma afetividade diferente e tocam-nos de outra forma que os outros professores”

Comentário 14

“Posso dar o exemplo do professor João de história. É um dos poucos que se preocupa bastante com o nosso bem-estar, consegue manter-nos interessados e as aulas

são divertidas e interessantes. Preocupa-se também com o facto de percebermos bem a matéria, se há algo que não percebemos, dá-se ao trabalho de explicar de novo.”

Em seguida, coloco as respostas ao questionário 2, e que dizem respeito ao final do ano. O objetivo essencial é estabelecer a comparação com os resultados do questionário 1 do início do ano.

Questionário nº 2:

1º Consideras que é importante um professor estar atento aos sentimentos dos alunos? Justifica.

A totalidade dos alunos, considera importante e fundamental que o professor esteja preocupado com o que os alunos sentem, e que os seus sentimentos vão estar relacionados com os índices de aprendizagem. Não surgiu nenhuma resposta negativa o que é bastante revelador.

Comentário 15

“Sim, é bom percebermos que o professor além de ter como foco a nossa aprendizagem na sua disciplina, também se preocupa com os sentimentos do aluno, acho que dessa forma é maior a possibilidade de ganhar a confiança e afeto entre aluno e professor, conseqüentemente, acho que isso influencia de forma positiva o dia a dia do aluno em contexto escolar.”

Comentário 16

“Eu considero que é muito importante que um professor esteja atento aos sentimentos dos seus alunos visto que estes influenciam bastante a forma de aprender de cada um, ou seja, considero que é essencial que se tenha em conta como um aluno se sente para que ele alcance o sucesso escolar.”

Comentário 17

“Sim, considero muito importante um professor estar atento aos sentimentos dos alunos, uma vez que nós (alunos) muitas vezes não conseguimos separar os contextos familiares e amigáveis em contexto escolar e por vezes entramos na sala de aula com a cabeça noutro lado. Isto é causado por situações adversas que não nos permitem concentrar. Considero por isso ser fundamental o professor estar atento ao que os alunos sentem.”

Comentário 18

“Na minha opinião é extremamente importante, como é óbvio estamos na escola para aprender, estar atentos, mas cada um tem também a sua vida pessoal, as suas próprias ideias e sentimentos, e é necessário reconhecer isso até para haver uma melhor conexão entre professor e aluno, o que acaba por trazer benefícios também para o ensino. O facto de o professor valorizar os nossos sentimentos diz-nos muito, e faz dele também tanto um professor como uma pessoa melhor.”

2º Que caraterísticas destacas no professor estagiário de História que consideras importante num professor?

Na turma X as características mais escolhidas são a empatia 10 escolhas, depois a preocupação com os alunos com 9, a competência e a paixão pelo que faz com 8 cada, compreensão e inovação com 3 cada. Na turma Z, as mais escolhidas são a competência e compreensão com 9 escolhas cada, de seguida a paixão pelo que faz com 8 escolhas, a empatia com 7, inovação e humildade com 5 cada.

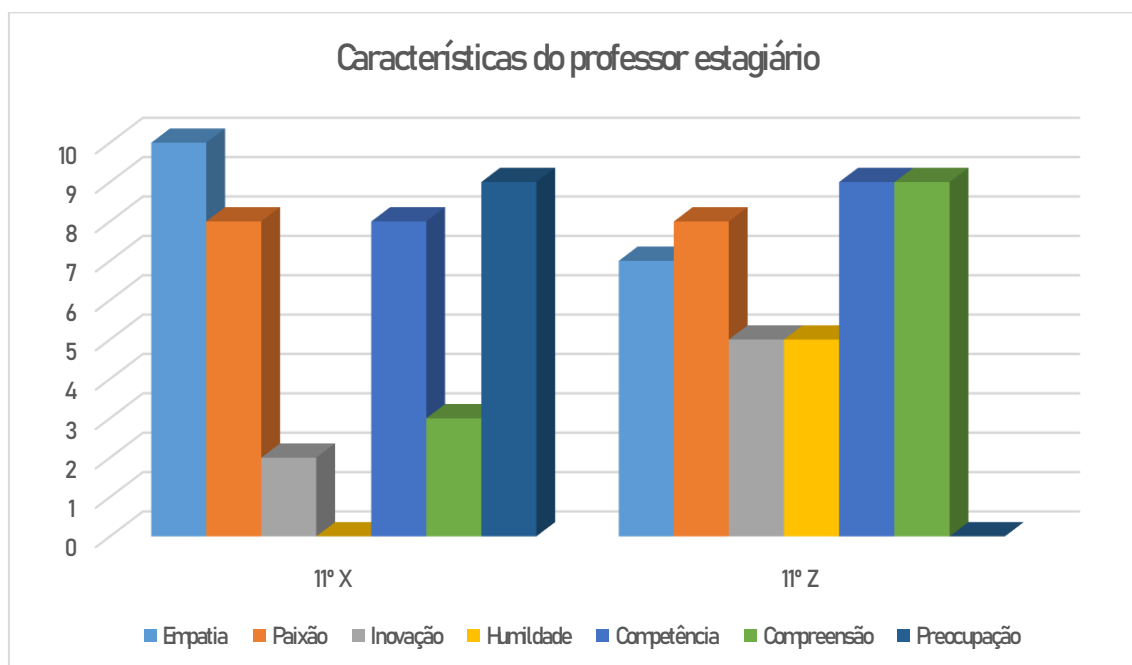


Gráfico 7 – Pergunta 2 do Questionário nº 2. Elaboração Própria

Comentário 19

“Vi que o professor estagiário além de dar a matéria referida pelo programa de História, vai mais além, não nos apresentou a matéria só por apresentar e ficar dada, procurou questionar todos os pontos relacionados com a mesma e com os seus métodos ajudou todos a prestar atenção e ganhar interesse. Além disso o professor tem uma grande diferença em relação aos restantes professores, em todas as suas aulas interessou-se em saber o que sentíamos, inicialmente foi estranho pois é raro isso acontecer, mas reparei que isso foi bastante importante no decorrer das suas aulas, criou outro afeto e sentimo-nos mais do que simples alunos, sentimos que realmente o professor estava ali e se importava com o nosso bem-estar, estando sempre disposto a ajudar-nos, e acho que isso nos influenciou de forma bastante positiva.”

Comentário 20

“A compreensão e importância que o professor nos deu e aos nossos sentimentos. Isso fez com que tenhamos contido mais matéria (sic). Ajudou-nos e clarificou alguns caminhos onde estaríamos perdidos, visto que temos a responsabilidade de tomar decisões em breve que irão condicionar o nosso futuro.”

Comentário 21

“No professor estagiário de História A destaco a capacidade de interação com os alunos, a forma como nos compreende, as diversas formas que arranja para nos motivar, a palavra amiga em todas as aulas, o laço que cria connosco, os assuntos atuais que coloca “em cima da mesa” para interagir connosco e a confiança que nos passa.”

Comentário 22

“Considero o professor uma pessoa humilde, compreensiva, e com paixão pelo que faz, sempre pronto a ajudar o próximo, independentemente do momento ou do problema, e isso é algo que eu valorizo imenso numa pessoa (e que cada vez se vê menos), para além de ser um excelente professor, procurando métodos de aprendizagem mais simples e atrativos para os alunos. Hoje em dia, grande parte dos professores só se preocupa em “chutar” a matéria e não quer saber se os alunos compreenderam.”

Comentário 23

“O professor estagiário de história é, na minha opinião, muito dedicado naquilo que faz e nota-se imenso o quanto gosta do seu trabalho, de estar ali a ensinar-nos, fazendo-o sempre de várias formas. Com powerpoints, vídeos alusivos à matéria, algo que nos capta mais facilmente a atenção. É competente, leva sempre a aula preparada, e ajuda em tudo o que pode, preocupando-se sempre em inovar e fazer-nos, não decorar a matéria para ter notas altas, mas percebe-la e gostar daquilo que estamos a estudar.”

Comentário 24

“O professor estagiário apresenta uma enorme vontade de ensinar, de partilhar conhecimentos e saber as nossas opiniões. O professor ouve as nossas opiniões com atenção o que, infelizmente, não acontece muitas vezes no sistema de ensino português. No meu ponto de vista é importante para nós alunos sermos ouvidos, termos hipótese de contra-argumentar em certos assuntos. Para mim é importante sermos tratados todos por igual numa sala de aula. Por vezes as relações com os professores são demasiado impessoais, baseadas em “medo” e penso que este é um dos parâmetros em que o professor estagiário se destaca.”

Comentário 25

“O professor é sem dúvida um dos melhores professores que já tive, se não mesmo o melhor, ele sabe dar os conteúdos de uma forma em que o aluno realmente fica fascinado e interessado pela matéria, um professor que não queira saber se os alunos estão a perceber a matéria ou não saiba interagir, para mim não está no ramo certo, o professor João revela não só preocupação com a aprendizagem dos alunos mas revela também paixão pelo que faz.”

Comentário 26

“Eu considero que o professor é bastante próximo de todos os alunos, e isso ajuda até os mais tímidos como eu. É também muito preocupado, pois traz sempre materiais que ajudam a entender a matéria, mesmo que já explique de maneira muito clara.”

3º Qual é a tua opinião sobre a utilização dos cartões na sala de aula? Qual o contributo para a tua aprendizagem?

A totalidade dos alunos teve uma opinião bastante positiva acerca da utilização dos cartões de aprendizagem. Foi útil, uma boa ideia, contribuiu para a aprendizagem, foram um instrumento facilitador para se expressarem, para colocarem as suas dúvidas e era algo que todos os professores deveriam adotar.

Comentário 27

“Foi bastante positivo esse método usado, usávamos quando fosse pedido pelo professor e que revelava o nosso momento da aula, e se fosse necessário tínhamos a oportunidade de ter um ombro a ajudar-nos, neste caso o professor. Achei bom para a aprendizagem pois senti que o professor adequava a aula a cada aluno, não nos deixava desconfortáveis e respeitava os nossos momentos negativos.”

Comentário 28

“Considero que os cartões foram uma maneira original de ver como os alunos se sentiam e penso que contribuíram de uma forma positiva nas aulas, principalmente para as pessoas que não se estavam a sentir bem e que de certa forma precisavam de falar com alguém, como era exemplo do cartão cinzento, e isso foi fantástico. Todos nós comentamos, é professor de história, mas foi o primeiro que queria saber como estávamos, se não estivéssemos bem não nos castigava.”

Comentário 29

“Eu vou ser sincero quando o professor apareceu com os cartões eu pensei que estes cartões iam ser irrelevantes, e que não iriam beneficiar a aula, mas com o passar do tempo cada vez mais percebi e sou da opinião de que os cartões deveriam ser implementados em todas as disciplinas. Os cartões ajudaram-me e muito, pois muitas das vezes eu tenho vergonha de perguntar alguma dúvida que tenha e os cartões tornam isso mais fácil. Outra vantagem é que toda a gente tem os seus dias maus e os cartões ajudam pois se tivermos num dia horrível e os professores insistirem e estarem constantemente a direccionar as perguntas para nós, só nos faz sentir ainda pior. Com os cartões temos a liberdade de dizer que estamos mal sem falarmos à frente de todos ou não querer mesmo

falar com ninguém nesse dia e ainda sabemos que podemos contar com o apoio do professor, na minha opinião é algo incrível mesmo.”

Comentário 30

“Gostei da ideia dos cartões, especialmente porque sou bastante tímida e nem sempre tenho facilidade em expressar os meus sentimentos e demonstrar se percebi ou não a matéria, e assim como eu, acredito que muitos outros alunos também. Permite uma maior e melhor interação entre professor e aluno, e demonstra que aquilo que nós pensamos também importa.”

Comentário 31

“Os cartões, na minha opinião, foram muito benéficos. Uma ideia estranha e nova ao início, mas que se revelou mais fácil para expormos as nossas dúvidas contribuindo para uma melhor aprendizagem dos conteúdos. Destacando o cartão cinzento, para quando não estávamos a sentir bem, penso que contribuiu também para uma aprendizagem emocional (visto que nos dava a oportunidade de ponderar se estávamos ou não em condições de prestar atenção).”

Comentário 32

“Eu penso que a utilização dos cartões na sala de aula foi bastante benéfica para as aulas e especialmente na minha aprendizagem, visto que me senti muito mais incluída. Por um lado, como tenho um pouco de vergonha ao expor as dúvidas nas aulas, os cartões fizeram-me sentir mais confortável em expô-las. Por outro lado, o “cartão cinzento” foi muito útil na minha opinião pois apesar de este ano não ter passado por nenhuma situação que afetasse a minha atenção nas aulas, já aconteceu noutros anos e noutras disciplinas e gostava que isso tivesse sido levado em consideração.”

Comentário 33

“Os cartões foram uma maneira criativa e inovadora de ajudar na nossa aprendizagem, eles ajudam-nos a tirar dúvidas de uma maneira bem interessante, mostrando uma cor, ou seja, o cartão revela o quanto o aluno conseguiu captar o assunto. O verde para matéria percebida, o amarelo quando tenho uma dúvida, o vermelho para quando não entendo nada, e o cinzento se estivermos num dia não muito positivo. Penso que esse método contribuiu bastante para a nossa aprendizagem.”

Comentário 34

“Eu penso que a utilização dos cartões são uma boa estratégia para que o professor consiga compreender melhor a situação e o estado de espírito de cada aluno sem o pressionar a explicar-se de forma imediata ou a participar na aula contrariado. Este método contribuiu para a minha aprendizagem no sentido em que facilitou a colocação de dúvidas, deixando-me mais motivada para participar nas aulas.”

4º Sentes que este ano, e mais especificamente nas aulas de História, a tua opinião foi mais valorizada? Porquê?

Todos os alunos concordaram que este ano as suas opiniões foram mais valorizadas, referem que muitos dos professores não se importam com as suas opiniões. Este ano, na aula de História tiveram mais liberdade e puderam expressar as suas ideias, quer em relação à matéria lecionada, quer com alguns dos debates e conversas que foram acontecendo.

Comentário 35

“Sim, muito mais. Durante o ano tivemos muitas conversas, que me ajudaram a expressar de uma forma que até agora não tinha sido possível. A partir da atualidade o professor João relacionava com a matéria, o que facilitou muito a minha aprendizagem, algo que nunca me tinha acontecido.”

Comentário 36

“Sim! O professor João fez-nos sentir adultos, que a nossa opinião contava. Para além da utilização dos cartões, também fomos tendo vários debates acerca de como víamos determinado acontecimento, qual era a nossa opinião, foi claramente um elemento diferente de todas as aulas de história para as restantes aulas.”

Comentário 37

“Acho que este ano mais do que opinião ser mais valorizada, que o foi, houve mais liberdade para que momentos como esse acontecessem e que permitissem expor as nossas opiniões. Na minha opinião momentos como esses são fundamentais para

fomentar o espírito crítico dos alunos e dar-lhes mais oportunidade para dizer aquilo que pensam, o que muitas vezes não acontece.”

Comentário 38

“Este ano foi o ano em que eu mais me apliquei e consegui obter melhores resultados relativamente à disciplina de história, muito por conta de conseguir dar a minha opinião e contribuir de certa forma na aula, pois nesta aula as coisas fluem não sei bem explicar. Gosto muito das aulas de história pois temos muitos debates não só da matéria em questão mas assuntos relacionados com o mundo, e o mais importante é que o professor João deixa os alunos dar a sua opinião sem criticar nem julgar, e ao fazer isso mesmo está a acionar ao aluno uma vontade de aprender e se o aluno errar na sua opinião, vai prestar atenção na explicação do professor para perceber onde errou e o porquê de ter errado. Isto só lhe vai trazer vontade, para que na próxima aula já saiba as coisas e possa dar a sua opinião assertiva e bem estruturada. “

Comentário 39

“Sim, este ano a minha opinião foi mais valorizada, porque no ano passado a professora dava aulas muito monótonas e cansativas e não proporcionava tempos de descanso e de interação entre a turma, contrariamente a este ano. Esta ano letivo foi bastante importante para mim pois permitiu-me perder a timidez e participar mais nas aulas, tudo devido ao maior interesse por parte do professor em perceber como nos sentíamos durante a aula.”

Comentário 40

“Sim, pois não me lembro de outrora, algum professor atribuir tanta atenção para a formação dos seus alunos enquanto pessoas.”

5º As atividades desenvolvidas (Conferência sobre as emoções e visita ao Porto Liberal) foram úteis? Justifica?

Todos concordaram com a utilidade das iniciativas. A atividade de expressar os seus sentimentos pelos monumentos do Porto Liberal foi para a maior parte, inovadora, outros falam da importância do estabelecimento de uma relação de proximidade com os acontecimentos históricos. Além de estarem a desenvolver conteúdos do programa, mostraram as suas opiniões em relação às atividades, relacionando-as emocionalmente perante a perspectiva de cada um. Outros entenderam a importância da interligação da História a vários tipos de emoções.

Comentário 41

“As atividades foram uteis não só pelo contexto do trabalho de grupo e da interajuda aí presente, mas também pelo tema que nos permitiu perceber que as emoções estão presentes na nossa vida desde sempre e que através delas podemos construir e interligar o estudo da história”

Comentário 42

“Sim, fiz algo que nunca tinha feito, que foi colocar as minhas emoções no trabalho e relacioná-las com o tema em estudo, e isso trouxe-me mais proximidade com o trabalho e liberdade para expor a minha opinião. Percebi que o professor também valoriza aquilo que sentimos.”

Comentário 43

“Foram úteis, uma vez que, me permitiram associar acontecimentos e monumentos a determinadas emoções, e são essas emoções que diferenciam o trabalho realizado por mim do trabalho realizado pelos meus colegas.”

Comentário 44

“Embora as atividades não se tenham desenvolvido presencialmente, a realização das mesmas, foram úteis no sentido em que nos permitiram associar a história com o ser humano e as suas emoções”

Comentário 45

“Percebi que enquadrar-me emocionalmente com um acontecimento ou local histórico, simplifica e potencia a minha aprendizagem.”

Comentário 46

“Sim. Porque nos deram a oportunidade de realizar trabalhos com liberdade e tendo muito em conta as nossas opiniões, o que, não só facilitou a aprendizagem ao nível da disciplina, como permitiu que desenvolvêssemos competências como a comunicação e o espírito crítico.”

Comentário 47

“Eu considero que estas atividades foram muito úteis. Em primeiro lugar, o trabalho sobre o Porto Liberal ajudou-me a entender de forma mais prática a matéria do liberalismo em Portugal e a valorizar os monumentos que temos tão perto. O trabalho das emoções foi bastante benéfico pois ajudou a olhar mais profundamente para certos acontecimentos históricos entendendo o seu valor sentimental, e o que as pessoas no passado sentiram, relacionando-os com a atualidade”

6. Se tivesses de escolher uma palavra que definisse o trabalho realizado pelo professor estagiário, qual seria? Porquê?

Na turma X as palavras mais escolhidas foram inovador com 6 escolhas, depois excelente, incrível, empatia e completo com 4 cada, por fim dedicação, diferença, realista, inigualável e incomum com 1 escolha cada. Na turma Z as mais escolhidas são a compreensão e fenomenal com 4 escolhas cada, de seguida a proximidade, dedicação, excelente e empenho com 2, por fim e com 1 escolha cada, aplicado, motivacional, empatia, compaixão, inspiração, promessa, amizade e completo.

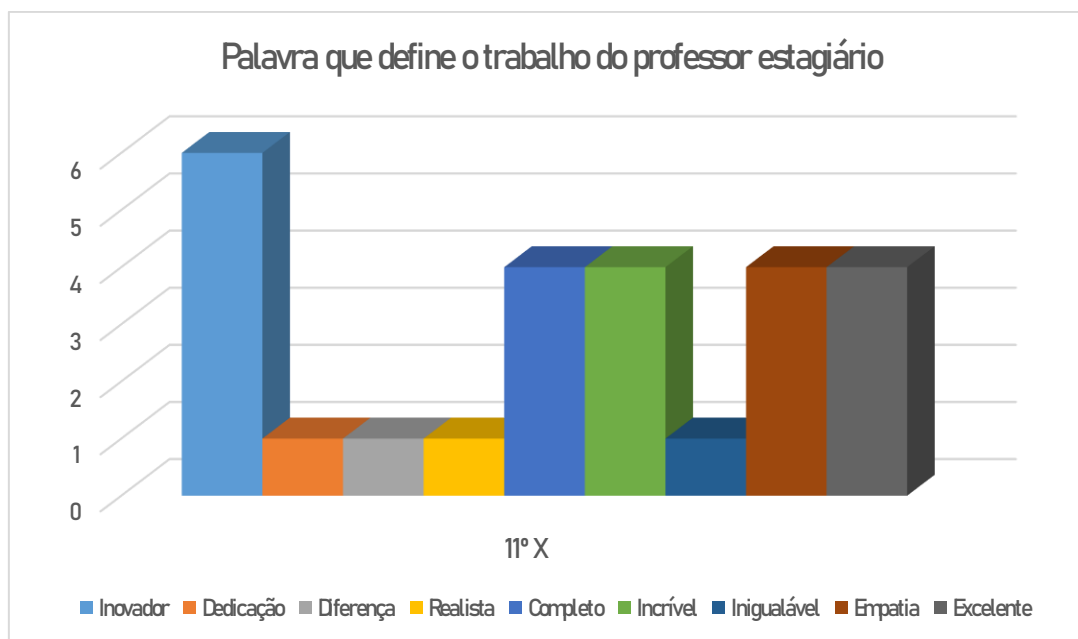


Gráfico 8 – Pergunta 6 do Questionário nº 2. Elaboração Própria

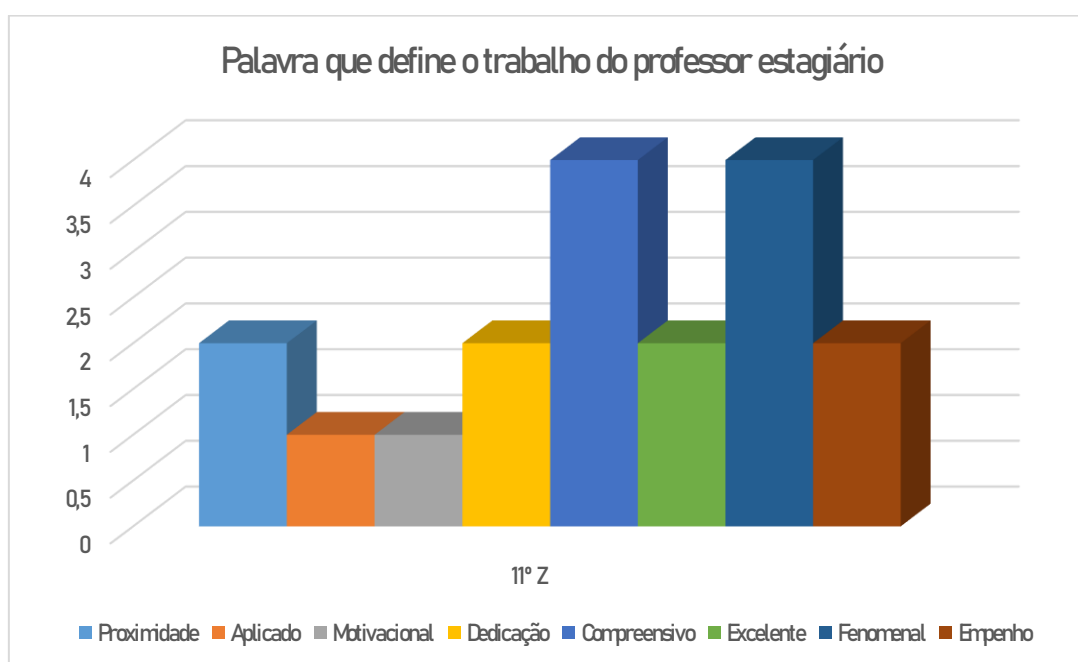


Gráfico 9 – Pergunta 6 do Questionário nº 2. Elaboração Própria

Comentário 48

“A palavra que melhor define o trabalho do professor estagiário é inovadora, porque foi um trabalho de maneira realmente nova para nós, pois estamos habituados a

que os professores só se preocupem em dar a matéria e esquecem que os alunos não são robots, mas também ser humanos que têm bons e maus momentos.”

Comentário 49

“Diferença, de forma positiva o professor mostrou-se diferente dos normais métodos de aprendizagem. Preocupou-se realmente com o nosso bem-estar e demonstrou que não somos só simples alunos, mostrou que dentro da sala de aula os sentimentos são importantes e que nos ajudam a ser melhores alunos e cidadãos.”

Comentário 50

“Inovação. Nunca tinha trabalhado com um professor assim e foi uma grande ajuda para mim, não só na disciplina, mas em várias situações.”

Comentário 51

“INIGUALÁVEL... escolheria esta palavra porque o professor estagiário de história A foi sem dúvida um excelente professor. Acompanhou-nos durante este ano letivo, passou-nos força, esteve presente para nos ajudar, para nos motivar, para nos animar. Na minha opinião, o professor João será sem dúvida um bom professor. Desejo que o professor consiga sempre alcançar os seus objetivos. O professor João ficará marcado no nosso coração.”

Comentário 52

“A palavra seria inovadora pois cada vez mais os professores preocupam-se em preparar-nos para os exames nacionais chegam a uma aula e “despejam” a matéria. No entanto o professor estagiário com os seus cartões era inovador e deixava-nos mais à vontade para expormos as nossas dúvidas e também falar com ele se eventualmente tivéssemos algum problema.”

Comentário 53

“Excelente, foi sempre um professor muito atencioso com os alunos, se todos estão a perceber a matéria, se estão bem. Notava-se nele que era fundamental ter uma boa relação com os alunos, o que eu concordo. E recordo muito bem uma frase que ele disse algumas vezes, “Eu se quero ser professor, é porque gosto e vocês devem fazer o mesmo, escolher uma área que gostam.”

Comentário 54

“Incomum. Não é incomum que os professores se preocupem connosco, mas é incomum eles o transmitirem. Os alunos sentem-se muito mais valorizados quando têm inúmeras oportunidades de expor os seus sentimentos. Cada conversa com o professor João ficou gravada pois nós queríamos ouvir e perceber. Para além dos sentimentos, tentou explicar de uma forma fácil e apelativa para que todos nós entendêssemos. Foi um excelente professor, ouviu-nos, motivou-nos e transmitiu-nos bons ensinamentos.”

Comentário 55

“É muito difícil definir o trabalho do professor numa só palavra, mas provavelmente a que mais se assemelha é “motivacional” pois na minha opinião a motivação que ele nos deu foi extraordinária. Obrigado por este ano incrível, ficará marcado para sempre. Tudo de bom. Abraço.”

Comentário 56

“Excelente. Porque sempre se notou, de longe, que o professor adora estar ali, adora história, adora ensinar-nos, e isso é tão importante! O professor sempre demonstrou preocupar-se connosco, com os nossos sentimentos, se estamos ou não a perceber a matéria, e explicar-nos de todas as formas até entendermos. E algo que o professor sempre nos disse é que o objetivo dele era que nós gostássemos do que estava a ensinar, e não somente decorar, porque isso contribui para uma boa nota, mas não para o verdadeiro conhecimento. Claro que isso também depende muito de nós, e na verdade só de nós (alunos), mas um professor que nos cativa e nos dê motivação e valor é fundamental, o que com o professor João aconteceu sempre.”

Comentário 57

“A palavra que eu escolheria seria a palavra fenomenal, porque foi simplesmente admirável o trabalho realizado pelo professor estagiário ao longo do ano, e é imenso o respeito que tenho por este professor.”

Comentário 58

“Inspirador. Gostava que os professores fossem como o professor João e focassem mais o seu trabalho na formação dos seus alunos e não somente nas aprendizagens de determinadas matérias.”

Comentário 59

“Promessa. Um professor com um futuro brilhante pela frente, disto não tenho a menor das dúvidas, está no top dos meus melhores professores de sempre. Nunca perca a bondade e a humildade, trabalhe todos os dias para que a sua filha, quando crescer tenha o maior dos orgulhos em si.”

Comentário 60

“Eu escolheria a palavra "amizade", porque ele dava as suas aulas de uma maneira que captava todos os alunos na sala, e demonstrava preocupação com os sentimentos do aluno, o que muitos outros professores não fazem, eu não só o sentia como um professor mas como um amigo, ele incentivava-me a continuar a querer aprender de uma forma gentil e meiga, pra mim a forma mais eficaz.”

Comentário 61

“Completo. Porque o professor não se concentrou apenas em transmitir os conhecimentos e conteúdos específicos da disciplina, mas também se preocupou em cativar a nossa atenção, usando uma abordagem mais pessoal e atenta, e que permitiu uma melhor compreensão e aprendizagem dos mesmos.”

Comentário 62

“Se tivesse que escolher uma palavra para definir o trabalho realizado pelo professor seria “proximidade”, pois foi o que mais senti ao longo do ano. Senti que ele queria genuinamente saber a nossa opinião e fez-nos sentir importantes, o que nem sempre sentimos com outros professores. Cumulativamente, estabeleceu laços de confiança com todos os alunos, e todos sabiam que podiam contar e confiar com o professor para os ajudar.”

...Afinal em que ficamos?

Procurando fazer um balanço final, importa retermos o que afinal ficou deste processo simultaneamente inicial e prospetivo. Inicial porque eivado de questões, dúvidas e hipóteses. Prospetivo porque muitas ilações ficaram para a nossa profissão futura. As questões iniciais foram uma orientação específica, dentro de um assunto muito abrangente: a importância das emoções na sala de aula.

- Será que os alunos consideram importantes os sentimentos dos outros?
- É relevante um professor preocupar-se com o que os alunos sentem?
- O aluno valoriza mais a competência ou a afetividade do professor?
- Que características deverá ter o professor ideal?
- Podemos utilizar as emoções e rentabilizá-las no ensino da História?

Os alunos, de um modo geral, consideram importantes os sentimentos dos outros, existindo uma minoria que torna o seu envolvimento dependente de reciprocidade. Outros, mais generosos, persistem em manter um relacionamento afetivo porque o consideram importante nas suas vidas. Na perspetiva dos estudantes é muito importante o professor estar atento e preocupar-se com o que eles sentem. Evidenciam a necessidade de um apoio emocional, e se o docente conseguir estabelecer uma relação afetiva com eles, estarão mais confiantes e motivados para a aprendizagem. Todavia, os alunos quando confrontados com uma hierarquização de importância entre competência e afetividade no docente, referem a importância das duas, com uma ligeira prevalência pela primeira, o que não deixa de ser curioso, pois consideram a afetividade importante, mas não diminuem a função principal do professor, pois ensinar e transmitir conhecimento aos alunos consideram ser a sua função principal. O professor ideal para os alunos será um professor compreensivo, competente, simpático, amigo, inovador, exigente e que tenha gosto pela profissão que desempenha.

Considero que as primeiras quatro perguntas, sustentadas nas opiniões dos alunos, foram claramente respondidas, restando a última que terá por base uma reflexão própria, alicerçada nas atividades realizadas e observações decorrentes, durante o meu ano de estágio pedagógico. A esta, eu afirmo de forma inequívoca e respondo com um claro sim: podemos (e devemos) utilizar as emoções rentabilizando-as no ensino da História. Percebi

claramente que estabelecendo uma relação emocional e afetiva com os alunos, eles estariam mais motivados e atentos à matéria. Quando coloquei em prática a ideia dos cartões de aprendizagem (mas também de disposição para a participação), vislumbrei nos alunos uma motivação e alegria por respeitar o que sentiam, e demonstrar interesse nas suas opiniões, quer em relação aos conteúdos, à qualidade da aula e aos recursos utilizados. Nas atividades realizadas, foi perceptível a ligação emocional a locais, personagens ou acontecimentos históricos, de forma mais clara e objetiva nos trabalhos concebidos para a conferência sobre as emoções do que na visita de estudo à rota Porto Liberal. Na primeira atividade, o objetivo foi conseguido plenamente na maioria dos trabalhos realizados, ao contrário da visita de estudo. Aqui, o meu entendimento é de que a pandemia COVID-19 que estamos a viver e que impediu a visita aos locais, acabou por ter impacto na realização dos trabalhos. Além de não poderem vivenciar *in loco* os espaços, não foi possível perceber quais os sentimentos e emoções que esses locais desencadeariam nos alunos, promovendo certamente novas abordagens e diferentes perspetivas na elaboração dos trabalhos.

Aquilo que retiro e levo para a minha vida profissional futura é um misto de novidades e de suspeitas confirmadas. Entrei neste mestrado por sentir ser esta a minha vocação e, findo este percurso, é clara a minha vontade: ser professor, ou melhor, um stôr, diferente na forma como trata os alunos, demonstrando-lhes que têm opinião e que esta conta.

As emoções e a dimensão afetiva fazem parte do processo de aprendizagem, não é possível nem é aconselhável a sua negligência. Muitas vezes os docentes estão mais preocupados em desenvolver a forma como ensinam, quando deveriam estar mais empenhados em refletirem sobre como se aprende e em como os alunos se sentem. Por exemplo, quando conversamos com alguém durante algum tempo, a outra pessoa pode estar emocionalmente abatida, eventualmente concentrada ou não, e é normal que durante a conversa, “desligue” algumas vezes daquilo que dizemos. Ora, se consentimos isso numa conversa normal, porque não o podemos fazer numa sala de aula, assumindo que a dimensão afetiva faz parte da aprendizagem? Um docente pode preparar bem as suas aulas, ser um bom orador e continua a ter alunos desatentos, desinteressados e emocionalmente abatidos. Será que é possível que todos os alunos estejam atentos numa

aula? Será exigível que o aluno esteja sempre atento? Será que é exequível ensinar sem ter em conta o estado emocional dos alunos?

Acho ser correto e urgente colocar no centro das questões educativas, os alunos. É recorrente ouvir que os alunos são o problema: ora porque não querem aprender, ora porque são muito diferentes atualmente (sempre a referência a um passado supostamente melhor). Este é, no meu entender, um dos problemas da escola: existem excelentes modelos educativos, mas o que atrapalha são os alunos. Ora, o que o meu relatório procurou demonstrar é que se a comunidade educativa for capaz de se voltar para os alunos e construir a escola a partir deles, o sucesso será muito maior. Desta forma, uma das prioridades deverá ser a preocupação com o que os alunos sentem dentro e fora da sala de aula. O docente deverá tentar estabelecer uma relação empática com os alunos, englobando a aprendizagem sob uma atmosfera afectiva que irá fomentar o seu sucesso, educativo e pessoal.

O meu relatório de estágio procurou plasmar muito daquilo que eu quero ser como professor. Só faria sentido para mim escolher um tema que elucide o que pretendo ser no futuro enquanto professor e que, na minha perspetiva, poderá ser o que me vai distinguir dos demais. Sei que os constrangimentos e as resistências serão muitas, mas tenho firme convicção de que serei um excelente e diferente stôr, pois sinto que é algo que sempre quis fazer.

“Toda a força que cresceu, na vida que deus me deu, a vontade de gritar bem alto, todo o mundo há-de ouvir, todo o mundo há-de sentir, tenho a força de mil homens para o que há de vir.” (Da Weasel, letra da música Força - uma página de história)

6. Bibliografia

- Alzina, R. B. (2005). *Educación Emocional y Bienestar*. Bilbao: Praxis.
- Behera, A. K. (2016). Understanding Emotional Intelligence in Educational Context. *International Journal of Humanities and Social Science Invention*, 17-28.
- Camargo, D. d. (2002). Emoções e sentimentos no processo de aprendizagem: um estudo de caso. *Interação em Psicologia*, 213-222.
- Campenhoudt, R. Q. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Cardeira, A. R. (24 de 06 de 2012). Educação Emocional em Contexto Escolar. *Psicologia.pt*.
- Chan, D. W. (2002). Emotional Intelligence: Implications for Educational Practice in schools. *Educational Research Journal*, Vol. 17 N° 2.
- Damásio, A. R. (2000). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Companhia das Letras.
- Educação, D. G. (2017). Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Lisboa.
- Educação, D. G. (Fevereiro de 2019). *Júri Nacional de Exames - Certificar com Equidade*. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/JNE/relatorio_anual_do_jne_2018_final_lv.pdf
- Educação, M. d. (1 de Abril de 2002). *dge.mec*. Obtido de Programa de História A: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_Linguas_e_Humanidades/historia_a_10_11_12.pdf
- Educação, M. d. (Agosto de 2018). *Aprendizagens Essenciais*. Obtido de dge.mec.pt: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf
- Europa, C. d. (Setembro de 2018). Ensino de Qualidade na Disciplina de História no Século XXI.

- Faria, A. C. (2013). Aprendizagem social e emocional: Reflexões sobre a teoria e a prática na escola portuguesa. *Análise Psicológica*, 407-424.
- Faria, A. C. (2017). Educación social y emocional revisitada: perspectivas sobre la práctica en la escuela portuguesa. *Revista Interuniversitária de Formação de Professores*, vol. 31, nº 1, 2017, pp. Vol. 31 nº 1 65-76.
- Filliozat, I. (2003). *El corazón tiene sus razones*. Barcelona: Ed. Urano.
- Frevert, U. (2011). *Emotions in History - Lost and Found*. Budapest: Ceu Press.
- Frevert, U. (2014). *Emotional Lexicons*. Oxford: Oxford University Press.
- Gingras, D. M. (1999). *Como Ensinar Atitudes: Planificar, Intervir, Avaliar*. Porto: Edições Asa.
- Goleman, D. (1997). *Inteligencia Emocional*. Barcelona: Editorial Kairás.
- Guerra, M. Á. (Maio- Agosto de 2015). Corazones, no solo cabezas en la universidad. Los sentimientos de los estudiantes ante la evaluación. *Revista de Docencia Universitaria*, pp. 125-142.
- Guerra, M. S. (2006). *Arqueologia dos Sentimentos*. Porto: Edições Asa.
- James, O. (2019). *Como desenvolver inteligência emocional*. The School of Life.
- Meyer, S. &. (1989/90). Emotional Intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 185-211.
- Neill, A. (1970). *Liberdade sem medo*. São Paulo: Ibrasa.
- Pacheco, J. L. (2000). *Fazer Investigação*. Coleção Panorama.
- Pekrun, R. (2014). Emotions and Learning. *Educational Practices Series* - 24.
- Pinto, A. d. (2001). *Psicologia Geral*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodrigues, D. A. (2020). *Emoções e Sentimentos Académicos em Estudantes de Ensino Superior*. Évora: Universidade de Evora - Escola de Ciências Sociais.
- Santos, J. d. (2000). *Educação Emocional na Escola: A Emoção na Sala de Aula*. Salvador da Bahia: Faculdade Castro Alves.
- Savater, F. (1997). *El Valor de Educar*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A.

- Silva, M. S. (2018). Inteligência emocional e a sua aplicação no contexto educacional. *Luminar*, N° 2.
- Teixeira, I. A. (Maio/Agosto 2007). Da Condição Docente: Primeiras aproximações teóricas. *Educ. Soc. Campinas*, vol. 28, n. 99, p. 426-443.
- Zabalza, M. Á. (2004). *Diarios de Clase*. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.